

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**  
**MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**NATALIA GABRIEL RODRIGUES**

**ACOLHER E ALIENAR: PISTAS E FICÇÕES SOBRE URBANISMO,  
CIDADE, TURISMO E SAÚDE MENTAL**

Salvador

2019

**NATALIA GABRIEL RODRIGUES**

**ACOLHER E ALIENAR: PISTAS E FICÇÕES SOBRE URBANISMO,  
CIDADE, TURISMO E SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/FAUFBA – como requisito para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Urbanismo. Linha de pesquisa: Processos Urbanos Contemporâneos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Thaís de Bhanthumchinda Portela.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Janaína Bechler.

Salvador

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
**Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)**  
**Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)**

R696

Rodrigues, Natalia Gabriel.

Acolher e alienar [manuscrito] : pistas e ficções sobre urbanismo, cidade, turismo e saúde mental / Natalia Gabriel Rodrigues. – Salvador, 2019.

118 f. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thais de Bhanthumchinda Portela.

1. Sociologia urbana - Salvador (BA). I. Portela, Thais de Bhanthumchinda. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 316.334.56(813.8)



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA MESTRANDA  
NATALIA GABRIEL RODRIGUES

Ao décimo oitavo dia do mês de julho de dois mil e dezenove, reuniu-se por convocação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, a comissão composta pelas Professoras Doutoras Thais de Bhanthumchinda Portela, Janaina Bechler, Gabriela Leandro Pereira, Simone Mainieri Paulon sob a presidência da primeira, na qualidade de orientadora, para proceder ao exame do trabalho apresentado pela mestranda NATALIA GABRIEL RODRIGUES intitulado "ACOLHER E ALIENAR: PISTAS E FICÇÕES SOBRE URBANISMO, CIDADE, TURISMO E SAÚDE MENTAL".

O ato teve início às 14:30 horas, tendo sido concedido à mestranda cinquenta (50) minutos para exposição resumida dos conteúdos do seu trabalho. De acordo com as normas que regulam a matéria, cada examinador fez suas observações e levantou questões, que foram respondidas pela candidata.

Concluído o exame, os professores atribuíram as seguintes indicações:

Profa. Dra. Thais de Bhanthumchinda Portela	APROVADA COM DISTINÇÃO
Profa. Dra. Janaina Bechler	APROVADA COM DISTINÇÃO
Profa. Dra. Gabriela Leandro Pereira	APROVADA COM DISTINÇÃO
Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon	APROVADA COM DISTINÇÃO

Com o que se julgou a mestranda **APROVADA COM DISTINÇÃO**, sendo recomendado ao Colegiado de Curso deste Programa de Pós-Graduação que seja concedido à NATALIA GABRIEL RODRIGUES o grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Salvador, 18 de julho de 2019

Profa. Dra. Thais de Bhanthumchinda Portela  
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora  
PPG-AU/FAUFBA

Profa. Dra. Janaina Bechler  
Membro da Banca Examinadora  
PPG-AU/FAUFBA

Profa. Dra. Gabriela Leandro Pereira  
Membro da Banca Examinadora  
FAUFBA

Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon  
Membro da Banca Examinadora  
UFRGS

Para Maribel, Paula, Margarida e outros personagens do Hospital (e recinto turístico) Sant Pau com quem assisti aos fogos de São João pela primeira vez. Dedico aos pacientes que conhecem a espera.

## AGRADECIMENTOS

Devo agradecer ao caos, parte da minha vida feita em corda bamba, por me desorganizar e ainda colocar no meu caminho quem ajude a deixá-lo em harmonia.

Aos encontros feitos pela UFMG, UAB e UFBA, instituições de onde vieram amigos, força e ideias. Ao Magno, pelos mapas feitos à mão. Arthur e Matheus, por compartilharem poesia comigo e com outros. À Júlia Pirata, parceira de loucura, filosofia e skypes. Agradeço à Olívia, quem faz arte junto aos loucos. Raphael e Felipe, pela excentricidade e dias de sol. Gabriela Cicci, agradeço pelas conversas sempre instigantes e por me apresentar Diomira Faria, professora que nunca tive em aula, mas, por minha sorte, esteve incontáveis vezes presente extraclasse.

Geórgia, pela antena acesa e pelos papos bem atravessados. À Giulia, por ser bruxa. À Júlia Caribé, amiga-ponte-dicionário, por tanta confiança e partilha. À prof<sup>a</sup> Raquel Matos, conselheira atenciosa. À Arizla, por saber ser e ensinar coragem há 28 anos. À médica e amiga Jéssica Caroline, por todas as consultas à distância. Patrícia, pela retomada da amizade justo em tempo. À todas essas pessoas, agradeço pela escuta e carinho, vitais para a escrita acadêmica e ainda outras.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Tai, presente para além da UFBA, por propor e topar maluquices. À coorientadora Janaína Bechler, pela gentileza com as palavras e todas as indicações precisas.

Ao grupo de pesquisa CIPOS, onde conheci Rafaela Kalaffa, Cibele Bonfim, Matheus Tanajura, Yara Coelho, Larissa Rocha, Thaís Garcia, Lucas Mucarzel e Solange Valadão, com quem pude aprender dividindo trajetórias. Aos *rolezinhos* com todos.

Agradeço às professoras Gabriela Leandro e Simone Paulon pelas perspectivas, incentivos e por serem fonte de inspiração.

À CAPES, pela bolsa concedida em um período tão difícil para a educação brasileira.

À Dona Antônia e Dona Tianinha, com seus chás, benzas e rezas, produtoras de conhecimento, contadoras de causos, colo e risadas, pelo afeto e maior acolhimento possível. Também pela sanidade.

À minha mãe, por isso e todo o resto, quem oferece o maior apoio e encoraja todas as minhas escolhas, agradeço muito por tentar compreender o caos em mim, ouvir minhas histórias e por se orgulhar das pequenas e grandes conquistas.

Aos meus irmãos, Franco e Lara, por saberem demais e, ainda assim, permanecerem ao meu lado na parceria. À minha família, tia Lú, tia Gabi, Iasmim e Ian, sou muito grata pela paciência, confiança, pelas trocas e diferenças.

À Marina, quem divide muito e inventa cotidianos comigo. Obrigada pelo ritmo desacelerado, pelas reflexões, pausas e por ser escuta de minhas ideias. Aos Pires Guerra Aguiar, família que veio junto e por sorte, virou um pouco minha também.

À Dala e Moa, por lembrarem a hora da brincadeira e do cuidado.

À Salvador, por me mostrar o outro lado do espelho.

Oriol Vall,  
que se ocupa de los recién nacidos en un hospital de Barcelona,  
dice que el primer gesto humano es el abrazo.

Después de salir al mundo,  
al principio de sus días,  
los bebés manotean,  
como buscando a alguien.

Otros médicos, que se ocupan de los ya vividos,  
dicen que los viejos, al fin de sus días,  
mueren  
queriendo alzar los brazos.

Y así es la cosa.  
Por muchas vueltas que le demos al asunto,  
y por muchas palabras que le pongamos.  
A eso, así de simple, se reduce todo:  
entre dos aleteos, sin más explicación,  
transcurre el viaje.

*Eduardo Galeano, El Viaje (2004)*

RODRIGUES, Natalia Gabriel. Acolher e Alienar: Pistas e Ficções sobre Urbanismo, Cidade, Turismo e Saúde Mental. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, PPGAU-UFBA, Salvador, 2019.

## RESUMO

Duas figuras são tensionadas ao longo dessa pesquisa transdisciplinar, representadas pelo louco e pelo turista. Em ambas há um caráter desviante em relação ao comportamento padronizado, as normas sociais e ao planejamento urbanos, pois ultrapassam os limiares que enquadram maneiras de fazer, existir e se relacionar com a cidade. Muitas vezes incômodos e *fora de lugar*, o louco e o turista mobilizam sensações quando a alteridade é possível, permitindo flexionar o olhar no sentido de uma cidade-subjetividade, constitutivas mutuamente. Nessa pesquisa, o que interessa ao criar e perceber conexões entre os campos da Psicologia Social, Urbanismo e Turismo, é investigar como se dão diferentes processos de alienação na produção do espaço e como se faz acolhimento nesse contexto. Acolher e alienar, por essa perspectiva, são ações simultâneas e coexistentes em um mesmo lugar de Salvador, o Centro Antigo. Dois equipamentos de acolhimento são definidos, o Fera Palace Hotel e o Centro de Atenção Psicossocial – CAPS II Jardim Baiano. Usando do método cartográfico para liga-los, e também as figuras que dão sentido a eles, a metodologia reúne diferentes modos de apreensão da cidade (mesclando caminhar, parar, insistir - percorrendo diferentes ruas entre o hotel e o CAPS). Outro instrumento de que se vale a cartografia nessa pesquisa, é a análise de discursos políticos por onde aparecem pistas indicando entendimentos sobre o tema em questão. As possibilidades do método escolhido são muitas e, dentro disso, o corpo vibrátil ativo, de Suely Rolnik, atento e disponível é indispensável para pensar cidade. Por fim, a proposta é abrir espaço e convidar a Amaciar Dureza, lugar da pesquisa em que a narrativa ficcional ajuda a adentrar no texto e permite que um personagem conduza os interessados por uma Salvador múltipla, acolhedora e alienante ao mesmo tempo.

**Palavras-chave:** Cartografia Sentimental; Cidade; Turismo; Urbanismo; Fera Palace Hotel; Saúde Mental; CAPS Jardim Baiano.

RODRIGUES, Natalia Gabriel. Acoger y Alienar: Pistas y Ficciones sobre Urbanismo, Ciudad, Turismo y Salud Mental. 2019. 118 f. (Maestría) – Programa de postgrado en Arquitectura y Urbanismo, Universidad Federal de Bahia, PPGAU-UFBA, Salvador, 2019.

## RESUMEN

Dos figuras son tensionadas al largo de esa investigación transdisciplinar, representadas por el loco y por el turista. En ambos, hay una naturaleza desviada en relación al comportamiento, las normas sociales y al planeamiento urbanos, pues superan los umbrales que encuadran maneras de hacer, existir y relacionarse con la ciudad. Muchas veces incómodos y sin lugar, el loco y el turista movilizan sensaciones cuando la alteridad es posible, permitiendo flexionar la mirada hacia una ciudad-subjetividad, constitutivas mutuamente. En ese estudio, lo que interesa al crear y percibir conexiones entre los campos de la Psicología Social, Urbanismo y Turismo es investigar cómo se dan los diferentes procesos de alienación en la producción del espacio y cómo se hace el acogimiento en ese contexto. Acoger y alienar, por medio de esa perspectiva, son acciones simultáneas y coexistentes en un mismo lugar de Salvador, el Centro Antiguo. Dos equipos de acogimiento son definidos, el Fera Palace Hotel y el Centro de Atención Psicosocial – CAPS II Jardim Baiano. Usando del método cartográfico para conectarlos, y también a las figuras que les dan sentido, la metodología reúne diferentes modos de aprehensión de la ciudad (mezclando caminar, parar, insistir – recorriendo diferentes calles entre el hotel y el CAPS). Otro instrumento de que dispone la cartografía en esa investigación es el análisis de los discursos políticos por donde aparecen pistas que indican entendimientos sobre el tema en cuestión. Las posibilidades del método seleccionado son muchas y, entre ellas, el cuerpo vibrátil activo, de Suely Rolnik, atento y disponible, es indispensable para pensar la ciudad. Al fin, la propuesta es abrir espacio e invitar a *Amaciar Dureza*, lugar de la investigación en que la narrativa ficcional ayuda a adentrarse en el texto y permite que un personaje conduzca a los interesados por una Salvador múltipla, acogedora y alienante, todo a la vez.

**Palabras clave:** Cartografía Sentimental; Ciudad; Turismo; Urbanismo; Fera Palace Hotel; Salud Mental; CAPS Jardim Baiano.

RODRIGUES, Natalia Gabriel. To host and To alienate: Clues and Fiction about Urbanism, City, Tourism and Mental Health. 118 p. il. Dissertation (Master) Post-graduation Program in Architecture and Urbanism, Federal University of Bahia, PPGAU-UFBA, Salvador, 2019.

### **ABSTRACT**

Two figures are opposed throughout this transdisciplinary research, represented by the madman and the tourist. Both of them have a deviant character from the expected behavior, social standards and urban planning, as they exceed the thresholds that shape ways of making, existing and relating to the city. Often disturbing and out of place, the madman and the tourist provoke sensations when alterity is possible, allowing one to inflect one's view towards a city-subjectivity that is mutually constitutive. In this research, what matters when creating and perceiving connections between the fields of Social Psychology, Urbanism and Tourism, is to investigate how different alienation processes take place in the production of space and how to provide host in this context. Welcoming and alienating, from this perspective, are simultaneous and coexisting actions in the same place of Salvador, the Historical City Center. Two welcoming equipment are defined, the Fera Palace Hotel and the Psychosocial Attention Center - CAPS II Jardim Baiano. Using the cartographic method to connect them, and also to relate the figures which give meaning to such spaces and equipment, this methodology brings together different ways of apprehending the city (mixing the ability to walk, to stop and to insist while crossing different streets between the hotel and the CAPS). Another instrument through which cartography is worth in this research is the analysis of political discourses through which clues appear indicating understandings about the theme in question. The possibilities of the chosen method are many and, within this, the active vibrating body (Suely Rolnik), attentive and available, is indispensable to think about the city. Finally, the proposal is to open space and invite to "Amaciar Dureza", part of the research in which the fictional narrative helps to immerse in the text and allows a character to lead those interested in a multiple, welcoming and alienating Salvador all at the same time.

**Keywords:** Sentimental Cartography; City; Tourism; Urbanism; Fera Palace Hotel; Mental Health; Psychosocial Attention Center - CAPS II Jardim Baiano.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Capa: Cartão postal/Popcard, Copyright 2011 Tim Roeloffs (Berlin), original colorido. Adaptado em P&B com as palavras ACOLHER ALIENAR.

- Figura 1: Mural Mulher de Roxo. Ladeira da Praça da Sé, Salvador – 2014. .... p. 65
- Figura 2: Coroada, dona da Chile. Fundação Gregório de Matos. .... p. 66
- Figura 3: Recorte de notícias dos Jornais *The Intercept Brasil*; Prefeitura Notícias – Secom; Correio 24 horas. Elaboração própria. .... p. 69
- Figura 4: Elaboração própria a partir de recortes de notícias dos jornais Correio 24 horas; Defensoria Pública da União e TV Servidor. .... p. 80
- Figura 5: Lugares de acolhimento em instituições, entre outros, no percurso entre CAPS e o hotel pontuados usando o googlemaps. .... p. 87
- Figura 6: Elaboração própria baseado nos valores disponibilizados no anexo da lei 9435 de 2018, do orçamento municipal de Salvador exercício 2019. .... p. 93
- Figura 7: Recorte de figuras e notícias retiradas do google imagens-Elaboração própria p. 97
- Figura 8: Circulação da Mulher de Roxo, do livro Mulher de Roxo – A Dona da Rua Chile (MOURA, 2009, p. 13). .... p. 99
- Figura 9: Recortes e colagem de figuras e notícias retiradas do google imagens, panfletos de arte e do livro A Ordem do Discurso, São Paulo. Ed. Loyola: 1996. Elaboração própria. .... p. 100
- Figura 10: Dossiê Amaciar Dureza. Elaboração própria .....p. 110
- Figura 11: Partes escolhidas do conteúdo do dossiê aberto ..... p. 111
- Figuras 12 e 13: Manuseando pistas para leituras outras. Texto sobre texto e texto sobre imagem ..... págs. 112 e 113

## SUMÁRIO

<b>PARTE I - Situando o leitor</b> .....	<b>13</b>
1. Apresentação: Preparando a caminhada, meu corpo-mapa .....	13
1.2. Um guia para acompanhar a discussão .....	15
1.3. Tema, objeto, justificativa e objetivos.....	30
1.4 Escolhas metodológicas: Porum AMACIAR DUREZA .....	30
AMACIAR DUREZA (ou estabelecendo um manual do cartógrafo) .....	37
<b>PARTE II – Das alienações a partir da produção do espaço</b> .....	<b>42</b>
2. Cidade e psique, <i>A metrópole e a vida mental</i> . .....	42
3. A produção do espaço hegemônica e modos de alienação .....	46
4. Do encontro com a diferença: fazer caber.....	58
<b>PARTE III – Do acolher na cidade</b> .....	<b>67</b>
Alguns discursos sobre Acolhimento e Alienação: entre o hotel e o CAPS. ....	67
5. Percorrendo lugares de acolhida na cidade .....	85
5.1. Pelas instituições e outros espaços .....	85
5.2. Pelo dinheiro: o que podem mostrar orçamentos públicos?.....	89
5.3. Pelas possibilidades.....	96
<b>AONDE CHEGAR</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>114</b>

## **PARTE I - Situando o leitor**

### **1. Apresentação: Preparando a caminhada, meu corpo-mapa**

As questões que me trazem até a Bahia foram fruto de longos caminhos percorridos, muita análise e consulta de mapas para finalmente perceber que desaprender a caminhar passos prontos seria necessário se eu quisesse tentar caminhar como penso e sinto. Há que se considerar que meu percurso acadêmico veio em grande parte da Universidade Federal de Minas Gerais, no curso de Turismo, onde a formação dos estudantes tem um caráter aberto e multidisciplinar, favorecendo ampla circulação em diferentes departamentos e faculdades da universidade e o estímulo para a construção de um pensamento articulador e conector.

O primeiro trajeto traçado, que conduziria meus passos trôpegos até essa discussão, foi a partir de um flerte com a psicologia social. Estudava mapas e produtos para minha formação de turismóloga no Instituto de Geociências e sentia muitas faltas e mal-estar por estudar a cidade (também as pessoas) tantas vezes como mercadorias, produtos à venda para entreter e receber diferentes perfis de turistas, sem que estivessem claras as relações e sujeitos que as fazem. Numa tentativa de alcançar essa compreensão, participei em 2013 – ano importante para as discussões políticas e a (re)tomada dos espaços públicos por todo o país - da disciplina Espaço e Subjetividade, conduzida pela professora Maria Luisa Magalhães Nogueira e ofertada pelo departamento de psicologia social dessa mesma universidade. Tal aproximação me apresentou muito do que ainda não conhecia e seria fundamental para seguir adiante. Ainda que tenha tido uma sensação de encontro comigo mesma nessa parte da caminhada, o contato me mostrou mais mal-estar, ficava cada vez mais difícil perceber que são múltiplos os sujeitos que fazem parte e dão sentido aos diferentes territórios, mas nem sempre são considerados em sua multiplicidade. A partir da deriva situacionista<sup>1</sup>, que me foi apresentada neste momento

---

<sup>1</sup>Proposta pelo movimento denominado Internacional Situacionista (fundado em 1957), a deriva funciona como uma espécie de jogo que tem o intuito de subverter os modos hegemônicos de vida capitalista. Liderado por Guy Debord, o movimento experimentava e criava situações de cunho político e artístico, definindo deriva como um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica

como um respiro, uma maneira de caminhar desorganizando o mapa imposto onde todos os passos são calculados, iria conduzir minha próxima tentativa por alcançar o que faz cidade, agora sabendo que uma cidade nunca é uma só (diferente do aprendido no marketing para o turismo de destinos que impõe identidade às cidades para então vender e agenciar pacotes).

Foi Barcelona o passo seguinte, novamente lugar de sensações ambíguas: muito mal-estar sendo estrangeira e ao mesmo tempo moradora (ainda que por pouco tempo), muitos encontros, afetos, acolhidas, desencontros e onde a deriva situacionista foi praticada até meus pés sangrarem. Disso, surge uma aproximação com os estudos sobre a cidade, e cursei então a disciplina de Geografia da Cidade Contemporânea, conduzida dessa vez pelo curso de *Humanitats* na *Universitat Autònoma* de Barcelona. Cada vez mais, fui me desvencilhando dos mapas turísticos e estáticos para observar as linhas do meu corpo, as cicatrizes nos meus pés e joelhos tentando enxergar em mim um mapa que me guiasse por essa cidade, também cheia de linhas, de disputas como outra qualquer, mas sempre única nas suas multiplicidades. Nessa altura da caminhada, 2014, ano de Copa Mundial no Brasil, o mal-estar e a satisfação andavam juntos ao perceber que, no mesmo lugar onde acontecem os desencontros e uma tentativa por homogeneizar impondo regras aos espaços e pessoas que neles habitam ou transitam, acontecem também muitos encontros cheios de potência e lutas que nos abrem caminhos. Assim mesmo, contraditória é a cidade, lugar que não cabe uma única perspectiva total, mas múltiplas, onde a produção dos sujeitos e subjetividades é indissociável da produção das cidades, são processos complementares.

Chego então na linha de pesquisa Processos Urbanos Contemporâneos desse programa de pós-graduação com um corpo-mapa marcado de questões em tom de denúncia e muita vontade de escrever sobre elas. O corpo que escreve essa pesquisa é aberto, disponível, sensível e atravessado por momentos políticos, também por afetações, condições e características estas

---

de passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência. ” (JACQUES, 2003, p. 65). Caminhar é fundamental na deriva situacionista, sem seguir lógicas, mas podendo seguir recomendações, fazendo da experiência de caminhar pela cidade um verdadeiro jogo.

propícias à prática da cartografia, como entenderia mais tarde. É relevante ser dito dessa abertura, já que parece ter implicações diretas no processo da escrita dessa pesquisa e no posicionamento acadêmico que proponho nas páginas adiante. Assim, sem saber quantas cidades trago em mim, as questões propostas a seguir vêm de atravessamentos que me fizeram encontrar por vezes com a loucura, com a turismóloga em mim, com inúmeras cidades concretizadas ou imaginadas e, sobretudo, com tantos sujeitos que a elas dá sentido algum ou nenhum.

## **1.2. Um guia para acompanhar a discussão**

Com a trajetória apresentada, após percorrer três campos que reúno aqui – Turismo, Saúde Mental e Urbanismo - chego à atual questão pensando sobre acolhimento na cidade: *como se dão diferentes processos de alienação e acolhimento na produção do espaço? Acolher e alienar são ações possíveis e coexistentes se procurarmos em um mesmo lugar? É preciso levar em consideração que esses três campos serão discutidos de forma relacional, por isso, essa pesquisa não tem a pretensão de aprofundar ou dedicar-se sobre conceitos de cada um deles, portanto, deve-se entender alguns limites nessa discussão transdisciplinar. A maior intenção aqui será a de elucidar relações, pontos em comum e conexões que vejo entre os três campos tão amplos e distintos. A seguir, apresento momentos importantes e alguns entendimentos de cada um deles, começando por uma contextualização.*

A pesquisa está organizada em três partes: esta é a primeira delas, introdutória, trazendo entendimentos e relações importantes para acompanhar as partes seguintes. Na parte dois, de caráter bibliográfico, seleciono algumas autoras e autores para conversar sobre cidade, alienação, produção do espaço e a diferença, que viabilizam a discussão central e algumas articulações nesse trabalho. Na terceira, percorrerei por indícios, discursos, lugares e ficções para aprofundar no tema do acolhimento na cidade.

**Contextualizações: Da relação entre Turismo – Espaço – Acolhimento.** O Turismo, capaz de movimentar grandes fluxos, é definido pelo Ministério do Turismo no Brasil em três conceitos complementares:

1. o movimento de pessoas, por tempo determinado, para destinações fora de seu local de residência, e as atividades realizadas durante o tempo de permanência nas localidades visitadas (CONGRÉS DE L'AIEST, 31°. 1981);
2. **É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo.** É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 1992. Grifos meus);
3. Conjunto de relações e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do lugar de domicílio, desde que tais deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa. (BRASIL, s. d.).

Esses conceitos se referem a um turismo hegemônico e é seguindo essa definição que o Ministério do Turismo se orienta ao pensar diretrizes e ações nesse setor. Ainda assim, cabe destacar que fora de um conceito hegemônico há também outras perspectivas dentro do campo do Turismo que o ampliam para além de uma atividade econômica e reconhecem ainda a possibilidade das pessoas realizarem turismo dentro de suas próprias cidades, como afirmam Velho e Grunewald (apud ALMEIDA, 2013). Mesmo reconhecendo que existem diferentes conceitos, levantarei algumas questões a partir daquele adotado pelo Ministério do Turismo, já que se trata de como o poder público o define.

Na segunda definição, a entidade responsável pela execução da Política Nacional de Turismo – Embratur (criada em 1992), deixa claro que a movimentação e deslocamento de pessoas é compreendida enquanto atividade econômica. Visando fomentar essa dinâmica, são feitas articulações e parcerias a partir de diferentes agentes com investimentos públicos e privados, com um apelo desenvolvimentista, é o que nos dizem Oliveira & Oliveira (2012). De acordo com esses autores, conceber turismo dessa maneira altera espaços, seus usos e significados, já que são implantadas infraestruturas para movimentar a atividade e receber turistas segundo padrões estabelecidos, e prosseguem:

O Estado se configura, de fato, como o sujeito ativo da política de turismo, por contar com os meios e instrumentos políticos, jurídicos, administrativos (e até policiais) para a ordenação da atividade, face aos impactos que o fluxo de turistas e as repercussões das atividades econômicas por ele geradas têm sobre o território e a sociedade. No entanto, o seu papel deve se restringir à regulação e regulamentação. Figueirola Palomo (1985) relaciona, dentre as atribuições do Estado, estimular e incentivar a iniciativa privada com fins a um desenvolvimento mais intenso e harmônico; prestar ajudas econômicas e de orientação nos projetos que promovam efeitos sociais e econômicos benéficos; defender os recursos naturais, históricos e patrimoniais e os direitos dos consumidores turistas; controlar o equilíbrio estrutural e o cumprimento da normativa; criar e articular o marco jurídico para o normal e perfeito desenvolvimento e expansão e corrigir desajustes mediante ações diretas e indiretas. (Op. cit, p. 386, grifos meus).

Ou seja, as principais atribuições da Política de Turismo são a organização das ações do Poder Público para o estabelecimento de parâmetros no planejamento e execução das ações dos governos estaduais e municipais, orientando também o setor privado (importante parceiro do Estado nesse contexto). Para que houvesse maior dinamismo e organização no turismo brasileiro visando desenvolvimento econômico, foram sendo criados programas específicos no âmbito regional, tendo a Bahia seu destaque por se tratar de um estado visto com “vocação natural” para a atividade, segundo os autores.   nessa localidade que se estabelece o Programa Para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR-NE (também de 1992), idealizado para direcionar as estratégias de governo a partir desse ano, que movimentaria diretamente a economia nessa região e modificaria seu espaço geográfico, visto que o programa configurava “o desenho de uma nova geografia para o estado da Bahia, com a sua divisão em sete áreas turísticas, e um esforço para atrair investimentos para obras de infraestrutura [...], em saneamento, energia, constru o de estradas, aeroportos, recupera o do patrimônio histórico.” (GONÇALVES apud OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R, 2012, p. 393).

Sobre esses investimentos, interessa aqui saber que o PRODETUR-NE conta com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), entre outros recursos externos de investidores, ao criar, interferir e impactar diretamente na urbaniza o para o turismo. Acaba, assim, por funcionar como uma política urbana que viabiliza o desenvolvimento desta atividade considerando

fundamentalmente seu viés econômico com interesses que deixam de buscar ou articular alternativas localmente ancoradas e socialmente inclusivas (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012, p. 395). Nesse contexto, os mesmos autores - além de outros importantes para a discussão do turismo em cidades (JUDD, 1999; HAYLLAR et al 2011), debatem possíveis consequências dessa atuação sócio-política-econômica configuradora de espaço, tais como: turistificação, para se referir a privatização do espaço público com o intuito de movimentar interesses turísticos e econômicos que impulsionam a segregação espacial e exclusão social (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012) e; o conceito de bolhas turísticas, criado para “Denominar a área em uma cidade criada e gerida exclusivamente por turistas. Tal bolha compreende um cenário turístico meticulosamente formulado e administrado, e que pode também estar isolado dos problemas sociais e ambientais que afetam a cidade, como decadência estrutural, criminalidade e miséria.” (JUDD, 1999, p.39 in HAYLLAR et al, 2011, p. 104). Dessas bolhas turísticas, Judd diz que funcionam “como um parque temático [com] locais padronizados... produzidos para a massa, quase como se fossem feitos em uma fábrica de infraestrutura turística”. (Op. cit. p. 12). Considerado dessa forma, o espaço turistificado e composto em bolhas, não permite ao turista o entendimento da dinâmica local, já que está apartado dela e circula por espaços padronizados, verdadeiros cenários demarcados. Pensando na relação entre moradores e as bolhas turísticas, o processo de gentrificação nas cidades contemporâneas também se insere nesse contexto, onde pessoas são removidas de seus territórios para abrir espaços de maior interesse do e para o capital. Ou seja, partes da cidade são modificadas de modo a atender interesses mercadológicos preparados para a encenação, o que afeta a vida daqueles que nelas existem, resistem e habitam.

Esses termos - turistificação, bolhas turísticas e gentrificação - permitem compreender as aproximações e uma conexão bastante clara entre os impactos urbanos e as dinâmicas turísticas organizadas e geridas pelo Estado, importantes para o estudo sobre cidades. A partir deles, podemos ver diferentes maneiras de distanciamento e afastamento entre sujeitos e o território. Pensando nesse distanciamento, o turista que viaja condicionado dentro dos padrões hegemônicos e compreende a atividade partindo da dimensão econômica, consome os destinos visitados e fica limitado às bolhas turísticas, longe de perceber uma dinâmica

da cidade e suas pluralidades. Em relação aos processos de gentrificação - algumas vezes resultado de articulações onde o turismo é apresentado como uma solução mercadológica - os moradores que estabelecem relações com e na cidade, por sua vez, são distanciados e deslocados do seu território cotidiano para ceder espaço ao consumo, sendo eles mesmos por vezes objetificados enquanto personagens da cena turística. É nessa complexidade que se estabelecem conexões entre o turismo e as cidades, sendo importante pontuar aqui essa forma de alienação nas relações entre o território e as pessoas, que produz e reproduz maneiras de fazer e pensar o turismo em bolhas.

Por outro lado, essa mesma dinâmica que produz relações alienadas, como sugerido, promove a hospitalidade e acolhimento para o turista. O Ministério do Turismo, órgão que conduz as políticas públicas de turismo no Brasil, por sua vez, não traz uma definição direta sobre o que seria acolhimento em seu contexto. Ainda assim, em nota lançada na data que se comemora o Dia da Hospitalidade<sup>2</sup>, o termo aparece da seguinte maneira: “No dicionário, a hospitalidade tem muitos sinônimos: acolhimento, recepção e cordialidade são apenas alguns. No Brasil, todos eles servem para descrever a capacidade do brasileiro de cuidar bem dos visitantes que recebe.” (MTUR, 2019). Percebe-se então que, de uma maneira geral, o acolhimento no turismo se refere ao bem receber dos visitantes, numa ideia de hospitalidade.

Na literatura sobre o tema (BIAGIO, 2001; SANTOS e OLIVEIRA, 2010), em uma teoria do turismo, acolhimento está diretamente ligado a satisfazer clientes para fidelização, ou seja, se trata de um acolhimento profissionalizado por técnicas e por infraestrutura adequada que irão garantir o retorno do turista, como sugere a leitura da citação seguinte

Parece evidente que [acolhimento] se trata de um processo e não apenas de uma ação pontual a cargo de algumas pessoas, e a sua possível influência sobre o fluxo de turistas aos diferentes destinos. Salientamos a maneira como o

---

<sup>2</sup> O pronunciamento pelo Ministério do Turismo durante o Dia da Hospitalidade está disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12332-conhe%C3%A7a-os-cinco-estados-mais-hospitais-do-brasil.html> Acesso em 03/04/2019.

acolher deveria ser valorizado técnica e afetivamente, por meio da tomada de consciência de variados processos que intervêm neste importante momento para o turista: o seu acolhimento no destino que escolheu para desfrutar as suas férias ou para desempenhar suas atividades profissionais. (...) o acolhimento deve acompanhar todas as ações que implicam a relação com o cliente, inclusive os atos de encerramento, pois a última expressão não deve ser o "adeus", mas sim o "volte logo, continuaremos de braços abertos para acolhê-lo", dessa forma, planta-se no cliente a semente do desejo de voltar, pois ele lembrará sempre de que foi e será bem acolhido, transformando-se assim em cliente permanente. Enfim, a fidelidade é o "laço que nos unirá neste mundo de competição que reconhecemos e nos estimula a vencer" pela qualidade do acolhimento oferecido como promessa inicial e cumprido como compromisso permanente (BIAGIO, M. A. 2001, p. 28)

Ao apontar o acolhimento como um diferencial na qualidade de um serviço, frente aos competidores, esse autor nos mostra também a distinção de um “acolhimento mercantilizado” que pode frustrar os turistas. Outros elementos devem ser considerados, segundo ele, tais como: o sorriso, eficiência, sobretudo na recepção, o calor humano, conforto e a limpeza do lugar, e nos lembra que a viagem simboliza a liberdade que valoriza o homem (Op. cit, p. 24).

Há também uma perspectiva menos econômica e funcional da hospitalidade e do acolher no turismo entre acadêmicos. As autoras Santos e Oliveira (2010) compreendem e explicam da seguinte maneira

A hospitalidade está no cerne das relações humanas. A interação entre sujeitos, o contato humano, o acolher e o sentir-se acolhido alimentam essas relações e as potencializam. Por isso, esse fenômeno social está intimamente ligado ao turismo, uma vez que este, sem desconsiderar dimensões de cunho mais pragmático, está assentado principalmente em sua dimensão humana. (SANTOS, M.M.C. dos; OLIVEIRA, A.C, 2010, p. 1)

O acolhimento então, além das definições econômica utilizadas pelo Ministério do Turismo, em Santos e Oliveira aparece como sinônimo de hospitalidade. Esta, por sua vez, é considerada ora pela dimensão humana, por estar no cerne das interações entre sujeitos, o contato e a sensação de acolhimento, ora pela relação entre cliente e fornecedor como prestação de um serviço diferenciado (BIAGIO, op.cit). Notado pelas autoras, são as pessoas, lugares e relações socioespaciais – para além da marcante

relação comercial – as responsáveis por potencializar a hospitalidade e o sentir-se acolhido. O fenômeno social é, dessa maneira, central para atividade. Reunidas essas compreensões e definições, somando a um posicionamento crítico, o acolhimento é ainda mais que sinônimo de hospitalidade ou a característica de um destino para promoção turística. Acolher, mais que isso, trata-se de uma ação, um processo de trabalho contínuo, onde a hospitalidade pode ser desenvolvida. Veremos como essa concepção processual pode ser notada também no campo da saúde.

**Da relação entre Saúde Mental – Território – Acolhimento.** Partindo de uma perspectiva historiográfica, Foucault explicita como a loucura esteve apartada e segregada da cidade desde a Idade Média. A forma de lidar com a loucura seguiu, por muito tempo, o modelo manicomial e os ditos loucos eram totalmente privados do convívio social, tendo sido essa uma realidade por longos 300 anos da história ocidental (FOUCAULT, 1961). Vivemos as consequências dessa segregação, verdadeira forma de alienação entre espaço e loucura, que cria sujeitos historicamente excluídos, eles mesmos alienados de si (p. 476). Os ditos alienados na concepção machadiana<sup>3</sup> são afastados de si mesmos e, muitas vezes, privados do convívio na cidade, na medida em que o modelo asilar persiste e também o medo da desordem que a percepção estigmatizada da loucura carrega.

Das privações pelas quais passou a loucura, Foucault conta da Nau dos Loucos, uma embarcação onde seriam confinados e destinados a navegar rumo à incerteza. A história dessa navegação dos tempos medievais é entendida por Foucault como

---

<sup>3</sup> Clássico da literatura brasileira, “O Alienista” foi publicado pela primeira vez em 1881 no periódico A estação, escrito por Machado de Assis. Essa novela retrata o confinamento da loucura como forma de tratamento, fazendo uma verdadeira sátira da sociedade, tendo destaque entre os melhores contos de loucura em tom revolucionário, segundo COSTA (2007) no livro **Os melhores contos de loucura** / Flávio Moreira da Costa (org.); tradução de Celina Portocarrero. [et al]. – RJ: Ediouro, 2007).

Uma situação simbólica e realizada ao mesmo tempo pelo privilégio que se dá ao louco de ser fechado às portas da cidade: sua exclusão deve encerrá-lo; se ele não pode e não deve ter outra prisão que o próprio limiar, seguram-no no lugar de passagem. Ele é colocado no interior do exterior, e inversamente. Postura altamente simbólica e que permanecerá sem dúvida a sua até os nossos dias, se admitirmos que aquilo que outrora foi fortaleza visível da ordem, tornou-se agora castelo de nossa consciência. (FOUCAULT, 1961, p. 12)

Essa imagem potente da loucura encarcerada e entregue às incertezas do mar permite refletir sobre o lugar destinado a ela ainda hoje. Se existem e atuam fortemente movimentos que lutam por uma sociedade sem manicômios (de extrema importância e necessárias), é por razões históricas socialmente construídas.

Considerando isso, veremos o contexto mais atual dessas lutas a partir das conquistas alcançadas, pontuando as que mostram relações diretas entre território e saúde mental. O marco político que temos no Brasil é o estabelecimento da Lei 10.216 de 2001, que “dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.” (BRASIL, 2001), mesmo ano que foi sancionada no Brasil a Lei denominada Estatuto das Cidades<sup>4</sup>. O estatuto institui normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental. Essa lei que “estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências” (BRASIL, 2001), trata-se de marco importante para as políticas urbanas e para a vida nas cidades, reforçando direitos fundamentais como moradia e lazer, além de trazer instrumentos políticos para uma atuação capaz de promover maior equidade social. Ambas as leis de 2001, são marcos nas políticas sociais do país e contribuem para a democracia brasileira.

---

<sup>4</sup> Todas as diretrizes podem ser consultadas em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm) Acesso em 11/05/2018.

Retomando a Lei de Reforma Psiquiátrica (ou Lei Paulo Delgado, deputado do PT de Minas Gerais que a apresentou enquanto projeto de lei em 1989), foi instituída após recuos, avanços e muita luta, determinando a necessidade de respeito à dignidade humana daqueles que têm transtornos mentais e de redirecionar o modelo de assistência em saúde mental do hospitalar para os dispositivos assistenciais de cuidado em liberdade<sup>5</sup>. Assim, tal lei busca consolidar um modelo de atenção aberto, que possibilite e garanta a livre circulação das pessoas com problemas mentais pela comunidade, pelos serviços e pela cidade. Sobre a trajetória da Reforma Psiquiátrica em nosso país, Pitta nos diz que (2011, p. 4582)

Não é consenso o lugar, o tempo e os atores que desencadeiam a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Consenso maior considera o processo de democratização do país no final da década de 1970, trazendo os movimentos sociais com suas diferentes estratégias e em diferentes estados do país para transformar políticas e instituições desumanas, como o possível marco inicial. Nessa era de Reformas tivemos dois movimentos sócio-políticos mais determinantes dessa transição: na Saúde em geral a Reforma Sanitária, e na Saúde Mental a Reforma Psiquiátrica. (...) Entre os anos de 1975 a 1980 o Movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira recebia da Europa em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e Barbacena insumos importantes para abastecer seus ideais reformistas: Franco Basaglia, Michel Foucault, Ronald Laing, Felix Guattari, Robert Castel vinham para Congressos, Seminários em Universidades, em missões éticopolíticas cativantes, trazendo informações e levando notícias nossas; testemunhando e reconhecendo grupos de resistência, instigando jovens inquietos (alguns presentes nesse debate) para movimentos sociais como a defesa dos direitos dos enfermos mentais, condições e processo de trabalho em instituições manicomiais, na contribuição teórico-crítica em diferentes cenários acadêmicos, associativos, sindicais, estudantis.

A autora nos conduz a diferentes momentos de luta e conquistas para a Saúde Mental entre os anos 70 até 2011, dez anos após a promulgação da lei. Nessa longa e potente jornada, quero destacar o papel dos serviços dispostos e oferecidos em rede para pessoas com transtornos e sofrimento mentais, com a instituição da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS (Portaria nº 3.088, de

---

<sup>5</sup> O debate acessado para compreender um pouco essa questão foi intitulado **Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Instituições, Atores e Políticas**, por Ana Pitta, professora com longa trajetória e importante atuação no campo da Saúde Mental. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63020981002>> Acesso em: 10/05/2018.

23 de dezembro de 2011<sup>6</sup>). Com isso, se concretiza a Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas e os princípios da Reforma Psiquiátrica e Reforma Sanitária, ao substituir o modelo hospitalocêntrico e manicomial pelo cuidado no território. O conceito de território, por sua vez, é central para a saúde, pois não se trata apenas de uma área geográfica, mas também de um determinado espaço onde se desenvolvem relações sociais, afetivas e histórico-culturais. Um serviço de base territorial e comunitário é um serviço de portas abertas (acessível a qualquer pessoa), localizado o mais próximo possível de onde o usuário vive e onde estão a sua família, os seus amigos, as instituições com as quais tem contato (associações, igreja, terreiro, escola, polícia, entre outras) bem como os serviços que frequenta (Unidade Básica de Saúde, comércio, etc.). Dentre os serviços da rede, destaco a atuação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que fazem parte dela, sendo fundamentais para pensar o acolhimento na Saúde Mental, já que os CAPS são destinados

A acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e **psicológico. Sua característica principal é buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu “território”, o espaço da cidade onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares.** Os CAPS constituem a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica. ” (BRASIL, 2004, p. 9, grifos meus.)

Sendo apenas um dos dispositivos que compõem a RAPS, a atuação dos CAPS precisa ser pensada em articulação com outros serviços da rede, incluindo instituições, cooperativas, associações e espaços na cidade. É necessária essa compreensão, ainda que darei ênfase aqui no papel do CAPS. Traçando uma breve cronologia desses centros a partir da leitura de Pitta (2011), o primeiro CAPS é inaugurado em São Paulo em 1987 (CAPS Luiz Cerqueira), oferecendo um modo de cuidar considerando o sujeito e seu território, sem a necessidade de enclausurar para tratar. Foi na década de 2000, o período de maior avanço (como aponta a autora),

---

<sup>6</sup> A Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011 pode ser acessada pelo link: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5202308/4139572/PortariaN3.088RededeAtencaoPsicossocial.pdf>. Acesso em: 14/05/2018.

onde aconteceu uma significativa expansão dos CAPS (mais de 1.000 foram abertos) em vários municípios que até então não eram cobertos com esse serviço (PITTA, 2011, p. 4581). Desde então, eles estão entre as ações e programas de saúde mental do Ministério da Saúde, tendo atuação central para substituir progressivamente o tratamento nos hospitais pelo cuidado em liberdade. São destinados ao atendimento e acolhimento dos sujeitos com sofrimento ou transtorno mental e oferecem diferentes atividades terapêuticas com o intuito de reinserir socialmente essas pessoas.

O entendimento do termo território se faz fundamental ao se propor e estabelecer uma política em rede e articulação, mencionado anteriormente e amplamente citada a dimensão territorial na portaria de nº 3.088, 2011, da instituição da RAPS. Território, então, aponta a relação direta entre o cuidado extramuros, cidade e os modos de vida urbanos, contexto onde se inserem a maior parte dos CAPS. A compreensão do termo, no entanto, “ainda é muito restrita por parte dos trabalhadores de saúde mental” (NUNES, 2017, p. 43), cabendo a cada um atuar de acordo com seu entendimento. Aprofundando nessa questão, Furtado et al (2016) apresentam uma pesquisa que analisa estudos e documentos, revelando que há diferentes concepções do termo no âmbito da saúde mental em basicamente dois amplos sentidos: funcional e simbólico. Como afirmam, seu sentido funcional é relevante para questões de acesso, delimitação, administração, localização e distribuição da rede de tratamento, mas pode ser bastante reducionista se for limitado a esse entendimento, sobretudo se quisermos considerar as subjetividades.

Em outro entendimento, o território em seu sentido simbólico abrange o local onde se dão as relações dos indivíduos, suas afetações, o entorno e contexto no qual se inserem. As contribuições mais importantes para perceber esse sentido simbólico vieram a partir dos anos 60, fundado no pensamento de filósofos e geógrafos (Milton Santos, Lefebvre, Lacoste, Harvey, entre outros). A conclusão da pesquisa feita por Furtado *et. al*, é a de que o território é um termo que ultrapassa a funcionalidade espacial e precisa ser compreendido criticamente, também por suas características e relações políticas, econômicas e subjetivas. Perceber essa

dimensão simbólica e relacional é fundamental para reconhecer as limitações do cuidado no território, extramuros, que contribuirão para perceber também sua potência.

A Lei de Reforma Psiquiátrica, portanto, traz ganhos ao conduzir o modelo de cuidado em liberdade e considerar essa dimensão territorial. Ainda assim, são muitos os desafios que interferem e até colocam tal lei em risco em tempos políticos incertos, apontados na portaria 3588 de 2017<sup>7</sup> apresentada pelo Ministério da Saúde daquele ano. Tal resolução propõe que se desloque o tratamento das políticas de atenção psicossocial atuais, em liberdade, para a lógica do internamento ao conduzir novamente investimentos em leitos psiquiátricos. Diante dela, o Conselho Regional de Psicologia da Bahia publica uma nota de repúdio<sup>8</sup> (também se posicionam com repúdio outras regionais e instituições ligadas ao assunto), alegando os riscos de retrocesso no cuidado extramuros. Nessa nota, o Conselho lembra:

É importante ressaltar que a mudança política no projeto da Saúde Mental Brasileira, pensada e proposta pelo atual Ministério da Saúde, obedece a uma política de Estado que pouco a pouco vem minando os alicerces da Saúde Pública Brasileira, em flagrante desrespeito às Reformas Sanitária e Psiquiátrica deste país, e, por consequência disso, abalando os próprios eixos democráticos fundamentais. Nunca é demais recordar que a organização da Saúde Pública brasileira andou de mãos dadas com o processo de redemocratização do país. (Gestão “Psicologias em movimento”, 2017)

---

<sup>7</sup> Que altera a Política Nacional de Saúde Mental, “A Portaria 3588 interfere diretamente na Rede. Entre outras coisas, a medida exige uma taxa de ocupação de 80% dos leitos de saúde mental nos hospitais gerais como condição para que a instituição receba a verba de custeio do serviço”. Reportagem da Carta Capital de fevereiro de 2018, disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2018/02/16/contra-retrocessos-na-politica-antimanicomial-cns-pede-que-governo-revoque-portaria/> Acesso em: 02/05/2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.crp03.org.br/nota-de-repudio-do-conselho-regional-de-psicologia-da-bahia-crp-03-as-mudancas-no-plano-do-cuidado-no-campo-da-saude-mental-propostas-pelo-ministerio-da-saude>. Acesso em: 12/05/2018.

Gerando polêmica e uma enorme pressão social contrária à portaria, além de outras posteriores que vão na contramão da Reforma Psiquiátrica alterando as políticas de saúde, as atualizações mais recentes mostram o posicionamento e as medidas por parte do Conselho Nacional de Direitos Humanos - CNDH, em março de 2019<sup>9</sup>. Dessa forma, a CNDH recomenda a suspensão da portaria nº 3588 e algumas das seguintes que foram elaboradas e publicadas até o ano atual. É nesse quadro político e presente Governo que se aposta e são instituídas arbitrariamente portarias sem debater com a sociedade e as entidades representativas dos usuários, onde se instaura uma “Nova Política de Saúde Mental” retrógrada, responsável por suspender o repasse de recursos financeiros aos diversos serviços territoriais da Rede de Atenção Psicossocial. Acompanhando essa realidade, Paulon adverte em artigo publicado na revista Cult<sup>10</sup>, de fevereiro deste ano:

É um desafio civilizatório cuidar e proteger sem cercear o direito inalienável à liberdade. Desafio do qual a política federal, ao reforçar o poder manicomial, está se furtando. Temos, na nova-arcaica política de saúde mental apresentada pelo gestor federal, uma receita-bomba: Estado autoritário, contexto cultural eugenista, inflação de poder médico, cerceamento de liberdade de vulneráveis e empresários da indústria da loucura com dinheiro público para compra de aparelhos de eletrochoques. Adivinhem onde isto vai estourar? Desigualdade mata, cerceamento de liberdades enlouquece, privação de direitos violenta e fragiliza exatamente àqueles sobre cujos esfoliados ombros recaem os mais pesados efeitos das economias neoliberais.

---

<sup>9</sup> Para ler na íntegra a “Recomendação sobre a ‘Nova Política Nacional de Saúde Mental’, elaborada e em execução sem ser legitimamente formulada”: [https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/2019/marco/SEI\\_MDH0708397Recomendacao3sobreaNovaPoliticadeSaudeMental.pdf?fbclid=IwAR0aUpJQWaDuAFRyYtEDQ\\_-QX6WrAtb4Qz02cP8Vf9MvxhMYBpCinruIS4](https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/2019/marco/SEI_MDH0708397Recomendacao3sobreaNovaPoliticadeSaudeMental.pdf?fbclid=IwAR0aUpJQWaDuAFRyYtEDQ_-QX6WrAtb4Qz02cP8Vf9MvxhMYBpCinruIS4). Acesso em 20/04/2019. Outra matéria sobre o tema, do *Brasil de Fato*, aponta as inconstitucionalidades da “Nova Política Nacional de Saúde Mental”, pelo link: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/procuradores-pedem-anulacao-das-mudancas-na-politica-nacional-de-saude-mental/index.html?fbclid=IwAR2mN74Kofl8yTPn4zR-SUJRIMYws7tXhkFEubbi6fOaUO1vn7ngG07dM>. Acesso em 07/04/2019.

<sup>10</sup> Publicação feita em 13 de fevereiro de 2019, disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/saude-mental-neoliberalismo-fascismo/>. Acesso: 25/05/2019.

Na direção de Paulon, destaco ainda a reflexão pertinente de Delgado. Frente a tais mudanças que apresentam medidas de desconstrução e desmanche da reforma, ainda assim há bons motivos para crer que a resistência é possível e, além disso, será exitosa (DELGADO, 2019). Em suas palavras,

A resistência deve partir de uma consciência aguda do momento político. Depois da defesa da democracia, combater a fragilização do SUS (o "SUS mínimo" proclamado pelo Ministro da Saúde) é tarefa da resistência. No campo da atenção psicossocial, há um vasto movimento de luta, formado por dezenas de milhares de profissionais diretamente implicados nos serviços, aliados a estudantes, usuários e familiares. A trincheira da resistência está nos serviços territoriais.

Isso mostra como é pertinente nos mantermos vigilantes às conquistas políticas e aos impactos que os retrocessos de medidas questionáveis possam trazer, sobretudo na atual conjuntura política onde a participação popular é cada vez mais desconsiderada. Vale lembrar que "saúde mental é responsabilidade de todos" (como sugeria um dos cartazes exibidos no carnaval de Salvador em 2018 pelo *Risotrio*, "*o bloco da saúde mental*"), por isso, ainda que as mudanças e alterações sejam constantes e estão em pleno andamento nas atuais políticas de saúde, é importante acompanhar seu desdobramento, resistir e entender as implicações que têm.

Destacadas algumas relações entre saúde mental e o território, sigo em direção ao significado de acolhimento nesse âmbito. Consultando o material disponibilizado pelo Ministério da Saúde, entre os cadernos que falam sobre a saúde mental está o intitulado "HumanizaSUS" (2015), onde nota-se que a dimensão do acolhimento na saúde está relacionada a uma prática terapêutica que permite o cuidado em liberdade, e considera

os encontros que coproduzem sujeitos e projetos de vida. Coprodução dos sujeitos só pode ser feita em liberdade regida pela ética da autonomia. É um projeto ético-estético-político: [...] ético no que se refere ao **compromisso com o reconhecimento do outro, na atitude de acolhê-lo em suas diferenças, suas dores, suas alegrias, seus modos de**

**viver, sentir e estar na vida**; estético porque traz para as relações e os encontros do dia-a-dia a invenção de estratégias que contribuem para a dignificação da vida e do viver e, assim, para a construção de nossa própria humanidade; político porque implica o compromisso coletivo de envolver-se neste “**estar com**”, **potencializando protagonismos e vida nos diferentes encontros** (BRASIL, 2010, p. 6 *in* BRASIL, 2015, p. 18, grifos meus).

A citação que evidencio no material de 2015, veio da diretriz do Acolhimento da Política Nacional de Humanização (2010) e está relacionada à Reforma Psiquiátrica, onde o acolhimento é pensado desde uma perspectiva dita humanizada que se propõe estar com a diferença, percebendo o encontro como fator decisivo para a coprodução dos sujeitos. Entre as diretrizes apresentadas pelo Ministério da Saúde, ainda no HumanizaSUS, o acolhimento é assim definido:

Acolher é reconhecer o outro e o que ele traz como legítima e singular sua necessidade de saúde. O acolhimento deve comparecer e sustentar a relação entre equipes/serviços e usuários/populações. Como valor das práticas de saúde, o Acolhimento é construído de forma coletiva, a partir da análise dos processos de trabalho e tem como objetivo a construção de relações de confiança, compromisso e vínculo entre as equipes/serviços, trabalhador/equipes e usuário com sua rede sócio afetiva. Acolhimento não só entendido para dentro dos estabelecimentos, mas também ultrapassando seus limites institucionais constituindo como elemento de fortalecimento da rede de atenção à saúde.

**Como fazer?** Com uma escuta qualificada oferecida pelos trabalhadores às necessidades do usuário, é possível garantir o acesso oportuno desses usuários a tecnologias adequadas às suas necessidades, ampliando a efetividade das práticas de saúde. Isso assegura, por exemplo, que todos sejam atendidos com prioridades a partir da avaliação de vulnerabilidade, gravidade e risco. (Portal Ministério da Saúde<sup>11</sup>).

Dessa diretriz, entende-se que o acolhimento não se dá em um momento específico nem em algum lugar delimitado. Pelo contrário, acolher conta com a rede de atenção à saúde, mas ultrapassa limites institucionais, com uma lógica relacional e coletiva,

---

<sup>11</sup> Disponível para consulta em: <http://portalsms.saude.gov.br/acoes-e-programas/humanizasus/diretrizes> Acesso em 9/02/2019.

pautada nessa escuta qualificada definida a partir de vínculos criados e na rede traçada pelos próprios usuários, aquelas afetivas que vão além dos serviços e estabelecimentos de saúde.

Apresentados esses entendimentos, conceitos e marcos políticos, ainda que de maneira geral, estabeleço um lugar de complexidade para a discussão, partindo da conexão entre turismo, saúde mental e cidade pensando o acolhimento e alienação como ponto de tensionamento.

### **1.3. Tema, objeto, justificativa e objetivos**

Após essa contextualização geral sobre o acolher no turismo e na saúde mental, percebo diferentes modos de acolhimento e de processos de alienação em que os sujeitos estão inseridos. Afastados uns dos outros ou em relação aos seus territórios, marcados por segregações espaciais que geram efeitos nocivos, a alienação do louco é outra que a do turista, mas nos dois casos vemos como questões urbanas e políticas sociais permitem criar pontes entre esses campos diferentes.

Retomo a questão anteriormente apresentada, para reforçar a discussão central que pretendo: como se dão diferentes processos de alienação na produção do espaço e como se faz acolhimento nesse contexto? Acolher e alienar são ações possíveis e coexistentes se procurarmos em um mesmo lugar? São esses questionamentos que conduzem o tema da pesquisa: o acolhimento e as formas de alienação nas relações sociais e espaciais que acontecem na cidade contemporânea e fazem parte dela. As formas de alienação que discutiremos aqui serão de diferentes sujeitos entre si e em relação ao próprio espaço, representados pela figura do turista e do louco na cidade de Salvador.

Com esse tema, proponho analisar e relacionar as dinâmicas que envolvem dois objetos de estudo: O Fera Palace Hotel, que recebe e hospeda turistas e o CAPS II Antônio Roberto Pellegrino (também chamado CAPS Jardim Baiano), serviço de acolhimento

em saúde mental. Foram escolhidos pela proximidade um em relação ao outro, por serem ambos importantes equipamentos na temática do acolher e por motivos da localização que ocupam na cidade - o Centro Antigo de Salvador - alvo de diversos projetos e programas urbanos de revitalização, requalificação e conservação patrimonial. São projetos que partem do poder público nas esferas municipal e estadual e, também, de interesse e investimento empresarial. Essa parte da cidade é onde estão atrativos que colocam Salvador no mercado turístico nacional e internacional, por seu valor cultural, histórico, turístico e patrimonial (SEI, 2013, p. 5). A seguir, faço uma breve apresentação de cada um dos objetos propostos:

O hotel escolhido fica na Rua Chile, um dos poucos da categoria de luxo na cidade e o primeiro da Bahia nessa categoria, atendendo a turistas com perfil específico. Antes de ter sido comprado e reativado pelo empresário Antônio Mazzafera, do grupo Fera Investimentos, foi fundado em 1934 já na função de hotel sob o nome Palace Hotel, sendo referência em diversão e luxo até os anos 70 (MOURA, 2009). Cenário de um dos livros de Jorge Amado, o hotel hospedou figuras importantes como Carmem Miranda, fazendo parte da história e imaginário da Bahia. Após reformas de revitalização e incentivos fiscais para sua instalação - na expectativa de dinamizar a região do Centro Histórico (parte do Centro Antigo) - foi reinaugurado em março de 2017. Sua história é resumidamente apresentada no site do hotel<sup>12</sup> onde é dito que

O Fera Palace Hotel herdou sua arquitetura triangular do famoso Flatiron Building, em Nova York. Localizado na parte mais alta da rua na inclinação que liga a Praça Castro Alves à Rua Chile, o Palace está sempre em destaque e evidência. Nesta revitalização, a fachada histórica será inteiramente restaurada e os elementos mais emblemáticos de seu interior serão evidenciados. Nosso trabalho irá conciliar a essência do lugar com os aspectos mais contemporâneos de sofisticação, design e hospitalidade, restaurando ao Palace a “arte em hospedar”.

---

<sup>12</sup> Acessar <https://www.ferapalacehotel.com.br/historia-e-arquitetura/> consultado em 03/02/2019.

Há apenas dois anos de sua ativação e reinauguração, interessa discutir os efeitos de algumas dinâmicas que o envolve, veremos ao longo do trabalho alguns impactos que envolvem o hotel mesmo em pouco tempo de funcionamento.

Próximo ao hotel está o CAPS II Antônio Pellegrino, localizado no distrito do Centro Antigo, Nazaré. Em outra perspectiva de hospitalidade e acolhimento, os CAPS fazem parte das dinâmicas da cidade e, desde a Reforma Psiquiátrica, essa relação fica mais próxima. Tratar da saúde psíquica dos sujeitos fora dos manicômios, ou como se atualizam hoje - hospitais psiquiátricos, requer dessa inserção do CAPS no território práticas integradas a outros serviços do SUS e também com o que território pode oferecer: mobilidade para circular não somente de casa para os serviços e centro de atendimento, mas também acessos aos direitos ao lazer, cultura, educação entre outros direitos fundamentais para o desenvolvimento e qualidade na saúde mental. O CAPS escolhido está próximo a muitos equipamentos culturais e turísticos: Arena Fonte Nova; igrejas e outros edifícios de interesse patrimonial. Um centro de acolhimento como esse também mobiliza dinâmicas espaciais, fortalece redes de cuidado e permite o encontro entre sujeitos distintos. Dados de 2017 fornecidos pela Secretaria Especial de Comunicação Social mostram que o CAPS do Jardim Baiano naquele ano contava com 910 pacientes cadastrados, dos quais 305 frequentam com alguma regularidade. Por dia, a unidade atende uma média de 45 usuários. Em maio de 2019, mês da luta antimanicomial, esse CAPS promoveu a 1ª Feira de Saúde Mental em Salvador, realizando mais de 900 procedimentos entre consultas, encaminhamentos e serviços de cidadania como orientação jurídica, também exposição artística feita pelos usuários, tudo isso no Campo da Pólvora, localização com grande circulação de pessoas na cidade (contando com estação de metrô, praça, pontos de ônibus, comércio e o Fórum Ruy Barbosa).

Dos objetos de estudo definidos, **justifico** a importância em discutir sobre eles a partir de uma perspectiva relacional, já que ambos constituem os espaços onde estão inseridos, existem de maneira que são ligados a formas de acolhimento. Por isso, tanto o hotel e o caps em questão, determinam simultaneamente maneiras diferentes de fazer a cidade. Como vimos, a turistificação e gentrificação (consequências das maneiras hegemônicas da produção do espaço) são bastante nocivas e capazes de produzir

também diferentes tipos de alienação e mal-estar. A partir do Urbanismo, quero debater como a cidade pode ou não dar conta de acolher diferentes pessoas diante dessas formas de alienação e como se dão essas formas. Para o debate será necessário considerar diferentes modos de vida e de produção do espaço para além das hegemônicas, já que

Entender a cidade fora de sua representação hegemônica é o primeiro passo para a compreensão da vivência subjetiva de quem nela habita, para a compreensão dos fenômenos psicossociais estabelecidos nas trajetórias de vida que sobre a cidade se lançam, considerando suas contradições. (NOGUEIRA, M. L. M, 2013, p. 80)

Sendo assim, o tema do acolher e alienar, de maneira geral, é pertinente aos que pensam relações no espaço urbano, já que elas podem implicar dinâmicas ao mesmo tempo potentes e afetuosas e, ainda, nocivas e excludentes aos modos de vida urbanos. Uma observação importante nesse processo é que as diferentes maneiras de pensar a cidade devem considerar suas complexidades e contradições, concordando com Nogueira.

Para abordar as questões apresentadas no tema, objetos de estudo e na justificativa que motivam a pesquisa, aponto o seguinte **objetivo geral**: Relacionar discursos de alienação, práticas de exclusão e de acolhimento produzidos sobre turistas e loucos na cidade de Salvador a fim de compreender quais seus desdobramentos espaciais. Lembrando da complexidade de que é feita a cidade, a intenção será fazer ver acolhimento e alienação ao investigar um mesmo espaço. Esse objetivo se desdobra ainda em outros específicos:

- APROXIMAR DIFERENTES CAMPOS DO SABER PARA COMPREENDER A INDISSOCIABILIDADE E CONEXÕES ENTRE AS MÚLTIPLAS FORMAS DO FAZER CIDADE;
- TENSIONAR E DISCUTIR SOBRE PROCESSOS URBANOS QUE FAVORECEM/CAUSAM ALIENAÇÃO E ACOLHIMENTO EM UM MESMO ESPAÇO;

- ANALISAR O ORÇAMENTO PÚBLICO DE SALVADOR COMO MEIO PARA COMPREENDER DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE TURISMO E SAÚDE MENTAL E COMO SE ESPACIALIZAM;
- REFLETIR SOBRE DIFERENTES MANEIRAS DO ACOLHER E SUAS POSSIBILIDADES;
- CONTRIBUIR PARA A DISCUSSÃO DAS FORMAS DE APREENSÃO DA CIDADE;
- PENSAR O PAPEL DO URBANISTA EM RELAÇÃO AO CORPO-ESPAÇO-ESCUTA-VIBRAÇÃO.

#### **1.4. Escolhas metodológicas: Por um *AMACIAR DUREZA***

Apenas praticando o campo da pesquisa e durante a escrita posterior é que entendi aproximações com o método cartográfico. Essa compreensão permitiu conversas entre minha pesquisa e a experiência de outros cartógrafos em suas investigações, seus posicionamentos em relação ao mundo e a si mesmos que me facilitaram assumir algumas posturas. O método cartográfico formulado por Deleuze e Guattari (1995) indica que cartografia se trata não somente de representação, é ainda mais, visa acompanhar processos (KASTRUP, 2015). Seguindo essa concepção, fui guiando minhas escolhas metodológicas por caminhos que me permitissem pensar a questão do acolhimento. Conduzido de maneira experimental na medida em que praticava diferentes modos de apreensão da cidade, esse método não poderia antever possíveis resultados e onde me levariam, também não poderia predeterminar a totalidade dos procedimentos metodológicos (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015, p. 13).

Ainda assim, para alcançar a questão e os objetivos propostos, um roteiro fez-se necessário. Foi feita então uma revisão bibliográfica inicial, baseada nos temas do acolhimento, produção do espaço, alienação, turismo, cidade e saúde mental. Em outra parte, foram reunidos e feita breve análise de instrumentos como o Orçamento Municipal de Salvador, documentos sobre programas relacionados ao acolhimento nessa cidade, e notícias recentes que dizem respeito ao Centro Antigo, CAPS II Antônio Pellegrino e

Fera Palace Hotel, para perceber se há distinções nos discursos e na produção de espaços que alienam e acolhem turistas ou os usuários dos serviços de atenção à saúde mental.

A pesquisa conta com trabalho de campo, onde estabeleço e delimito um percurso que liga o hotel ao CAPS (objetos definidos) em diferentes combinações de ruas e caminhos entre eles, tendo sido realizado entre os meses de agosto a outubro de 2018. As referências fundamentais para guiar as escolhas metodológicas dessa pesquisa e orientar sobretudo o percurso, são de autoras e autores como Suely Rolnik, a partir de uma cartografia sentimental e seu manual do cartógrafo; Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, com a publicação *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, contribuindo para entendimentos sobre a abertura, implicação e possibilidades de atitudes do cartógrafo ao adentrar e experimentar o campo, percebendo fluxos, movimentos, processos entre outros atravessamentos; o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, onde pistas, indícios e sinais fazem parte de um método que conta com elementos como faro, golpe de vista e intuição para decifrar questões ou realidades; e Luis Artur Costa, com um pensamento que opera articulações entre os diferentes campos arte e ciência, por uma ciência paradoxal que fale sobre os cotidianos de nossas afecções, pensamentos, afetos, sentires. Além dessas (ROLNIK; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA; GINZBURG; COSTA), há ainda mais algumas contribuições para pensar metodologias urbanas (DE BIASE; BECHLER; ROCHA).

Dos modos de apreensão da cidade tomados como referência para experimentar uma cartografia própria, considerei três autores ao pensar em maneiras de adentrar o campo. O percurso precisaria ser caminhado para que eu articulasse os dois objetos traçados. Por isso,

Caminhar pela cidade, eis a proposta de apreensão do espaço urbano que é encarado, nesta abordagem da cidade contemporânea, como método e “fonte de informações” para a reflexão crítica. A proposta aqui é que a prática de atravessar a cidade explique ao pesquisador-urbanista as questões a serem exploradas pelo seu “fazer” criativo. A experiência do caminhar é assumida, então, como uma “maneira de fazer” (DE CERTEAU, 2002) pesquisa no campo do

Urbanismo em busca da dimensão sensorial e subjetiva da existência urbana, a qual é constantemente escamoteada pelos processos urbanísticos que remodelam a forma cidadina. (ROCHA, 2013, p. 203)

Também parar me pareceu uma estratégia interessante, não apenas caminhar, mas parar e observar. Ao relatar o exercício de ficar parada em um ponto escolhido na cidade de Porto Alegre, enquanto metodologia que cria um estado de atenção e disposição para a rua, Bechler define a “Deriva Parada”, uma experiência que “está impregnada de um tipo de sensibilidade que aparece como marco nos movimentos artísticos Dadá, Surrealismo, Situacionismo, além de outros dentro da arte contemporânea que agem na cidade e no cotidiano como espaço potente, inventivo, maravilhoso” (BECHLER, 2012, p. 56). Sua metodologia conta com a repetição, voltar ao lugar escolhido durante um período e parar no mesmo ponto é parte da deriva parada.

Em um conceito próximo, De Biase também propõe uma metodologia onde parar e insistir em um lugar, permanecendo por um longo período, compõem um processo que busca por

Vestígios, recompor gestos, posturas, olhares e pedaços de narrativas, para compreender como os lugares funcionam ou as lógicas de certas situações, é preciso se dar um tempo, não ser impaciente. Se sentar e olhar. Perder tempo, muito tempo, como diz Olivier de Sardan (1995, p. 64) ‘para compreender que esses tempos perdidos eram tempos necessários. (DE BIASE, 2013, p. 84)

Caminhar e parar, insistir e repetir, foram essas formas de apreensão que considerei para adentrar a cidade ao definir um trabalho de campo. Articulado essas últimas autoras - Bechler e de Biase – ao funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo, do qual Kastrup fala, o estado de disponibilidade para a rua e o perder tempo constituem atitudes que ressaltam essa atenção “ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta” (KASTRUP, 2015, p. 34). Esta autora diz também do pensar onde pousar a atenção como um modo de parada no movimento, o que segue em concordância com aquelas autoras.

Resumindo então, adoto o método cartográfico para orientar minhas escolhas metodológicas, considerando instrumentos diversos de que se vale esse método onde estão presentes o rigor científico e a fluidez experimental. Combino uma revisão bibliográfica multidisciplinar com a reunião e análise de documentos e notícias afins ao tema. Estabeleço ainda um trabalho de campo que conta com diferentes modos de apreensão da cidade e pistas orientadas pelo método da cartografia. Esteve constantemente presente em todas as etapas dessa metodologia, o *corpo vibrátil* (ROLNIK, S. 1989), que captar o ar, movimentos e fluxos, pautado em uma atenção sensível (própria do cartógrafo). Buscando o que fazer com essa vibração, fez-se necessário amaciar algumas durezas, o que leva a mais um instrumento que compõe a metodologia, apresentado a seguir.

### **AMACIAR DUREZA (ou estabelecendo um manual do cartógrafo)**

*Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial, ativando algo de supra-sensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada. O cartógrafo, assim, vai criando corpo junto com a pesquisa. Trata-se de ganhar corpo para além de sua funcionalidade orgânica, biológica. Algo se passa, algo de virtual pode ser acessado, e aí está o corpo, o mundo e o tempo que passa. (POZZANA, 2013)*

Traçar um roteiro acadêmico que dê conta da relação entre a cidade e saúde mental, pensando alguns sentidos de acolhimento de diferentes lugares e entendimentos, é tentar dar conta de algo complexo. Diante da complexidade ao relacionar processos de exclusão, sobre a diferença, a loucura e dinâmicas urbanas, aparecem junto afetações e sentires. Assim, Amaciar Dureza (referência à música que leva este nome, da banda Graveola e o lixo polifônico, lançada em 2009) é o espaço criado neste trabalho para ser

ponte e abertura a afetações. É próprio do método cartográfico fazer do conhecimento um trabalho de invenção, que se dá através do cartógrafo (e não por ele), como afirma Kastrup (2015, p. 49). No entanto, no campo acadêmico e científico, nem sempre aparecem esses processos invisíveis que marcam as pesquisas, o que faz muitas delas enrijecidas e pouco inventivas. Em outro caminho, vou em direção ao amaciar e desenrijecer, visto que

A produção de conhecimento ultrapassa em muito o âmbito estritamente denominado científico. Ainda que em nossa tradição ocidental seja comum identificarmos produção de saber ao uso de uma metodologia experimental e estatística, poucos seriam capazes de negar a produção de saber existente na literatura, nas artes em geral e no uso de metodologias qualitativas que prescindem de classificações generalizantes. Isso nos evidencia que existem outras maneiras de se relacionar com o mundo e constituir objetos menos objetivos, mas mais complexos, sutis e singulares, ainda que menos capazes de previsão e controle: um saber que transforma nossos modos de articulação com o mundo sem apresentar ferramentas gerais. (COSTA, 2014, p. 564)

Sem poder prever aonde levaria essa metodologia, ao deixar fluir os sentires que marcam os caminhos percorridos principalmente durante o trabalho de campo, encontro na ficção uma direção possível para dar espaço às afetações e sutilezas poucas vezes presentes nas pesquisas acadêmicas. Tais ficções vieram das anotações feitas no diário de campo, lugar onde eram colocados os inúmeros elementos percebidos logo após gastadas horas percorrendo de maneiras diferentes: *caminhar, parar e estar disponível com uma atenção aberta*. O processo que precedia o diário de campo e a maneira como foi escrito – centrais enquanto parte da metodologia - fundamentou-se em três etapas: o primeiro passo foi farejar fluxos, rastros e pistas (GINZBURG, 2009) ao percorrer de diferentes maneiras os caminhos que ligam o CAPS ao Hotel. A segunda etapa se dava sempre ao final de cada prática do percurso, com a escrita do diário de campo, lugar onde colocava os mais diversos elementos que capturaram modos de atenção em mim. Essa escrita, ao ser exercitada após o tempo dedicado ao percurso, passava por um filtro natural (a própria memória) na medida em que eu transcrevia os acontecimentos e observações sem um ordenamento ou cronologia. Assim como Kastrup fala sobre a produção dos dados numa pesquisa de campo, meus escritos posteriores também “mobilizam a memória e a imaginação, o

passado e o futuro numa mistura difícil de discernir” (2015, p. 40). O terceiro passo, portanto, foi a escrita ficcional disparada por essa mobilização de afetos experimentados a partir de um vivido nas duas primeiras etapas, combinada com as investigações em documentos, notícias e bibliografia sobre acolhimento, cidade e alienação, considerando diferentes entendimentos e aberturas para pensar e dissertar sobre o tema em uma perspectiva relacional, unindo afetos, produção acadêmica e a narrativa ficcional. Costa (2014) abre caminhos nessa perspectiva de unir ciência e arte, onde a ficção é um elemento potente. Concordando com o autor,

Sujeito e objeto se constroem mutuamente no encontro das ações de ambos em uma experiência. Não há como dividir na apreensão os modos pelos quais nos relacionamos (agimos, falamos, transformamos, etc.) com o mundo e o mundo tal como ele é: são os modos de relação que produzem a conformação dos sentidos sujeito-objeto e a instituição de entidades. Vemos que sujeito-objeto se constituem com uma só narrativa ontológica relacional, tornando a ficção mais um entre tantos artifícios necessários para os encontros que produzem ao mundo. (COSTA, 2014, p. 557)

Ao explicar o lugar da ficção na junção entre ciência e arte em sua pesquisa no campo da Psicologia Social, Costa permite o entendimento de que ficcionalizar é uma estratégia para criar relações e conexões improváveis, tão próprias da observação e vivência do cotidiano urbano. Quando proponho nessa pesquisa criar ficções, a finalidade dessa estratégia passa longe de ser algo a níveis de explicação a respeito do cotidiano ou em relação à cidade que acolhe. Ficcionalizar servirá para dar passagem aos afetos e afetações ao lidar com as tensões e inquietações de pesquisa (COSTA, 2014), não a fins explicativos, mas para criar conexões e tentar dar conta de fatos que passam pela “realidade”. Este autor diz ainda,

O uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de um campo de pesquisa nos permite a complexificação do “objeto”, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do “dado” adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. (COSTA, 2014, p. 558)

Percebo então afinidades com o pensamento de Costa e vejo a ficção como uma ferramenta apropriada para expandir possibilidades na pesquisa, onde é permitido imaginar e criar sem perder o rigor acadêmico. Entendendo como potência a produção de conhecimento dessa maneira, apresento então uma narrativa ficcional como parte da metodologia. Essa escrita ficcional só foi possível com a realização do trabalho de campo, funcionando como um disparador que afetou e abriu um campo de possibilidades trazido pela ficção. O amaciar dureza então, dará lugar aos atravessamentos, encontros e acontecimentos experimentados nessa pesquisa. Estamos falando, portanto, de um pensamento que opera articulações na busca de produzir uma coerência que possibilite uma narrativa-objeto (COSTA, 2014, p. 556), permitindo visualizar conexões entre diferentes campos, onde o turista e o louco podem andar de mãos dadas sem que isso seja estranho. Entendida dessa forma, ficcionalizar é mais que uma metodologia, mas um posicionamento ético político sobre o pesquisar. Fazer dialogar documentos, notícias e diferentes fatos com uma dimensão do sensível, juntando sensível e inteligível, fato e ficção,

nos levam a novas possibilidades de composição do pensamento onde possíveis, impossíveis (absurdos) e metaestabilidade se encontram para garantir complexidade, heterogeneidade. [...] podemos, assim, lidar com multiplicidades garantindo sua consistência ao invés de sua coerência: sua riqueza de articulações com nosso mundo e não a ausência de contradição. (COSTA, 2014, p. 571)

A narrativa partirá desse personagem inventado que conta sobre um acontecimento e as pistas que se passam a partir dele. Na pesquisa, as pistas aparecem dispersas ao longo do trabalho e identificadas na cor laranja. São sobrepostas ao texto linear em cor preta, na intenção de que possam contaminar esse texto, transformando então em outra possibilidade de leitura. A leitura desse texto atravessado poderá ter efeitos diversos, suscitando um modo de atenção próprio do caminhar pela cidade, marcado por encontros que muitas vezes exigem desaceleração, um tempo outro, estar presente e, além disso, incômodos. Ao leitor, caberá o desafio de ler um texto dentro de outro, podendo fazer suas próprias relações. O acontecimento e as pistas que o sucedem são baseados em fatos ocorridos durante as idas ao percurso escolhido como campo.

**ACONTECIMENTO:** Primeiro era uma câmera que registrava; depois os delírios tomaram conta do que eu via. Pelas pedras e pelo concreto da Bahia desandei e também desatinei. Sou esse estrangeiro em Salvador, há um tempo precisava estar nessa cidade, era quase um chamado. Vim passar alguns dias, uma viagem a lazer, de outros encontros. Em minha primeira visita à cidade, certamente o Pelourinho era o lugar que latejava nesse chamado, por isso escolhi meu hotel nas proximidades, optando e podendo hospedar-me no único hotel de luxo dali: o Fera Palace Hotel. Bem recepcionado e acolhido pelos funcionários, fico satisfeito com a escolha e sigo a recomendação da recepcionista sobre caminhar pelas redondezas (com todo cuidado, claro, como ela também havia recomendado). Disposto, deixei o hotel naquele dia e, a poucos passos do Fera Palace, encontrei o icônico Elevador Lacerda, seria um registro fotográfico certo (viajo sempre com uma câmera profissional e nesse dia contava com um assistente baiano à disposição). Mais adiante, chego ao Largo Terreiro de Jesus. Ali, muito a ser visto, de uma maneira inexplicável me perdi do assistente... Entre as igrejas que figuram as fotos tradicionais de outros turistas, estão também pessoas e, entre elas, muitos malucos, “doidos de rua”. Eles estavam espalhados pelo largo.

Segui o passo, fui onde disseram ter sido gravado um clipe de Michael Jackson. Apareceram personagens de filmes e livros em minha cabeça, deixei o passo me conduzir. Passei por um sem fim de lojinhas, artistas de rua e acontecimentos. Andando, cheguei até outra parte do Centro Histórico sem me dar conta dos limites que ultrapassava, linha geográficas invisíveis, sentidos confundidos, o sol forte. Nesse momento, já perdido entre ruas e ideias, me deparo com palavras pintadas em um muro e sou capturado

### **MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ.**

Parado de frente pro muro, fiquei no meio da rua por um tempo pensando o que aquilo poderia dizer. Perdido no pensamento, intrigado, curioso e incomodado sim quando passou um carro em alta velocidade, quase me atropela, a buzina me levou a algum lugar. Algo me aconteceu, como se visse de fora meu corpo branco sendo morto naquele momento. Saí de mim sem ter ido a lugar

algum, era eu mesmo o tempo todo e, ainda assim, não sei dizer bem o que me aconteceu. Daí em diante, faço esforço para me lembrar como saí do Fera Palace Hotel, lugar de luxo e vim parar nesse CAPS onde estou há dias, sem saber quantos. Afinal, para onde levar uma pessoa que está sem saber se está dentro ou fora de si? Alguém decidiu que o lugar era esse mesmo, um Centro de Atenção Psicossocial. Trago pistas na memória e tento juntar as ideias de acontecimentos nas ruas dessas cidades que vivi em Salvador, onde caminhei desorientado, às vezes tonto, sentindo o que senti. Perdi a razão... descrevo minhas pistas para tentar encontrar esse invisível que vivi. Ou para nada além de contar, falar e escrever sobre isso.

## **PARTE II – Das alienações a partir da produção do espaço**

### **2. Cidade e psique, *A metrópole e a vida mental*.**

Os modos de vida contemporâneos são marcados pela aceleração e capitalização das relações, cada vez mais individualizadas. Parece ser simples afirmar que a vida na cidade e os processos de urbanização afetam a saúde mental dos indivíduos, no entanto, conseguimos perceber isso a partir de Simmel (1903), quem faz os primeiros apontamentos nesse sentido. O autor alemão escreve *A metrópole e a vida mental* onde fala de Berlim em 1903, momento em que a cidade passava por mudanças urbanísticas relevantes e abre os caminhos para a Sociologia Urbana, formulando questões sobre como a metrópole age na subjetividade, definindo papéis e modos de vida capazes de interferir na psique. A atitude blasé, explicada por ele como um mecanismo de defesa frente às intensas modificações no espaço pode ser entendida como um estado de alienação enquanto afastamento e descreve o embotamento diante do outro e a impessoalidade, em um empobrecimento de relações entre os indivíduos. Em sua leitura sobre a vida urbana do final do século XIX, são marcantes as seguintes características: a monetarização da vida, a razão e racionalização dos modos de vida e a valorização da individualidade. Compreende-se então que a metrópole conduziria formas de subjetivação, ao criar condições que

criam atravessamentos e modificam aqueles que habitam a metrópole. Dessa forma, Simmel contribui para desenvolvermos um pensamento urbanístico e amplia para discutir sobre a dimensão da subjetividade nas cidades, considerando as mudanças urbanas, os estímulos e as afetações e interações sociais.

Walter Benjamin, contemporâneo e conterrâneo a Simmel, também contribui para o pensamento sobre como a metrópole atua na vida dos moradores, sendo o último mencionado nos escritos e ensaios de Benjamin. Entre muitas ideias, assuntos e autores de referência pelos que passa Benjamin, os que quero destacar nessa pesquisa são os temas relacionados a memória, a multidão e a figura do *flâneur*, que contribuem para a discussão sobre cidade e subjetividade. Vendo as transformações urbanas na cidade de Paris pelas quais o urbanista Haussmann foi responsável, Benjamin percebe implicações na construção da subjetividade e formas de circular pela cidade, atribuindo ao urbanista o fato de que “Paris se torne uma cidade estranha para os próprios parisienses. Não se sentem mais em casa nela. Começa-se a tomar consciência do caráter desumano da grande metrópole” (BENJAMIN, 1985 [1955], p. 41). Paris passa por um momento em a cidade está em reconstrução, tendo a atuação daquele urbanista sido marcada pela demolição, abrindo avenidas e *boulevards* entre tantas outras transformações feitas na cidade que foi reestruturada. Também nessa época, acompanhando as mudanças e novas configurações da cidade, houve o surgimento de galerias (centros comerciais de mercadorias de luxo que seriam hoje os shoppings centers), possibilitando outras formas aos moradores de se relacionarem e perceberem a cidade. Entre as ruas e as galerias, uma das figuras a que se refere Benjamin está o *flâneur*, um observador do cotidiano, retrato do burguês ocioso que se afasta da norma, perambulando e gastando suas horas nos passos errantes pela cidade moderna (BENJAMIN, 1994, p. 122). Nesse movimento e observação, percebe a sociedade e o mundo em que vive de maneira particular, é uma figura que possui um tempo outro e apreende a cidade de uma maneira própria.

A *flaneurie*, esse modo de perambular pela cidade em um tempo próprio, próprio do desviante que é o *flâneur*, se aproxima da metodologia proposta nesse trabalho, já que o caminhar e olhar despreocupado e, ainda, a contemplação da rua, fazem parte das

maneiras de apreensão da cidade contemporânea das quais tomo como referências. Considerando o tema da experiência do choque de qual fala Benjamin em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, a multidão – ponto de observação do *flâneur* - é o encontro de diferentes classes que se configura em uma massa urbana em movimento acelerado de sujeitos indiferentes uns aos outros que se chocam. Com uma citação de Engels, Benjamin aponta a descrição dessa multidão, onde a experiência do choque se aproxima com a atitude blasé em Simmel. Então, a multidão seria definida como

Essas centenas de milhares de todas as classes e posições, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões, e om o mesmo interesse em serem felizes?... E no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais estes indivíduos se comprimem num exíguo espaço” (p. 114)

Em sua poética, Benjamin apontaria o *flâneur* como aquela figura que deseja emprestar uma alma a esta multidão, tão insensível e cega ao outro, marcada por estranhamentos e alienação. Ao deambular pelas ruas, essa figura observa de fora a multidão ao mesmo tempo em que se vê nela – uma ambivalência onde seria cúmplice da multidão e simultaneamente se distanciaria dela. Frente ao surgimento das galerias, essa figura será vista como um consumidor potencial, já que em seu desvio e errância, o *flâneur* é deslocado e entendido dessa forma, onde circular pela cidade é cada vez mais sinônimo de consumo e relações mercadológicas marcantes.

Nas cidades contemporâneas, assim como na metrópole de Simmel e Benjamin, a razão, individualidade, distanciamento e monetarização das relações continuam traços marcantes. No entanto, além de termos espaços de sociabilidade diferentes dos que existiam no século XIX, vivemos diante de políticas neoliberais que ditam outros tipos de alienação e subjetividades a partir de novos conflitos sociais e espaciais (BIRMAN, 2001). Como reflexos disso, poderíamos pensar nas estratégias econômicas e políticas que consideram a monetarização e a razão como pilares de uma ordem social e impactam nas formas como os indivíduos se afetam,

como se relacionam entre si e com o espaço. Considerando essa perspectiva de que o sujeito e a cidade estão em constante afetação simultânea, em uma produção de corpos e espaços relacionados, destaco o distanciamento que marca essas relações como parte importante de um processo de alienação.

Sem a pretensão de iniciar um longo caminho conceitual e filosófico sobre a alienação - que passa por Rousseau, Hegel e diferentes correntes da filosofia - seguirei com o entendimento de alienação a partir do Dicionário do pensamento marxista,

No sentido em que lhe é dado por Marx, [alienação é a] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ ou [3] a outros seres humanos, e – além de, através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). (BOTTOMORE, 2001, p.5)

Esse dicionário permite a compreensão da alienação enquanto uma ação de afastamento, de distanciamento ou estranhamento em relação a algo ou alguém. É possível relacionar isso ao pensamento de Simmel dito anteriormente, pontuando as impessoalidades e relações distanciadas na vida da metrópole em 1903. As formas de alienação atravessam diferentes campos, nos modos de produção, de sociabilidade, do saber psiquiátrico e psicanalítico e, como aponto - nas maneiras de produção do espaço. Assim, quero evidenciar o distanciamento, desvios e estranhamento presentes na figura do turista e do louco, além das relações que se dão entre eles, e desses com os espaços. A intenção é de trazer reflexões que possam contribuir aos estudos sobre cidade. Ao pensar sobre espaços de acolhida, discorro sobre aqueles que produzem alienação, pensados e planejados para o afastamento. Veremos como acolhimento e alienação, ainda que pareçam ações distintas, podem estar mais próximos do que se parece.

### **3. A produção do espaço hegemônica e modos de alienação**

Alguns momentos que marcaram a história do pensamento urbanístico permitem identificar correntes e práticas do urbanismo que facilitaram ou que tiveram como consequência a concepção de espaços fragmentados e funcionais. Choay faz uma antologia apresentando as bases do urbanismo no livro *O Urbanismo: Utopias e Realidades*, publicado em 1965, de onde destaco a corrente progressista e seus desdobramentos nas teorias e práticas sobre cidades por suas características. Os progressistas que representam as bases da corrente possuem obras bastante distintas, como as de Owen, Fourier, Richardson, Cabet, Proudhon, do séc. XIX. Eles foram reunidos pela autora numa mesma corrente por terem uma mesma concepção a respeito do homem e da razão, que subentende e determina suas propostas relativas à cidade (CHOAY, 1992, p 8). O que os caracteriza, de maneira geral, é a análise racional dos lugares, a exigência por uma higiene, embelezamento da cidade, estética (onde lógica e beleza coincidem), ordem e ordenamento espacial, o funcionalismo e eficácia seguindo valores assépticos e repressivos (Op. cit. p. 11).

Teóricos mais atuais do campo da psicologia denominariam essas características como “desejos de manicômios”, ou seja, “de um desejo em nós de dominar, de subjugar, de classificar, de hierarquizar, de oprimir e de controlar” (MACHADO E LAVRADOR, 2001, p. 46). As normas e doutrinação bastante funcionais presentes na Carta de Atenas<sup>13</sup>, fazem parte desse modelo progressista, inspirada na concepção de um homem-tipo, como mostra a autora. Na tentativa de representar a cidade ideal onde tudo funcionaria ordenadamente, as consequências resultaram repetidas vezes em cidades fragmentadas, onde se separam os espaços por funções previamente concebidas, tomemos Brasília como exemplo (fundada nos anos 60 e planejada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer).

---

<sup>13</sup> Elaborada em 1933, A Carta de Atenas (Town Planning Chart), estabelecia princípios baseados em um homem-tipo e as necessidades humanas universais divididas em quatro funções: habitar, trabalhar, locomover-se, cultivar o corpo e o espírito. Os princípios seriam adotados pelos urbanistas em seus planos para as mais diferentes localidades. Le Corbusier é um dos arquitetos mais conhecidos na aplicação ou idealização desses princípios em seus projetos de cidade. (CHOAY, 1992).

Higiene mental é um dos conceitos também mencionados nesse livro, apresentado como uma crítica diante dessa fragmentação espacial ao dizer que estaria associada a uma desintegração mental afetando na estruturação psíquica dos habitantes (CHOAY, 1992, p. 45), o que remete ao pensamento de Simmel. A ideia da higiene mental é apenas citada no livro de Choay, sem grandes profundidades, mas deixa contribuições na relação entre cidade e saúde mental, já que considera a repercussão da morfologia urbana sobre o comportamento humano. Dentre as conclusões que a autora formula e vale tomar nota está a seguinte

O urbanista deve deixar de conceber a aglomeração urbana exclusivamente em termos de modelos e de funcionalismo. É preciso parar de repetir fórmulas fixas que transformam o discurso em objeto, para definir sistemas de relações, criar estruturas flexíveis, uma pré-sintaxe aberta a significados ainda não constituídos. (Op. cit. p. 55)

Considerar essa reflexão a respeito do papel do urbanista segue sendo pertinente visto que práticas urbanísticas mais atuais ainda são marcadas por reprodução de modelos com muitas das características herdadas dos progressistas. Idealizando cidades, muitos urbanistas reduzem a complexidade das relações ao vê-la como um objeto. Esse pensamento reducionista tem seus reflexos na cidade contemporânea. Daí a importância em compreender uma historiografia do pensamento urbanístico, permitindo uma postura crítica diante das medidas atuais que conduzem o fazer cidade, onde o Urbanismo enquanto dispositivo é utilizado pelo Estado e, muitas vezes, conduzido verticalmente sem a abertura para diálogo com quem habita essas cidades.

Na conjuntura urbana contemporânea, o urbanismo corporativo é tomado enquanto prática hegemônica que articula modos de produção e reprodução do espaço pautado na privatização, lógica de mercado e captação de investimentos (FERNANDES, 2013). Algumas consequências dessa tendência são a especulação imobiliária, segregação socioespacial e violação de direitos, como aponta Fernandes (p. 85). Se considerarmos as políticas públicas atuais relacionadas ao planejamento urbano, não seria difícil verificar tais reflexos dessa produção do espaço hegemônica. Orientadas pelo capital e pelo mercado, políticas neoliberais se desdobram em urbanização e a cidade é reduzida a produto para negociação e imagem para consumo, sendo inúmeros os projetos

### **PISTA: Acolhimento e exclusão.**

urbanísticos que preveem grandes remoções de pessoas para criar algo financeiramente mais interessante, veremos como em Salvador existem exemplos disso. Propostas de preservação, requalificação, reabilitação ou modernização dos espaços acabam funcionando dentro dessa lógica corporativa, operando a partir de discursos e imperativos do embelezamento e melhorias nas cidades quando, na verdade, estão reduzidas a atender interesses mercadológicos em muitos casos. No planejamento do turismo também é evidente essa tendência corporativista, conduzido por políticas públicas em parceria com a iniciativa privada e práticas empresariais, tantas vezes considerando as cidades como objetos (assim como o fazem muitos urbanistas com seus projetos urbanos) e cenários a serem consumidos. O Pelourinho, para pensar uma das realidades no contexto de Salvador, é um exemplo onde políticas urbanas e de turismo se encontram afetando diretamente moradores dentro dessa lógica de produção do espaço hegemônica. Moraes e Goulart, que escrevem sobre requalificação urbana, fizeram uma análise resumida das primeiras etapas do “Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador” - iniciado nos anos 90 e dividido em 7 etapas, a última em andamento em 2019 - onde apontam vários problemas. Com o artigo publicado em 2002, intitulado Cenários sem atores, atores sem história, Moraes e Goulart, dizem

**um soco no estômago outra vez:**

No Pelourinho assistiu-se a uma espécie de reedição do sanitarismo do final do século XIX, num formato ainda mais perverso se considerarmos que foi substituída a imposição de regras de civilidade e disciplina por intenções claras de promoção da gentrificação. O simples deslocamento da população residente para possibilitar a execução das obras nas edificações já constituiu fato suficiente para o seu desenraizamento, seja pela quebra de relações de convívio social cotidiano, seja pelas dificuldades de sua permanência em atividades exercidas na área. (p. 63)

**era uma cracolândia. Poderia ser uma montagem, um cenário de filme, um momento sem época. Vi corpos magros vestindo trapos, de cocoras soltando fumaça ainda naquela tarde. Os corpos adoecem pelas ruelas da cidade, sentem medo e gritam pelas vísceras. Eu sentia medo e não poderia cruzar aquela rua. Acolhimento talvez seja um lugar de valorizado por seu caráter histórico e artístico, como apontam (Op. Cit. p. 63). Por esse caráter, inclusive, foi declarado pela refúgio para fazer o que se quer.**

**Acolhimento e exclusão na mesma rua.**

UNESCO<sup>14</sup> como Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1985, o que o reforçou e consolidou como destino turístico. O cotidiano dos moradores que continuam na região fica ameaçado constantemente por dinâmicas de uma vida submetida aos efeitos de políticas neoliberais. É contraditório pensar que nesse Patrimônio Cultural da Humanidade, como dito, o descaso com os moradores locais seja tão marcante em diferentes momentos históricos. Mesmo antes dessa perda de função residencial, houve ainda uma perda do sentido e significado daquilo que já foi o Pelourinho e o que a própria palavra representa. Antes de sua atribuição enquanto patrimônio e seu valor turístico, o Pelourinho é lugar da memória e história desde a fundação da primeira capital do Brasil (também slogan publicitário do atual prefeito), por isso, carrega muitos sentidos e significados por vezes desconhecidos, sobretudo entre os turistas que passam por ele sem compreender as significações para além de um cenário. Também a maioria da população local de Salvador desconhece a história da própria cidade, como aponta a matéria do jornal A Tarde em 2015<sup>15</sup> e reforça as ideias aqui ditas anteriormente A reportagem inicia assim:

#### **SEM PISTAS... PARA QUAL PELOURINHO EU VOU?**

Um dos principais pontos turísticos de Salvador e patrimônio Histórico da Humanidade, o Pelourinho deslumbra os visitantes. A arquitetura, os casarões e as cores servem de atrativo à visita também de moradores. Contudo, muitos desconhecem o real significado e a história do lugar que nasceu como espaço de castigo dos escravos.

---

<sup>14</sup> Sigla que se refere à Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura e diz sobre essa categoria de patrimônio o seguinte: “O patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Patrimônio Cultural Mundial: é composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico.” (UNESCO, s. d) Disponível no site da UNESCO pelo link <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage/> Acesso em 13/05/2018.

<sup>15</sup>A reportagem que leva o seguinte título “*Turistas ignoram história do Pelourinho*” está disponível através do link a seguir: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1728235-turistas-ignoram-historia-do-pelourinho>. Acesso em 29/05/2019.

### PISTA: Consumir é preciso

Ao longo da reportagem, vemos como o termo pelourinho carrega a definição de punição, sendo o equipamento utilizado com a finalidade de penalizar os negros que foram escravizados, sendo parte de uma memória nacional que deixa marcas até os dias atuais. No entanto, ao distanciar turistas ou moradores do próprio significado da palavra pelourinho e a história por trás dela, são produzidas alienações entre sujeitos, lugares e memória. No estudo do cientista social e Prof. Dr. Osmundo Pinho – que defende em 1996 no departamento de antropologia da UNICAMP sua dissertação sobre o Pelourinho, as narrativas construídas sobre ele, relações sociais e a produção social do espaço – é apresentado como foi criada a ideia de Bahia, tendo na obra de Jorge Amado uma grande formação e difusão de imaginário sobre esse local. Anterior ao escritor, há um “processo ideológico-discursivo de formação de uma representação universalista e, portanto, arbitrária da ‘cultura baiana’” (p. 09). Sendo assim, conduzindo tais representações, outras memórias vão sendo criadas e fazem com que o Pelourinho seja distanciado de seu significado, passando então por ressignificações. Agora é destino importante para o turismo no estado, representando sua cultura, alegria, diversidade e a “verdadeira” Bahia (PINHO, 1996, p. 261), ainda que seja o mesmo lugar histórico marcado por angústia, castigo e sofrimento. Esse processo de esquecimento poderia ser pensado enquanto uma estratégia para alienar sujeitos e espaços sobre a história da cidade, portanto, sua própria história.

Seguindo essa estratégia marcada pela ressignificação dos sentidos e esquecimento, vemos casos similares também em outras partes de Salvador, me refiro agora ao antigo Mercado do Peixe no bairro do Rio Vermelho. O prefeito ACM Neto, alinhado às privatizações e reformas, faz com que o Mercado do Peixe deixe, iniciando sua história nos anos de 1950, deixe funcionar da maneira como era, dando lugar ao “espaço gourmet” que hoje se chama Vila Caramuru. A matéria da Vice<sup>16</sup> traz algumas explicações

---

<sup>16</sup> “A história do desmanche do melhor fim de noite da Bahia”, apresenta a transformação pela qual passa o antigo Mercado do Peixe fechado em 2015 para dar lugar à Vila Caramuru. O mercado funcionou naquele local por mais de 30 anos. Na íntegra, pode ser lida em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/bmn3m3/desmanche-mercado-do-peixe-o-melhor-fim-de-noite-da-bahia](https://www.vice.com/pt_br/article/bmn3m3/desmanche-mercado-do-peixe-o-melhor-fim-de-noite-da-bahia). Acesso em: 29/05/2019.

importantes de como se deu esse processo e conta como era o mercado até 2015, ano que foi fechado para obras de requalificação da prefeitura. Segundo a Vice,

Apesar do nome, o lugar não vendia peixe: o complexo de bares, a maioria administrado por famílias pobres, servia bebida barata e comida caseira, trazidas por garçons chamados pelo nome pela clientela. Isso 24 horas por dia, sete dias por semana — um dos únicos locais de Salvador que não parava nunca. Não à toa, o espaço era considerado o fim de noite mais famoso da Bahia.

Deixando de ser o fim de noite mais famoso da Bahia de um público específico, os pequenos comerciantes do mercado são substituídos por outros, com “perfil” diferente. A simples mudança do nome do próprio local também seria uma maneira de criar outras memórias para a cidade e seus moradores. É importante considerar que reformas para aquele local eram também desejo dos

antigos comerciantes, como aponta a matéria trazendo a fala de um deles que trabalhava há 30 anos no mercado, o sr. Antônio Nunes de 65 anos. Segundo ele, o problema foi de que a revitalização e as obras não seriam pensadas para beneficiá-los, mas para tirá-los dali. O processo de *gourmetização*, ou seja, da privatização dos espaços marcada por uma estética que se repete em diferentes lugares para atender públicos específicos torna-se uma prática recorrente e uma tendência mercadológica mundial.

Seguindo esse modelo, a Vila Caramuru se torna então espaço para consumo e turismo, de maneira diferente do que acontecia no Mercado do Peixe, prática possível de ser vista dentro de um entendimento alienante das relações entre sujeitos e espaços, abrindo mão de um sentido anterior dando espaço para que outras memórias sejam construídas de maneiras diferentes. Essa forma de alienação, da maneira como proponho nesse trabalho, passa por um processo de desmontar e remontar, deslocando e distanciando memórias, corpos, realidades e afetos.

Ao atentarmos para as movimentações entre interesses turísticos, da ação empresarial e participação do poder público que se consolidam nos últimos anos no entorno do Pelourinho, tomemos ainda outras realidades de (des)casos pelos quais passaram os feirantes da Rua do Couro na Barroquinha e que estão passando os moradores e artífices da Ladeira da Conceição.

liberando e deixando cair o mal sobre nós, isso explicava quantas coisas desastrosas vêm acontecendo no mundo inteiro. Vinha meu ônibus e ficava ali o rapaz, sentado nessa brecha que pode se transformar um ponto de ônibus, uma<sup>51</sup> concavidade com assento, espera e companhia. Quantas fendas se abrem no espaço todos os dias? Foi o que pensei.

Na Rua do Couro havia uma feira tradicional onde os artesãos e vendedores comercializavam seus produtos, muitos deles vinham do interior da Bahia, que deixou de existir tal como era em função de obras de requalificação com a promessa de que haveria melhorias para os feirantes, quando na verdade, ao descer a Ladeira da Barroquinha após as obras, já não se vê a feira acontecer. Interesse da prefeitura e empresas para o espaço é criar e fortalecer atrativos culturais, com a Vila Cultural da Barroquinha. Segundo divulgação da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de 2016<sup>17</sup>,

O segundo edital do Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Sustentável e Inovação (PIDI), que prevê incentivos fiscais para a região da Barroquinha, no Centro Histórico, com o objetivo de criar a Vila Cultural da Barroquinha. Dentre as atividades contempladas pelo edital da Vila Cultural estão galerias de arte, casas de espetáculos, teatros, cinemas, atividades de fonografia e fotografia, serviços gráficos, cafés, bares e restaurantes, agências de turismo e casas de câmbio, escola de artes e idiomas, lojas de artigos religiosos e lembranças da Bahia, livrarias, atividades de ofício tradicionais (barbeiro, alfaiate, sapateiro, carpinteiro, serralheiro). Com inscrições a serem iniciadas de imediato, o edital para a Vila Cultural beneficiará os imóveis localizados na Ladeira da Barroquinha, Rua Visconde de Itaparica, Rua do Curriachito, Rua Visconde de Ouro Preto, Ladeira das Hortas, Travessa Antônio Bahia e Largo de São Bento. A iniciativa visa incentivar a recuperação dos imóveis, além de impulsionar o funcionamento de atividades econômicas, atraindo empresas e, conseqüentemente, gerando empregos.

De fato, é importante estabelecer e incentivar espaços culturais para amplo acesso na cidade. Exposições e eventos que fomentam a cultura local acontecem, por exemplo, no Espaço Cultural da Barroquinha. Nessa localidade, funciona um complexo cultural relevante para Salvador, contando com o Cinema do Itaú – Cine Glauber Rocha, Teatro Gregório de Matos, lojas tradicionais de produtos de couro, além da vista para a Baía de Todos os Santos. No entanto, a forma como se dão os processos, atendem interesses de empresários que privilegiam a chegada de hotéis e venda de imóveis para geração de lucros.

---

<sup>17</sup> Para acessar, o link é <http://comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias/48962-prefeitura-lanca-iniciativas-para-ocupacao-e-dinamizacao-do-centro-antigo> Acesso em: 27/03/2019.

O Fera Palace Hotel é parte dessa dinâmica, influenciando no local em que está inserido. Beneficiado com isenção de impostos pela Prefeitura Municipal de Salvador, o empresário cofundador do hotel de luxo na Rua Chile (a poucos metros da Barroquinha, da Ladeira da Montanha e do Pelourinho), faz parte de uma poderosa articulação, como nos diz a matéria da Folha de S. Paulo de 2015<sup>18</sup>,

Em parceria com a Prefeitura de Salvador, o governo estadual e o Iphan (instituto do patrimônio histórico), Mazzafera e seus sócios tornaram-se os novos ‘donos’ da rua, que será ladrilhada com recursos do PAC e terá seus fios aterrados. Batizado de Bahia *District*, o projeto foi inspirado no *Meatpacking District*, zona inóspita de Nova York onde só funcionavam frigoríficos e que virou ponto turístico. ‘Em cinco ou sete anos, esses imóveis valerão o dobro; a região será revitalizada’, diz Mazzafera.

Outra mais recente, de abril de 2019, a matéria publicada pelo The Intercept Brasil dialoga com essa, apontando as consequências dessas revitalizações para os moradores da Ladeira da Montanha. Os artesãos que vivem nos casarões em formato de arcos que sustentam a Ladeira da Montanha são herdeiros de ofícios tradicionais de matriz africana, alguns deles instalados no local há gerações. Diante de um processo de revitalização proposto pela prefeitura, a realidade em que vivem esses artesãos e moradores é de constante medo de despejos, já que por ocuparem os arcos há tanto tempo, alguns não possuem a escritura dos imóveis, como mostra a matéria. “Para dar lugar aos novos empreendimentos, as comunidades empobrecidas estão sendo ameaçadas de despejo na região. Sem dinheiro para comprar, reformar ou regularizar os imóveis, em grande parte condenados e com aluguéis em alta, a população pobre que vive no local é forçada a sair de lá” (The Intercept Brasil, 2019). Ou seja, enquanto incentivos fiscais são concedidos a hotéis de luxo como o Fera Palace Hotel ou o mais novo, Hotel Fasano, os moradores ficam condenados aos aluguéis em alta.

---

<sup>18</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/06/1648531-grupo-compra-123-imoveis-e-pretende-revitalizar-o-centro-historico-de-salvador.shtml> Acesso em 01/05/2018.

É difícil acompanhar as tomadas de decisões para essa parte da cidade, o Centro Antigo e proximidades, quando as revitalizações propostas a cada dia avançam com rapidez, alterando de diferentes maneiras as dinâmicas ao redor. Outra notícia, do Correio<sup>19</sup>, reúne em uma lista os recentes investimentos da prefeitura municipal em editais de licitação, ordens de serviço, inaugurações, programas e eventos para essa e outras partes da cidade.

Das cidades – ou parte delas - reduzidas a produto para negociação e imagem para consumo, vemos como articulações entre o setor privado e seu consorciamento financeiro com o Estado, determinam políticas públicas que afetam diretamente o espaço urbano e suas relações (FERNANDES, 2013, p. 87). Os impactos disso são violentos, realidade de muitas cidades em diferentes contextos, onde desigualdades são reforçadas estabelecendo fronteiras, separações, homogeneizações e apagamento daquilo que não é desejado para determinado espaço - já que para que alguns interesses sejam atendidos, existências precisam estar fora da cena, desdobrando em formas de produção do espaço tão propícias à alienação.

Uma das inquietações que conduz esse trabalho é sobre como se dão essas formas de alienação nos espaços. Os turistas que consomem cenas; os moradores que são deslocados e forçadamente alheios de suas realidades ou; os alienados tratados por sua loucura, numa concepção machadiana, interrompidos de seu direito de circular nas cidades – todos esses estariam submetidos a uma alienação, em processos que os distanciam ou que os priva do convívio uns com os outros?

Na relação turistas–destinos–moradores quando concebida dentro das bolhas turísticas, entendo uma forma de alienação ao serem distanciados, estranhos uns aos outros, divididos entre um dentro da bolha e algo que está fora dela. Aqueles que podem, ao

---

<sup>19</sup> “Aniversário de Salvador: veja como vai ficar o Terminal da Barroquinha após obras”, notícia de março de 2019, disponível pelo link: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/aniversario-de-salvador-veja-como-vai-ficar-o-terminal-da-barroquinha-apos-obras/> Acesso em: 30/03/2019.

consumirem pacotes de viagem estruturados<sup>20</sup> no desejo de escapar do cotidiano em que vivem, entram nessa dinâmica que mercantiliza as relações e os espaços. Enquanto lazer é um direito social, viajar é um privilégio. A fim de retratar cidades submetidas a um turismo massivo e refletir sobre as tais bolhas, trago Barcelona como exemplo, sobretudo por seu planejamento urbano e turístico terem sido referência, servindo como modelo a ser seguido desde as remodelações urbanas feitas para sediar os Jogos Olímpicos em 1992 (NARCISO, 2008, p. 78). Um dos grandes pólos de turismo na Europa, nessa cidade acontece uma descaracterização da cultura local percebida em algo trivial, como os souvenirs comercializados em lojas de interesse turístico (que influenciam na formação de um imaginário sobre os lugares). Encontra-se desde touros e castanholas, típicos de outras partes da Espanha, até chapéus mexicanos, que nenhuma relação tem com Barcelona. Além disso, o descontentamento dos moradores a respeito dos turistas é retratado no documentário “Bye Bye Barcelona”<sup>21</sup>. A partir de suas falas e relatos, vemos o processo pelo qual passa a cidade, transformada em um parque temático que escolhe a massificação do turismo em detrimento da qualidade de vida dos moradores. Um dos dados que o documentário apresenta é que 8 a cada 10 pessoas caminhando pela “Rambla”, rua da parte antiga da cidade, são turistas. Tal fato gera especulação imobiliária e também a superlotação dos espaços públicos, o que impossibilita a sua vida cotidiana e os expulsa de seu próprio bairro. Uma das moradoras que aparece nesse documentário afirma

**PISTA: Acesso ao Hotel.** Essa pista é tão concreta que senti a porta aberta bater na minha cara. Uma vez hóspede no Fera Palace, circulei com muita tranquilidade pelo hall de entrada, nas escadas, no restaurante. O hotel estava muito aberto à minha presença, não tinha dúvidas sobre isso. Consumir no bar que estava justo na entrada era algo possível e, ainda que eu não consumisse, era permitido acessar esse espaço. Depois do escrito na parede, sobre matar o branco dentro de mim, sempre pensei se o mesmo acesso seria permitido à pele negra. Entrar naquele hotel, mesmo sem consumir, e não ser incomodado. Apenas pensei. Quando estive atendido pelo CAPS, não mais pelo hotel, este se fez inacessível. Um louco furando esse espaço, um louco sentado no sofá, um louco no hall de entrada... A porta bateu na minha cara quando que eu precisava era uma outra coisa. Aquele lugar é um dentro-fora, se abre apenas para os que vestirem capas invisíveis, fica fora do mapa aos que estiverem despidos delas.

---

<sup>20</sup> Refiro-me aos pacotes criados por grandes agências de viagens no formato de circuitos em que o turista percorre mais de um país em poucos dias (muitas vezes, com um guia que fala português), sem tempo para estabelecer contatos significativos com os lugares e seus moradores.

<sup>21</sup> Lançado em 2014, o documentário está disponível pelo link <<https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpml>> Acesso em: 13/02/2018.

que não é o turismo em si o problema, mas sim a falta de interesse pela cultura local, onde o maior fluxo de turistas acontece de loja em loja. Então, que modelo é esse que serviu de referência para as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro<sup>22</sup>?

O turismo opera dentro de estéticas estabelecidas, dos padrões internacionais, que divertem aqueles que podem fazer parte dessa forma de viajar ou de viver, sendo normalmente muito bem recebidos por onde se hospedam (algumas vezes numa rede de hotel que se repete pelo mundo inteiro, com o mesmo padrão<sup>23</sup>). Será preciso sair da cena forjada e calculada das bolhas do turismo massivo e consumista para repensar as práticas que ditam as maneiras como estamos nos relacionando com diferentes cidades visitadas, um consumo alienado dos espaços pensados para essa dinâmica. Isso é apenas o reflexo da maneira como vivemos nossas bolhas cotidianas, já que os lugares que ocupamos na sociedade representam nossas formas de viajar e fazer turismo. Ou seja, é necessário repensar “modelos de sucesso” adotados, as maneiras como fazemos turismo, e, sobretudo, como fazemos a própria cidade.

Outras bolhas são criadas na mesma lógica,

Por um lado, manuseia-se um universo indiscernível de formas, legitimadas por experiências ou pressuposições de sucesso. Por outro, avesso a qualquer forma de contaminação com a vida urbana múltipla e conflituosa, da qual se defende, cria-se um urbanismo-bolha, que restringe ao mínimo os pontos de contato, estreitamente vigiados. A submissão da capacitação técnica (e política) dos profissionais envolvidos aos princípios definidos para os empreendimentos deixa pouca margem para que ideias e valores possam florescer. Restritos à gramática do negócio, com frouxa regulação pública, os urbanistas são constrictos a planos desindexados de esperança, vigor e generosidade. (FERNANDES, 2013, p. 104)

---

<sup>22</sup> Visto como “maior legado olímpico da história”, as olimpíadas em Barcelona serviram como “receita” para o comitê olímpico no Rio de Janeiro sob a gestão de Eduardo Paes, pode ser conferido em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/09/barcelona-maior-legado-olimpico-da-historia-e-referencia-para-rio-2016.html>. Acesso em 11/02/2019.

<sup>23</sup> Temos a rede Ibis como exemplo. Para conhecer, acessar: <http://www.ibis.com/brasil/index.pt-br.shtml>.

De maneira técnica circunscrita dentro das demandas de empreendimentos, delimitam-se os muros visíveis ou invisíveis nos projetos de tantos arquitetos e urbanistas, na criação de espaços assépticos sem brechas para contaminação. Há ainda os muros mais simbólicos que seguem aprisionando a loucura em estigmas. Faz-se necessário que os muros e bolhas sociais se rompam para que o encontro aconteça. Se houver dúvidas de que a produção do espaço é algo que vai além da técnica, é importante compreender que:

A crise do ambiente em que vivemos não é de planejamento e técnica, mas, sobretudo, uma incapacidade de “habitar” o mundo público. Habitar um lugar é identificar-se com ele, promover a possibilidade de que ele nos conduza a uma vida feliz e confira sentido à nossa vida. O maior problema das cidades é que não mais a compreendemos como o lugar doador de sentido à nossa existência. (...) Desprovida desse sentido, a cidade tem sido considerada apenas como valor de troca e circulação de mercadorias. (BRANDÃO, 2009, p. 02)

Essa incapacidade a que se refere Brandão está relacionada à perda do mundo público para dar lugar ao consumo, e assim, a cidade deixa de ser lugar de diálogo e do encontro (BRANDÃO, 2009). Espaços anteriormente cheios de significados são substituídos rapidamente por espaços de negócios, transformados para o uso de uma minoria que consegue fazer parte do jogo do capital, criando as fronteiras dentro das próprias cidades que geram espaços de imunização<sup>24</sup>. Recusa-se o tempo inteiro a alteridade, o que

---

<sup>24</sup>Conceito vindo da biologia é assunto também da filosofia política contemporânea presente na obra do italiano Roberto Esposito. Ao dizer sobre questões relacionadas aos atuais (des)entendimentos sobre comunidade, nos mostra uma inversão no próprio conceito como o usamos: a comunidade, que deveria se referir ao comum é vivida enquanto um conjunto de proprietários, apresentando uma relação direta entre comunidade-imunidade ao concluir, como nos mostra Campbell, que “para sobreviver, a comunidade – qualquer comunidade – é obrigada a introjetar a modalidade negativa do próprio oposto; mesmo que tal oposto permaneça como um modo de ser, justamente de privação e contraste, da própria comunidade”. (CAMPBELL, T. in ESPOSITO, R. 2017, p. 19). Ou seja, a imunidade ao mesmo tempo em que pressupõe nega a comunidade (o apagamento do outro, via imunidade).

claramente não contribui para a criação de espaços acolhedores, sem muita brecha para o encontro ou identificação com o próprio espaço, onde o potente estranhamento com aquilo que representa o outro não cabe. Diante disso, como se vive numa cidade vendida, onde a razão e a monetarização nos assaltam os direitos de habitar ou de ter acesso ao lazer? Quem consegue participar dessa cidade marcada pela especulação imobiliária? As políticas urbanas estão produzindo espaços para serem vividos ou consumidos? Como conseguiremos pensar espaços mais acolhedores nesse contexto neoliberal?

### **PISTA: A igreja.**

#### **4. Do encontro com a diferença: fazer caber**

Se já está um pouco difícil lembrar bem o que me aconteceu, não me pergunte qual era o nome daquela igreja (sobretudo nesse jogo de interesses financeiros com reflexos na cidade, como mostrado até agora, há os que não fazem parte por não nessa cidade de igrejas). Dessa pista tenho tão somente algumas sensações como lembrança... Estava na porta do CAPS, caberem nas regras do jogo. Em cidades onde padrões, normas e repetições se fazem presentes o tempo inteiro, forja-se uma um pouco entediado naquele aquele dia preguiçoso quando vi do lado oposto da rua uma menina com sua garrafa de água.

Estética feita para parecer, minuciosamente, espontânea e casual. A marcação de limites é propositalmente disfarçada. Os muros são para o lado “de fora”, para o outro, diferente. Antes, por causa dele. O que se passa entre os muros? Recusa da cidade? É possível afirmar que haja ali a negação da experiência urbana? Certamente, há a redução dos encontros, o empobrecimento da experiência social no assoreamento das trocas, na tirania da regulamentação, tributária do *medo da cidade* e do *medo na cidade*, preocupação central que alimenta as espacialidades urbanas contemporâneas, segundo Beatriz Sarlo. (NOGUEIRA, 2013, p. 53)

Nos olhamos e foi um instante apenas. Logo depois quis sair da porta e ganhar a rua, teria de passar por muitas pessoas A dimensão dos encontros ultrapassa os limites impostos pela cidade mercadoria e seus jogos de poder. Ainda que o medo e cumprimentar as moças do meu caminho, é o que faço. Andei no meu passo rápido, a sensação é o que eu lembro: esteja presente enquanto preocupação central, como mostra Nogueira em sua tese “*Espaço e Subjetividade na Cidade Privatizada*”. estava sendo seguido pela menina da água. Não era delírio nem olhos nas costas, somente uma sensação. Foi então que Os encontros são capazes de romper formas de alienação que nos apartam e distanciam em um fora e dentro. Tentando trazer decidi passar do ponto de ônibus e entrar na primeira porta da igreja, só ali a sensação passaria. E passou. Independente alguns pontos para falar dos encontros (e desencontros) com a diferença, Foucault faz-se indispensável. Destaco dois momentos de uma religião, as igrejas têm algo disso que nos acolhe mesmo. Sentado no banco de madeira, quem me via da rua da obra deste filósofo que julgo ser relevantes para a discussão: Segurança, Território e População (Curso dado no Collège de acharia que estávamos no escuro, mas não. Ali era onde o dia ganhava alguma luz, ou uma sensação disso. Um ambiente France em 1977 e 1978) e História da Loucura na Idade Clássica (publicado originalmente em 1961), com grandes contribuições que te acolhe, pessoas que parecem buscar o mesmo, um banco e um lugar para onde olhar sem ter medo das incertezas. para o pensamento sobre poder, controle e loucura. Delimitarei aqui a primeira aula do curso de 1978 e o que se chamou A Grande Passou quem me seguia mas ficou a sensação. Aquela igreja me acolheu, também cumprimentar as moças servia para

algo assim.

Internação, presente no último livro mencionado. As relações de poder em ambos, como apresenta Foucault, se refletem no espaço urbano e mostram como a atuação higienista nas cidades e nos corpos delimita fronteiras (mais ou menos concretas). Assim, seguimos usando do higienismo em versões atualizadas (algumas vezes via moralidade e medo, como na História da Loucura) para ordenar e controlar populações atendendo a interesses do Estado e daquilo que representa o poder. Usando-se de Foucault para trazer uma pista a respeito dos diferentes tipos de acolhimento, cito:

A loucura só terá hospitalidade doravante entre os muros do hospital, ao lado de todos os pobres. É lá que a encontraremos ainda no final do século XVIII. Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral. Se o louco aparecia de modo familiar na paisagem humana da Idade Média, era como que vindo de um outro mundo. Agora, ele vai destacar-se sobre um fundo formado por um problema de “polícia”, referente à ordem dos indivíduos na cidade. **Outrora ele era acolhido porque vinha de outro lugar; agora, será excluído porque vem daqui mesmo, e porque seu lugar é entre os pobres, os miseráveis, os vagabundos. A hospitalidade que o acolhe se tornará, num novo equívoco, a medida de saneamento que o põe fora do caminho. De fato, ele continua a vagar, porém não mais no caminho de uma estranha peregrinação: ele perturba a ordem do espaço social.** (FOUCAULT, 2017, p. 63. Grifos meus.)

Os alienados da psiquiatria são também desconsiderados na produção do espaço, quando na realidade essa produção precisa ser pensada junto aos que fazem uso e conferem sentido aos espaços, por serem parte deles. Ao pensarmos na forma homogeneizante e normativa como acontece a produção do espaço nas cidades contemporâneas, devemos questionar qual é o espaço para a diferença. Considerando a loucura enquanto diferença radical, percebemos fronteiras simbólicas e ainda assim muito concretas que, mesmo quando os muros já tenham sido derrubados, ela segue encarcerada em estigmas relacionados a medos movidos pela moralidade (Foucault, 2017). Fazendo uma analogia a essas fronteiras, Baptista referencia Bauman, ao dizer dos turistas e vagabundos em nossa sociedade. Nesse contexto, nos apresenta Franco Fizzi, um senhor que viveu 32 anos em um hospital psiquiátrico da Itália, chamado Lolli:

“Fora do Lolli, em 1982, descobriu que o manicômio persistia invisível, em outros espaços. Para Franco, a lei 180 —a do fechamento dos hospitais psiquiátricos— estava iniciando um longo percurso; viver fora dos muros médicos ultrapassava o geográfico e o visível. Porém, nos passos repetidos da caminhada diária, habitando a seu modo o apartamento alugado, envolvendo-se curiosamente no dia-a-dia, usando e apropriando-se da cidade, encontrava armas para destruir o manicômio.” (BAPTISTA, 2001, p. 72)

Em seu cotidiano de andanças pela rua, Franco é um “consumidor inábil vagabundo, nômade, desprovido de escolha, são as únicas possibilidades para os excluídos do mercado global” (BAPTISTA, 2001, p. 81). Ele, como tantos “vagabundos” dessas cidades marcados pelo privado e a privação, não tem cabimento. Os tempos da cidade, marcados pela aceleração, impessoalidade, relações de compra e venda, sugerem espaços de passagem e não de permanência onde os sujeitos são privados da alteridade radical. Retomando Nogueira,

O privado se insinua não apenas no que diz respeito ao capital, tão evidente na cidade — de acordo com Carlos Vainer, *o interesse privado dos capitalistas* —, mas, também, no que parece se colocar como elemento compositor de um modo hegemônico da experiência subjetiva: privar-se do outro, do risco da alteridade; da política, como possibilidade do dissenso; viver o *temor da heterogeneidade*, a busca pelo gozo constante e pela segurança, na sociedade de consumo imperativo; privar o outro de movimentar-se nessa sociedade; deixar enrijecida a dinâmica social. (NOGUEIRA, 2013, p. 123)

Na busca por saídas e brechas nos modos hegemônicos que operam em nossas experiências subjetivas para conseguir movimentar-se, desenrijecer diante desse tempo acelerado, a cidade precisa se perceber em crise para que uma mudança e reinvenção dela possam acontecer. O termo crise, como apontam (LIMA et al, 2012, p. 428) "no latim, tem a mesma equivalência da palavra vento. Indica assim um estágio de alternância, no qual, uma vez transcorrido, diferencia-se do que costumava ser." É importante perceber que a cidade é feita de muitas vozes, por isso, tentar ouvi-las será necessário se quisermos pensar mudanças

(PAULON, 2017). Esta autora conduz a um importante pensamento sobre a criação de espaços onde a loucura - a diferença radical - possa circular, ecoando em novas formas de cidadania e produção de um mundo mais plural e acolhedor a todas singularidades.

É nessa dimensão de uma nova ecologia de saberes que a loucura vista em sua peculiar dimensão de “avesso da razão” pode trazer aos espaços públicos algo que sistemática, ideológica e progressivamente veio deles sendo extirpado: as vozes da diferença. Não é simplesmente uma questão terapêutica para aqueles que padecem de sofrimento mental [ainda que também o seja]. O direito à loucura circular na cidade é também o direito às cidades conviverem com muitas forças que compõem as subjetividades e o dever de todo estado democrático de criar espaços possíveis para que essas diferenças circulem livremente. (PAULON, 2017, p. 779)

Dito isso, ao pensar sobre o acolhimento, trataremos aqui “[...] de buscar para a loucura algum cabimento na cidade – o que exige uma reinvenção da cidade mesma, assim como outro pensamento da loucura [...]” (LOBOSQUE, 2007, p. 35 apud COSTA e BRASIL, 2014. p. 438). Pélbart contribui nesse sentido, vemos que

O direito a desrazão significa poder pensar loucamente, significa poder levar o delírio à praça pública, significa fazer do Acaso um campo de invenção efetiva, significa liberar a subjetividade das amarras da verdade, chame-se ela identidade ou estrutura, significa devolver um direito de cidadania pública ao invisível, ao indizível e até mesmo, por que não, ao impensável. (PELBART, 1993, p. 108)

Pensem junto aos loucos, em *com-junto* a todos os que vivem os espaços da cidade contemporânea para produzir cidades onde os encontros possam acontecer. É importante interpelar, ressignificar e humanizar a vida urbana pela circulação do louco nas ruas (NUNES, 2017), permitindo o contágio a partir da diferença. Modos outros precisam caber na cidade. Perceber o outro dando espaço a alteridade com a loucura, reconhecer o seu direito à cidade, são fatores indispensáveis ao repensar os modos de fazer cidade. Jacques-Alain Miller (1999), psicanalista francês, aponta a saúde mental enquanto a capacidade de andar bem pela rua e atravessá-la sem ser atropelado e, ainda, atribui uma ideia de boa saúde mental às pessoas em que se confia uma criança para cruzar a rua. Acho importante a relação entre sanidade e a rua, a cidade. Enquanto seguirmos atravessando a rua para desviar do

outro, em função de medos (impostos e perpetuados) ou para evitar mal-estar, acredito ser importante discutir a relação entre cidade e saúde mental.

Tomemos as possibilidades que Calvino traz em tom poético nas Cidades Invisíveis para tensionar as bolhas em que vivemos diante da potência dos encontros,

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam. Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda a sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas de coral. **Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena:** um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos. Existe uma contínua vibração luxuriosa em Cloé, a mais casta das cidades. Se os homens e as mulheres comessem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim. (CALVINO, 1990 [1972], p. 34. Grifos meus.)

Assim como na cidade de Cloé, as experiências urbanas cotidianas na contemporaneidade são marcadas por relações impessoais onde as pessoas não se cumprimentam, estão distantes umas das outras e diante da aceleração dos modos de vida que se dão em espaços desfavoráveis às possibilidades do encontro. Essas características remetem também a metrópole de Simmel, Berlim de 1903, onde o autor observa a atitude blasé dos moradores como uma característica de indiferença e distanciamento enquanto forma de defesa diante das mudanças intensas e excessos de estímulos nervosos cotidianamente presentes na metrópole.

São todos comportamentos perceptíveis na cidade contemporânea, conflituosa e muitas vezes opressora, ainda que seja ao mesmo tempo o lugar da partilha com brechas que dão passagem para a interação, estranhamentos e as trocas, permitindo a alteridade e criar imaginários a partir do contato com o outro. Em Cloé, os moradores vivenciam acasos, trocas de olhares, sentimentos contraditórios e criam mundos ficcionais. Assim, a imaginação é a potência que permite alcançar uma dimensão subjetiva que enriquece as experiências urbanas, uma possível saída para construção de outras narrativas enquanto forma de resistências às alienações.

Perceber a potência da imaginação e a cidade como lugar complexo é ir além da forma, da técnica e do planejamento urbano pautado na funcionalidade promovidos por um urbanismo corporativo. Ultrapassar isso é fundamental enquanto um exercício do sensível, vendo (e sentindo) o mundo e suas relações a partir de um corpo que vibra, que é aberto e constantemente afetado – como apresentado por Suely Rolnik (1989). Por isso, considerar essa vibração e a potência da imaginação me parecem exercícios importantes para o pensamento urbanístico.

Das figuras que habitam o imaginário dos soteropolitanos, devo lembrar a mulher de roxo. Com seu andar errante pela Rua Chile e redondezas, era vista como louca, foi conhecida principalmente pelas gerações de 1960 e 1970. Trago sua memória como contribuição para pensar a alteridade radical e o cabimento da desrazão na cidade. No livro *Mulher de Roxo – A dona da Rua Chile*, Moura (2009) apresenta essa “lenda urbana” da seguinte maneira:

Ela está acima do tempo cronológico. Criou seu próprio espaço, abrindo caminhos pela Rua Chile ou Baixa dos Sapateiros, deixando sua marca devidamente registrada na memória do povo baiano. Diferente de outros personagens, a Mulher de Roxo não fez nada que a colocasse no hall da fama, não criou obra nenhuma, não escreveu nenhum romance, não compôs nenhuma música, muito menos fez sua história através de discursos e oratórias. **Tudo o que ela fez foi estar presente nas ruas, todos os dias, durante trinta anos.** (MOURA, 2009, p. 11. Grifos meus.)

Percorrendo descalça as ruas, lojas, pequenos comércios e igrejas, manteve-se presente no cotidiano de quem vivia, trabalhava ou transitava pela região do Centro Antigo. No final dos anos 70, foi abrigada pelo Albergue Noturno da Prefeitura Municipal de Salvador (localizado na Baixa dos Sapateiros), mantido pela Secretaria de Saúde e Assistência Social, onde dormia e recebia refeições. Sua presença nos dias de quem cruzou o caminho com ela - ou no imaginário dos que ouviram as muitas versões sobre sua existência - inquietava, deslocava e despertava sentimentos diversos a seu respeito. O simples fato de estar na rua, convivendo com as pessoas ao seu redor, fez dela personagem memorável da cidade, potente em sua diferença e singularidade, como apresentado por Moura. Vivendo a Rua Chile num tempo em que não existiam shoppings, ela transitava pelas lojas mais importantes da cidade, luxuosas e frequentadas pela alta sociedade que tinham que conviver com essa figura desviante. O Palace Hotel, já presente na Rua Chile nos dias em que ela foi a dona da rua, ao passar por reformas recentes e se transformar no atual Fera Palace Hotel, colocou a imagem da Mulher de Roxo nos tapumes que tampavam as obras, afirmando a intenção do projeto arquitetônico em resgatar os tempos luxuosos daquela rua. A seguir, vemos duas imagens dela: A primeira é uma releitura sua, sensualmente pintada por grafiteiros nas ruínas de um edifício na Ladeira da Praça, o que mostra os possíveis imaginários que se tem da Mulher de Roxo e releituras de sua imagem. A outra é uma fotografia do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Salvador, uma versão que a representaria tal como era.



Figura 1: Mural Mulher de Roxo (Ladeira da Praça, Salvador, 2014). Disponível em: <http://www.aartenarua.com.br/blog/grafiteiros-retratam-a-legendaria-mulher-de-roxo/>. Acesso: 10/04/2018.



Figura 2: Coroada, dona da Chile. Fundação Gregório de Matos. (MOURA, 2009, p.10)

### **PARTE III – Do acolher na cidade**

#### **5. Alguns discursos sobre Acolhimento e Alienação: entre o hotel e o CAPS.**

Levemos em consideração que discursos têm seus motivos e razões ao serem enunciados da forma como são, por quem e onde, capazes de reforçar ou limitar intenções, desejos, representando formas de poder (FOUCAULT, 1970). Diante disso, os sistemas que formam os discursos também criam espaços e marcam corpos, propagam normas e valores, logo, são políticos. Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault fala sobre sistemas de exclusão que atingem o discurso, operando procedimentos de controle e afirma que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p. 8). Seu pensamento traduz a importância do discurso ao dizer que não apenas manifesta desejos ou está ligado ao poder, ultrapassa isso, ele é o próprio objeto de desejo e o poder pelo qual queremos apoderar (Op. cit, p. 10). Se pensarmos em sistemas de dominação, são aceitos e legitimados determinados discursos, enquanto outros são rejeitados ou anulados. O louco, por exemplo, esteve (ou está) dentro de um sistema de exclusão, já que sua palavra não pôde circular como a dos outros (FOUCAULT, 1970). Se quisermos analisar o discurso em suas condições, jogo e efeitos, precisaremos optar por questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e; suspender a soberania do significante, aquilo que forma o imaginário. Para isso, Foucault organiza nesse livro alguns princípios básicos para a análise do discurso, são o de inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade.

Sem aprofundar no método foucaultiano e sem a pretensão de aplicar de fato toda sua complexidade (o que por si só já seria tarefa para uma pesquisa completa), tomarei alguns princípios desse método para orientar o exercício que proponho a seguir, no intuito de compreender algumas evidências sobre discursos produzidos a respeito do acolher. A contribuição que tomo de Foucault

para tal exercício, será no esforço por encontrar conjuntos dos discursos que descrevem, explicam, julgam, nomeiam ou referem-se às formas de acolhimento e alienação que me interessam aqui. É do processo de análise arqueológico promovido pelo filósofo francês que me aproximo, onde

a arqueologia define as regras de formação de um conjunto de enunciados. Manifesta, assim, como uma sucessão de acontecimentos pode, na própria ordem em que se apresenta, tornar-se objeto de discurso, ser registrada, descrita, explicada, receber elaboração em conceitos e dar a oportunidade de uma escolha teórica [...]. A arqueologia não nega a possibilidade de enunciados novos em correlação com acontecimentos exteriores. Sua tarefa é mostrar em que condições pode haver tal correlação entre eles, e em que ela consiste precisamente (quais são seus limites, forma, código, lei de possibilidade). (FOUCAULT, 1987, p. 191)

Dito isso, a proposta é de selecionar notícias recentes sobre acolhimento em Salvador fazendo uma análise relacional de como aparecem os discursos sobre turismo e sobre a saúde mental - notícias, sobretudo a respeito do CAPS e do Hotel escolhidos como referência para a discussão. O objetivo é de perceber articulações, contrastes e pluralidades presentes nessas notícias. Além disso, trata-se de um exercício para pensar sobre qual o rebatimento de tais discursos nos modos de fazer os espaços das e nas cidades. Deve-se considerar os conceitos de acolhimento, as diretrizes e políticas apresentadas anteriormente neste trabalho, para refletir sobre os discursos veiculados em notícias da prefeitura e da mídia local sobre o tema.

Iniciando o exercício, a primeira parte foi a de seleção das notícias. A busca foi pautada nos assuntos e acontecimentos recentes (entre 2017 a 2019) envolvendo o CAPS Antônio Pellegrino, Fera Palace Hotel, Centro Antigo de Salvador, Turismo acolhedor, saúde mental, acolhimento, obras e investimentos nas redondezas dos dois lugares de interesse aqui. Maior foi o número de informações e mais detalhadas as notícias referentes ao turismo e o entorno do hotel, em detrimento das poucas que envolvem o CAPS e a saúde mental dentro dos limites estabelecidos. O resultado foi uma seleção que totaliza em 11 notícias, por serem as mais destacadas e relevantes dentro do tema além de conterem indícios e pistas importantes para a análise pretendida.



Prefeito ACM Neto anuncia reforma dos Arcos da Ladeira da Montanha

**Correio\***  
04.02.2019

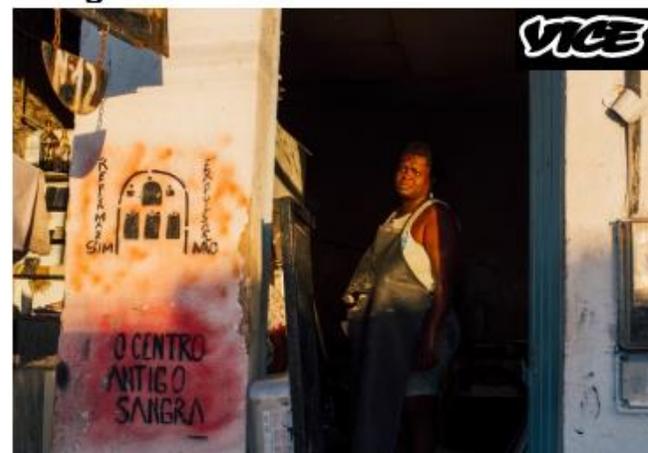
*Aproveito para anunciar em primeira mão nesta Casa que a prefeitura vai executar com recursos próprios os projetos elaborados pelo IPHAN para a restauração do Elevador do Taboão e a revitalização dos arcos da Ladeira da Montanha e das muralhas do Frontispício de Salvador. Serão investimentos da ordem de R\$ 21 milhões. Salvador constrói o seu futuro sem esquecer de cuidar de seu majestoso passado, que volta a despertar o interesse internacional.*



Arcos da Ladeira da Montanha, muralha e elevador no Centro Antigo serão requalificados

Está ficando no passado o tempo em que soteropolitanos e turistas se deparavam com um Centro Antigo da cidade decadente e desvalorizado. A Prefeitura está promovendo uma verdadeira transformação nessa região, com inúmeras obras e projetos já em andamento e a serem iniciados.

### O fim dos trabalhadores do centro antigo de Salvador



REPORTAGEM | Por Caroline Lima e Débora Lopes | 25 Setembro 2017, 7:00am

### Correio\*

Salvador deve receber 3,7 milhões de turistas até março



"Um dos exemplos de como a cidade está no topo da lista dos turistas nacionais e internacionais deste verão é a forma como o Pelourinho está lotado de turistas. Eles estão por todos os cantos, lotando restaurantes, hotéis, equipamentos turísticos e fazendo a alegria dos comerciantes formais e informais. Isso significa mais emprego e renda para os soteropolitanos. E uma cidade mais alegre e sempre receptiva", declara o secretário municipal de Cultura e Turismo, Cláudio Tinoco.



Figura 3: Recorte de notícias do The Intercept Brasil; Prefeitura Notícias – Secom; Correio, Vice. Elaboração própria.

Com a imagem anterior, reúno recortes de 7 notícias encontradas, mais direcionadas a um conjunto de discursos referentes ao turismo e algumas dinâmicas em que está inserido. São mencionados nelas o Fera Palace Hotel, o Centro Antigo, as intervenções e revitalizações em andamento pela prefeitura, bem como os impactos dessas ações, todas elas se relacionam de formas mais ou menos diretas, apresentando perspectivas diferentes sobre o mesmo tema. Os dois recortes dispostos na parte esquerda e inferior dessa imagem (Correio e O mundo redescobriu Salvador), são de notícias do jornal Correio<sup>25</sup> que falam sobre as expectativas em relação ao número de turistas no período do Carnaval e verão de 2019 devem superar os do ano anterior chegando a 3,7 milhões até março desse ano, com destaque internacional para tal projeção. A declaração feita pelo secretário municipal de Cultura e Turismo, Pelourinho... Não estava muito distante do CAPS ainda que parecesse outra cidade. Ouvi dizer sobre um museu dedicado ao carnaval, foi onde escolhi me sentar pela sombra que o local oferecia. Ao meu lado, no entanto, notei um casal sentado na parte onde batia o sol, e batia mesmo. Eles não pareciam incomodados, estava cada um usando o seu celular sem olhar um segundo ao redor. Eventualmente se falavam, mostrando o aparelho um ao outro rapidamente. Aquela comunicação me fez sentir menos alienado do que disseram que eu poderia estar. Ou talvez eu estivesse mesmo alienado se isso significava estar apartado dessa realidade. Bom, deduzi serem turistas pelos trajes típicos, pelas fotos que tiravam e pelo lugar onde estávamos. Aliás, não sei onde eles estavam nesse tempo em que os observava, mas eu certamente estava em frente ao Plano inclinado do Pelourinho e nenhum outro lugar mais. Quão alienado sou para pensar que se tratava de uma comunicação alienada?

resultando em “uma cidade sempre receptiva”, segundo ele. Nessa mesma notícia, o cofundador do Fera Palace Hotel, Antônio Mazzafera, também se pronuncia sobre a ocupação do hotel de luxo, associando o aumento dos números de turistas à atuação da prefeitura com as obras de revitalização do Centro Histórico. Em suas palavras: “A cidade está de cara nova, limpa, bem arrumada, linda, Orla bem restaurada, obras que vão mudar o cenário do turismo na cidade”. Da maneira como foram conduzidas e apresentadas as falas nessas primeiras notícias, fica claro que empresários e o poder público se juntam motivados por interesses econômicos que envolvem intervenções urbanas e o setor turístico, reforçando as ações da prefeitura enquanto positivas e fortalecendo o dito “caráter receptivo da capital baiana”. Ao ler, vemos que o Fera Palace Hotel é central e impulsionador do turismo na região em que está inserido, contando com altas taxas de ocupação turística de um perfil seletivo, e se trata de um “importante equipamento também dentro do processo de revitalização do Centro Histórico”, como mostra a notícia.

---

<sup>25</sup> As notícias estão disponíveis nos links: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-deve-receber-37-milhoes-de-turistas-ate-marco/> e <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/new-york-times-coloca-salvador-na-lista-de-destinos-para-visitar-em-2019/>. Acesso em 29/04/2019.

Programas da prefeitura que envolvem revitalizações são apresentados então - nessa reportagem do Correio - sob o discurso de seus benefícios para os soteropolitanos. A imagem das mãos usando do jornal The New York Times como monóculo que mira um dos grandes atrativos turísticos da cidade, o Farol da Barra, foi amplamente veiculada e divulgada em outdoors pela cidade, com a ideia de que o mundo estaria redescobrendo Salvador já que a cidade foi recentemente incluída em uma lista publicada pelo jornal estadunidense com 52 lugares para visitar em 2019. Também nesse jornal é mencionado o Fera Palace Hotel, indicado como um dos atrativos e novos empreendimentos da cidade. A prefeitura, por sua vez, ao dar grande visibilidade a essa notícia internacional coloca-se no papel de impulsionar e promover a atividade turística.

Se a junção de empresários ao poder público tem como motivação principal movimentar a economia, pensando em um perfil específico, atrair turistas e impulsionar a atividade turística, é necessário questionar qual o custo dessa promoção da cidade para os próprios moradores e compreender que a escolha por uma estética de “embelezamento” é bastante específica. As obras das quais fala Antônio Mazzafera para a reportagem do Correio, seguem padrões internacionais visíveis nos resultados das requalificações. Ao destacar a orla bem estruturada em Salvador, uma das obras promovidas pela gestão do prefeito ACM Neto, o empresário do Fera Investimento que comprou o Palace Hotel resgata um certo padrão de intervenção urbanística em diferentes orlas. Tenhamos em mente as mudanças pelas quais passam regiões portuárias em diferentes cidades e contextos, sendo reformuladas de maneira homogênea para uso destinado às compras, espaços comerciais e gastronômicos (conhecidos como *waterfronts* com exemplos como *Darling Harbour* na Austrália ou *Puerto Madero*, na Argentina, pode-se ainda pensar no antigo Mercado do Peixe em Salvador que após obras de revitalização passa a ser uma vila gastronômica). “À medida que os espaços urbanos passaram também a se tornar locais de consumo, uma espécie de novo morador urbano surgiu – seus gostos, desejos e cultura não são muito diferentes daqueles do turista urbano que busca uma nova experiência” (HAYLLAR et al, 2011, p. 130), então essas revitalizações que seguem determinados padrões, ditam também maneiras de ser, capturam desejos, mobilizam afetos, comportamentos e modos de produção

da subjetividade. Sendo assim, pode-se pensar que há um custo alto para os moradores com essa estética homogênea. Outra questão, ao pensar sobre a atividade turística pela qual aposta o prefeito, é sobre a reprodução da imagem do baiano alegre e receptivo. Atrair a cidade a um “caráter receptivo da capital baiana”, perpetua um imaginário construído enquanto ficção da baianidade, como apontado anteriormente sobre a representação arbitrária da cultura baiana (PINHO, 1996).

Seguindo com as outras 5 notícias referenciadas na figura anterior, todas têm em comum o tema das intervenções e revitalizações realizadas pela prefeitura no Centro Antigo, nas imediações do Fera Palace Hotel, embora sejam abordagens distintas. A imagem que retrata o atual prefeito de Salvador, ACM Neto, é da reportagem feita pelo jornal Correio<sup>26</sup> no dia da abertura dos trabalhos legislativos da Câmara Municipal em fevereiro de 2019. Após fazer um balanço geral sobre as realizações em sua gestão no ano anterior, o prefeito anuncia “em primeira mão” a revitalização dos arcos da Ladeira da Montanha seguindo os projetos realizados pelo IPHAN, sendo destinado um montante de R\$ 21 milhões para essa e outras intervenções. No pronunciamento, o prefeito menciona o destaque internacional que a cidade desperta, fazendo referência direta à notícia do The New York Times, no intuito de legitimar suas ações seguindo padrões aceitos internacionalmente já que mobilizam o setor turístico e econômico. Com tal anúncio, o prefeito aponta que essa e outras obras têm o objetivo de “dar um novo brilho à região onde nasceu e se expandiu a Primeira Capital do Brasil”, também de “deixar ainda mais fascinante essa região histórica de nossa cidade [...] e aumentar o dinamismo local”. No portal oficial da Câmara<sup>27</sup> foi noticiada a mesma sessão em que se pronuncia o prefeito sobre sua gestão e os

---

<sup>26</sup> “Prefeito ACM Neto reformas dos Arcos da Ladeira da Montanha”, publicada em 04/02/2019 no Correio: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeito-acm-neto-anuncia-reforma-dos-arcos-da-ladeira-da-montanha/> Acesso em: 2/4/2019.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.salvador.ba.leg.br/noticias/acm-neto-fez-balanco-da-gestao-e-destaca-investimentos-para-salvador> Acesso em 3/04/2019.

investimentos previstos para o ano de 2019, de maneira mais resumida que da matéria publicada pelo Correio, afirmando a decisão da revitalização dos arcos da Ladeira da Montanha.

A imagem recortada do Portal Prefeitura Notícias<sup>28</sup>, retrata parte do projeto feito pelo IPHAN para realizar a requalificação dos arcos da ladeira da montanha (na figura 3, está localizada na parte mais alta do recorte). Trazendo a perspectiva da prefeitura, são apresentadas nessa notícia as razões da proposta para a região, que vê o Centro Antigo da cidade como “decadente e desvalorizado”. Diz ainda da insalubridade e da degradação dos arcos e da importância dessas estruturas, “que possuem relevância histórica e atualmente abrigam serralherias, marmorarias e artífices, estão completamente degradadas”, e segue dizendo que com intervenções no local “vamos estimular ainda mais o turismo no Centro Antigo, além de valorizar o nosso patrimônio histórico. Isso sem prejudicar as pessoas que já atuam na localidade”. Aponta ainda a ideia de melhorar as condições de habitabilidade e salubridade além de “consolidar as atividades comerciais tradicionais da área como referência para o restante da cidade”. Com essas falas, a prefeitura se coloca no lugar de transformadora que busca recuperar lugares decadentes na cidade, valorizando e melhorando as condições no Centro Antigo que vem sendo “alvo de um conjunto de iniciativas” por parte do poder público. Por mais bem-intencionada que pareça a proposta e, ainda que se dizendo não prejudicial aos que atuam na localidade, os artífices (trabalhadores de ancestralidade africana que ali atuam há décadas, conservando tradições, práticas e formas de fazer) apresentam uma realidade não noticiada pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura, fazendo ver outras consequências daquelas positivas apontadas pelo secretário municipal de Cultura e Turismo, por Antônio Mazzafera ou por ACM Neto. Em nota pública divulgada no

---

<sup>28</sup> SECOM – Secretaria de Comunicação da Prefeitura, a notícia do portal Prefeitura Notícias pode ser consultada pelo seguinte link: <http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias-4/53917-arcos-da-ladeira-da-montanha-muralha-e-elevador-no-centro-antigo-serao-requalificados> Acesso em 07/04/2019.

site do Centro de Estudos e Ação Social<sup>29</sup> um dia após o pronunciamento do prefeito feito na Câmara, os Artífices da Ladeira da Conceição da Praia dizem o seguinte

fomos surpreendidos na tarde de ontem, dia 04 de fevereiro de 2019, com as notícias que anunciavam a “revitalização dos arcos da ladeira da Conceição”. Em discurso na câmara dos vereadores, o Prefeito ACM Neto prometeu executar com recursos próprios o projeto de reforma elaborados pelo IPHAN. Mais uma vez, as informações sobre o destino dos nossos espaços de trabalho e das nossas vidas chegam-nos através da imprensa, sem diálogo ou consulta. Não sabemos qual revitalização será empregada aos arcos pela Prefeitura, quando somos nós que há décadas conservamos e damos vida a essas construções.

Contrário ao que diz a prefeitura e seus veículos de comunicação oficiais, os artífices deixam claro que não houve diálogo ou consulta para tal decisão de revitalizar o local onde trabalham e constroem seus modos de vida, chegando até eles uma informação dessa dimensão apenas pela mídia. Os artífices lembram também das tentativas de expulsão e desocupação dos arcos, que foram de responsabilidade da prefeitura e em parceria com o IPHAN, que propôs a reforma. Com a mediação da Defensoria Pública do Estado, houveram tentativas de acordo sobre a permanência dos artífices, mas que por burocracias e em razão ao contexto político, não tiveram andamento. Por isso seguem preocupados com novas tentativas de expulsão e outras ilegalidades, sobretudo após a falta de comunicação da prefeitura em suas decisões que dizem respeito aos artífices. A nota termina com a seguinte fala “Em respeito a gerações de artífices que fazem seu trabalho nesses arcos, exigimos que seja assegurada a nossa participação no planejamento e na execução do projeto de reforma com a retomada dos acordos selados”.

Das três últimas notícias aqui apresentadas – Correio sobre o anúncio da revitalização dos arcos da Ladeira da Montanha pelo prefeito; Portal Prefeitura Notícias, que divulga imagens do projeto do IPHAN; e a Nota Pública dos artífices da Ladeira da Conceição

---

<sup>29</sup> O CEAS é uma organização não-governamental formada por jesuítas e profissionais que realizam trabalho político-educativo com a população. <http://ceas.com.br/nota-publica-sobre-a-declaracao-do-prefeito-de-salvador-acerca-da-revitalizacao-dos-arcos-da-ladeira-da-conceicao/>

– temos um conjunto de discursos conflituosos sobre os impactos dessa revitalização e a forma como foi apresentada. O primeiro ponto que destaco é dos objetivos da obra, que pretende “dar um novo brilho à região” e “aumentar o dinamismo local”, que deixam bem delineadas as intenções do poder público em estimular ainda mais o turismo e, ainda que o prefeito diga sobre os impactos da obra não serem nocivos à população local, e que pretende consolidar as atividades comerciais tradicionais da área, os artífices que ali trabalham mostram como esse discurso é um engodo, bastante diferente da forma como eles sentem os efeitos e trazem em sua vivência, diante desse “novo brilho” que precisa expulsá-los para ganhar espaço. A reflexão necessária após essa divergência de discursos, se trata das problemáticas que surgem das parcerias entre poder público e privado com a finalidade de promover obras voltadas para mobilizar setores econômicos em detrimento das populações locais, que passam por processos de expulsão e remoção. Ainda sobre essas últimas notícias, outro ponto importante é sobre a diferença na escolha de vocabulário, algo que parece simples mas quero destacar. Enquanto a prefeitura e os veículos de informação apresentados (com exceção da nota pública dos artífices no site do CEAS), se refere aos arcos que localizam na Ladeira da Montanha (em realidade esta é a parte sustentada pelos arcos), os artífices que trabalham e vivem ali os denominam de arcos da Ladeira da Conceição, já que seu acesso é feito nessa ladeira. Dessa diferença aparentemente inofensiva, acredito que possa ser uma escolha intencional que acaba por confundir ou mesmo deslocar esse território em disputa, colocando em dúvida os espaços da cidade para os moradores ou turistas, e talvez até produzindo formas de alienar sujeitos.

Ainda dentro do tema das revitalizações, passaremos por mais duas últimas notícias que tem um caráter maior de tensionar e apresentar os impactos vividos pelos moradores, relacionando com informações importantes fazendo perceber o contexto do Centro Antigo de maneira diferente do apresentado e mediatizado pelo poder público. Os dois recortes mais à direita da figura anterior são

da revista VICE e The Intercept Brasil. Com o título *O fim dos trabalhadores do Centro Antigo de Salvador*<sup>30</sup>, a revista VICE publica em 2017 a reportagem divulga falas e preocupações dos artífices diante da revitalização dos imóveis propostas no programa Revitalizar, instituído pela prefeitura naquele ano. Manoel Nascimento do CEAS – Centro de Estudos e Ação Social – é um dos ativistas que atuam a favor dos artífices e se posiciona contrário ao programa, dá seu depoimento à reportagem, que apresenta da seguinte forma:

Para o ativista, uma das problemáticas é o fato de o programa estimular a compra de imóveis que, no futuro, sejam voltados para "atividades culturais, de economia criativa, diversão, lazer e entretenimento, de educação, pesquisa e desenvolvimento tecnológico", segundo o texto da própria lei. "O tipo de serviço prestado pelos artífices, que é a produção artesanal, não está inclusa. Além de eles não serem proprietários, os serviços que eles prestam não estão dentro dos critérios. Então, fica todo o entorno beneficiado por esse programa e eles, não. [...] Para o ativista Manoel, o órgão público se aproveita de questões como desabamentos e deslizamentos motivados por chuva para "forçar a remoção desses trabalhadores". "Isso já aconteceu uma vez. Inclusive, a prefeitura interditou toda a Ladeira da Conceição para que a clientela não tivesse acesso sob o argumento de que tanto os arcos quanto algumas casas estariam em risco", crava.

Legitimando suas ações e programas de revitalização, a prefeitura usa de outros problemas, como os deslizamentos mencionados (dos quais deveria assumir sua responsabilidade), e arbitrariamente inicia processos de expulsão para dar lugar aos empreendimentos lucrativos dando prioridade à setores que excluem os moradores e trabalhadores da região. Nessa reportagem, a VICE apresenta fotografias sensíveis que retratam o cotidiano desses trabalhadores, mostrando como é importante repercutir a ideia de "Reformar, sim. Expulsar, não".

---

<sup>30</sup> Reportagem de Caroline Lima e Débora Lopes, setembro de 2017: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/qvjv5d/o-fim-dos-trabalhadores-do-centro-antigo-de-salvador](https://www.vice.com/pt_br/article/qvjv5d/o-fim-dos-trabalhadores-do-centro-antigo-de-salvador). Acesso em 25/5/2019.

Mais recente é a matéria do *The Intercept Brasil*<sup>31</sup>, onde também aparecem alguns artesãos, entre ferreiros, serralheiros e marmoristas (que representam os artífices), contando um pouco de suas trajetórias de vida e como cruzam com as ações do poder público há décadas na região onde moram instalados há gerações. O que a prefeitura chama de “arcos da ladeira da Montanha”, eles chamam casarões. São destacados pelo jornal dois momentos históricos que mostram a repetição e semelhança nas dinâmicas e ações de revitalização para a região. Em um dos momentos, foi implementado nos anos 90 o Programa de Recuperação do Centro Histórico pelo avô do atual prefeito, o então governador Antônio Carlos Magalhães. Divido em 7 etapas (a última segue em andamento), o programa apresentou inúmeros impactos para a população local, entre moradores e comerciantes, quando houveram despejos e expulsões nessa região. O outro momento semelhante que a reportagem traz é de 2014, marcado por tentativas de despejo dos artífices da Ladeira da Conceição. Naquele ano, os artesãos e o Instituto do Patrimônio Artístico Histórico e Nacional – IPHAN, estabeleceram acordo com a prefeitura para que não fossem retirados dali, “Mas, no ano seguinte, parte dos imóveis foi derrubada pela Defesa Civil sob a alegação de irregularidades e risco por conta das chuvas. Alguns tiveram de deixar o espaço sem receber indenização”.

Como mostram essa e as notícias anteriores, o atual projeto de revitalização para os arcos, segue ameaçando de despejo “comunidades empobrecidas” nessa região. Ao isentar impostos de empreendimentos tais como o Fera Palace Hotel e o Fasano (inaugurado enquanto escrevo esse trabalho), os moradores são preteridos e forçados a sair de lá, já que para eles não são concedidos benefícios como isenções ou facilidades para regularizar e reformar seus imóveis, é o que aponta a matéria. Os trechos a seguir, retratam as dinâmicas que envolvem o Fera Palace Hotel na região

---

<sup>31</sup> Em risco no Pelourinho – O plano do prefeito de Salvador para o Centro Histórico, o link da reportagem do The Intercept Brasil de abril de 2019 é: <https://theintercept.com/2019/04/21/salvador-centro-historico-pelourinho/> Acesso em 24/04/2019.

Antonio Mazzafera, é também conhecido como “o novo dono da Rua Chile” – nos últimos anos, ele afirma ter assumido o controle de 123 imóveis em 16 prédios nas imediações da rua onde fica o seu hotel. Ele é sócio da Fera Investimentos, que administra o Fera Palace e é sócia da Nova Bahia, empresa que comprou 75 dos imóveis adquiridos pelo grupo. Uma de suas investidoras é uma offshore sediada no paraíso fiscal das Ilhas Virgens Britânicas chamada Calatrave Invest & Trade Inc. A atuação da Nova Bahia no centro histórico de Salvador se intensificou nos últimos anos. Segundo um levantamento de compras e vendas de imóveis feito pelo **Intercept**, só entre 2012 e 2017, Mazzafera e suas empresas investiram pelo menos R\$ 12 milhões em aquisições imobiliárias na região. (The Intercept Brasil, 2019).

O que é apresentado é essa realidade de expulsão vivida pela população próxima ao hotel, onde os projetos para o Centro Antigo dos governos municipal e estadual foram desenhados a partir da lógica do mercado imobiliário, é marcada pela atuação de empresários reconhecidos como poderosos donos de partes da cidade, mobilizando investimentos que resultam muitas vezes em processos de especulação imobiliária e gentrificação. A matéria questiona a atuação municipal sobre esses processos e finaliza pontuando que, após sua publicação houveram conversas com os artesãos para possibilitar as reformas nos casarões evitando que fossem retirados dali. Segundo a revista, a prefeitura “diz que qualquer pessoa que tenha um imóvel degradado na região pode solicitar os benefícios do programa Revitalizar, concedidos aos hotéis – segundo a prefeitura, já foram 40 pedidos, mais da metade aceitos”. Apesar disso, os nomes dos possíveis contemplados não foram divulgados, sob alegação de que a parte burocrática não estaria concluída.

Trazendo essas notícias, é certo que não há uma única verdade ou informações mais alinhadas à realidade. O que vemos são realidades distintas e intenções que apontam caminhos diferentes na maneira em que os discursos são criados, como são divulgados e por quem são proferidos. No mesmo local, o Centro Antigo de Salvador, são produzidas narrativas capazes de criar imaginários muito diversos, em uma disputa discursiva com reverberações espaciais, econômicas e sociais, portanto, sendo essa uma disputa política que afeta de uma maneira as populações menos favorecidas em termos socioeconômicos e de outra, os empresários que lucram com essa dinâmica. Ou seja, consigo visualizar um acolhimento a determinados públicos e interesses privados ao passo que

formas de alienação são estrategicamente conduzidas, resultando em expulsões e na tentativa constante de apagar ou desconsiderar modos de vida, onde turistas e moradores representam figuras em posições sociais muito distintas.

Feita essa primeira análise que envolve mais a dinâmica do turismo e seus impactos, seguirei para o próximo conjunto de notícias em outro recorte de imagens. Direciono agora para os discursos referentes à saúde, dando atenção aos que trazem informações envolvendo o CAPS II Antônio Pellegrino, no bairro Nazaré, e das condições em que se encontra a saúde mental na Bahia. Volto a afirmar como procurar por notícias com esse tema (tanto na mídia em geral como nos veículos de comunicação em órgãos públicos) faz-se mais difícil se compararmos as que envolvem o turismo dentro dos critérios estabelecidos para a busca.

## OUVIDORIA DA CÂMARA VISITA CAPS DO JARDIM BAIANO

Rafael Santana 5 de abril de 2017 Destaques, Política Leave a comment 146 Views



Crédito: Mathias Jaimes/TV Servidor

Fonte: Secom/CMS



**Correio\*** 15 pessoas são internadas por dia pelo SUS com transtornos mentais na Bahia

(Arquivo CORREIO)



**1ª FEIRA DE SAÚDE MENTAL NO CAPS ANTÔNIO ROBERTO PELEGRINO REALIZOU MAIS DE 900 PROCEDIMENTOS**



Criado: 16 Julho 2018

**Capacitação em atendimento psicossocial é realizada na unidade de Salvador**

Figura 4: Elaboração própria a partir de recortes de notícias do Correio 24 horas; Defensoria Pública da União e TV Servidor.

Na página Tv Servidor<sup>32</sup>, encontra-se a notícia sobre a visita técnica realizada pela ouvidoria da Câmara Municipal ao CAPS Jardim Baiano, datada de 2017, onde mostra o então vereador Luiz Carlos Suíca (PT) e ouvidor-geral da Câmara afirmando a importância em ouvir os profissionais, usuários e familiares para melhorar a qualidade do serviço oferecido aos pacientes. Um dos usuários, conhecido como Zé Passarinho, dá o seguinte relato que consta na notícia: “Estou aqui há 11 anos. É a minha casa, minha inspiração e só saio quando morrer. Apesar das oficinas para criação, tenho que comprar tudo com o meu dinheiro. Falta pincel, tinta, papel, tudo. Precisamos desse apoio. A arte é o caminho que nos socializa e é a ponte que precisamos para nos manter vivos”. Os que fazem uso do CAPS em questão apontam dificuldades e fazem cobranças ao poder público para melhorar o atendimento, acessibilidade e estrutura disponibilizados, se queixam da redução no número de refeições naquele CAPS e pedem por uma reforma geral. Da forma como aparecem na notícia, os relatos retratam a precariedade pela qual passa o Sistema Único de Saúde e é importante uma escuta aos usuários sobre como o serviço chega até eles. No entanto, acrescento aqui uma observação sobre o que pode implicar excessivas pontuações a respeito dessa precariedade quando veiculadas de modo a desqualificar os serviços em geral. Por isso, deve-se ter em conta que outros discursos são legitimados a partir de problemas estruturais, como aqueles que conduzem para o desmonte desses serviços, atendendo a interesses específicos (levemos em conta a defesa por privatizações, por exemplo). É fundamental fazer críticas e discutir propostas de melhorias que beneficiem os usuários dos mais diversos serviços públicos, incluindo os de saúde, para fortalecer as práticas já existentes, e não no sentido de desqualificá-las.

---

<sup>32</sup> A notícia pode ser acessada através do link <https://tvservidor.com.br/ouvidoria-da-camara-visita-caps-do-jardim-baiano/>. Acesso em: 07/04/2019.

A próxima notícia veio da DPU - Defensoria Pública da União<sup>33</sup>, é de 2018. O conteúdo desse material mostra as ações da prefeitura para capacitar defensores, servidores e estagiários da unidade da defensoria em Salvador, para Cuidados na Atenção Psicossocial. Foram 20 capacitados nessa ação que durou 4 horas, onde as experiências do coordenador técnico do CAPS Antônio Pellegrino tiveram espaço para serem compartilhadas, além de outros coordenadores que apresentaram. O conteúdo da ação abordava um histórico sobre a loucura, apresentando a Reforma Psiquiátrica e a importância dos CAPS na substituição dos hospitais psiquiátricos. Também nessa notícia são relatadas dificuldades que a equipe dessa unidade da Defensoria tem, já que é reduzida e carente de alguns profissionais como psicólogos e assistentes sociais. Por isso, não conseguem fazer uma escuta atenta por muito tempo das pessoas que buscam atendimento, como relataram.

Também contando com o apoio da DPU, a Secretaria Municipal de Saúde publica no portal da prefeitura<sup>34</sup>, em maio de 2019, o evento da 1ª Feira de Saúde Mental, organizada pelo CAPS Jardim Baiano no Campo da Pólvora, praça bem próxima desse centro de acolhimento. Na feira, o site Bahia Notícias<sup>35</sup> também esteve presente e entrevistou o coordenador das Redes de Atenção à Saúde Psicossocial, Allan Carneiro, disse: “Ações como essas jogam luz em assuntos estigmatizados pela sociedade. Hoje os transtornos mentais são um problema sério de saúde pública. Por isso é fundamental atuarmos na visibilidade para aumentar o alcance de informação no cuidado, promoção de saúde e redução de preconceitos”. Tendo localização central na cidade, é significativo ver como o CAPS Jardim Baiano atua positivamente nos serviços prestados diariamente e em eventos como esse, ao

---

<sup>33</sup> O link para acessar segue: <https://www.dpu.def.br/noticias-bahia/136-noticias-ba-slideshow/44202-capacitacao-em-atendimento-psicossocial-e-realizada-na-unidade-da-dpu-em-salvador>. Acesso em 07/04/2019.

<sup>34</sup> 1ª Feira de Saúde Mental no CAPS Antônio Roberto Pelegrino realizou mais de 900 procedimentos, o link dessa notícia é: <http://www.saude.salvador.ba.gov.br/ia-feira-de-saude-mental-no-caps-antonio-roberto-pelegrino-realizou-mais-de-900-procedimentos/>. Acesso em: 20/05/2019.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/saude/noticia/22708-bairro-de-nazare-recebe-1-feira-de-saude-mental-com-atendimento-e-orientacao-medica.html> Acesso em 20/05/2019.

disponibilizar o atendimento, encaminhamento e material informativo de diferentes questões de saúde. Esse evento teve ainda a exposição da produção dos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial da cidade, o que contribui para a criação e valorização do potencial que é desenvolvido nas oficinas oferecidas em diferentes CAPS e favorecem no tratamento e melhoria dos usuários. Ações como essa evidenciam o caráter do atendimento de portas abertas, onde a relação com o território facilita não somente a melhoria dos usuários, mas permite uma abertura ao outro, informando sobre saúde mental e permitindo encontros, diminuindo os estigmas que carrega a loucura.

A última notícia desse conjunto, do Correio, intitulada “15 pessoas são internadas por dia pelo SUS com transtornos mentais na Bahia”<sup>36</sup> é de 2019 e apresenta dados sobre o estado, com informações de Salvador no contexto da saúde mental entre os anos de 2008 e 2018. Usando os números disponíveis pelo DataSus, mostrou a diminuição nas internações por transtornos mentais no estado e também o número limitado de leitos em relação a população, o que faz as pessoas que precisam do atendimento buscarem os serviços do CAPS para não ter que aguardar atendimento hospitalar, segundo essa notícia. Levemos em consideração que a redução da procura ou do investimento em leitos é, em realidade, um dado importante e positivo, visto que redireciona de fato o atendimento para os serviços territoriais. O CAPS Jardim Baiano está entre os 18 indicados pela matéria. Outro assunto apresentado é das mudanças para esse ano com a Nova Política de Saúde Mental, mostro em seguida essa parte da matéria:

Mudanças para 2019 - Diante de todos os dados levantados, especialistas afirmam que o cenário na Bahia não é favorável quando o assunto é atendimento às pessoas com transtornos mentais. Para muitos, ainda faltam profissionais capacitados, leitos de internação pelo SUS, além de melhores cuidados nos Caps, que funcionam como serviços que atuam antes da necessidade do internamento. (...) A psiquiatra afirmou que as transformações que vêm acontecendo quanto à saúde mental não se dão “no tratamento disponibilizado, mas, sim, nas políticas de saúde de dezembro de 2017, e na criação da Nova Política Nacional de Saúde Mental.

---

<sup>36</sup> Na íntegra pelo link: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/15-pessoas-sao-internadas-por-dia-pelo-sus-com-transtornos-mentais-na-bahia/> Acesso em 05/04/2019.

Cabe retomar as reflexões de Paulon e Delgado já expostos nesse trabalho em relação ao tema da Nova Política Nacional de Saúde Mental que questionam tal política. Esta, por sua vez, resulta em uma agenda neoliberal que traz consequências preocupantes para a qualidade de vida no país ao impactar diretamente no campo da saúde. De maneira resumida, as medidas dessa política que preocupam profissionais da saúde, usuários dos serviços de saúde do SUS e familiares, além daqueles implicados ao setor da saúde e que fazem parte aos movimentos de luta, são basicamente as seguintes: “reforço do papel estratégico do hospital psiquiátrico; ênfase na internação de crianças e adolescentes; ênfase em métodos biológicos de tratamento, como a eletroconvulsoterapia; disjunção entre a saúde mental e a política de álcool e outras drogas; e condenação das estratégias de redução de danos” (DELGADO, 2019, p. 3).

Apresentados esses discursos em notícias distintas, algumas aproximações permitem compreender distintos setores e ações na cidade de maneira conectada, e não fragmentada. Dessa forma, saúde e turismo podem ficar mais próximos quando vemos as respostas do poder público ao justificarem privatizações, obras de revitalização, prioridades e visibilidade que dão aos dois campos. No primeiro conjunto de discursos em que o Fera Palace Hotel é central, a prefeitura faz uso de desastres como deslizamentos em períodos de chuva ou insalubridade de casarões, para mobilizar as suas propostas vistas como melhorias – ainda que desconsiderando parte da população, por sua vez, retirada de seu contexto para que atividades rentáveis vinculadas ao turismo, por exemplo, aconteçam. Também mobilizado pelos discursos da precarização apontada nos serviços públicos de saúde, o Governo promove um desmonte do Sistema Único de Saúde, público e gratuito para toda a população, que ao invés de tomar sua responsabilidade de melhoria, empreende uma privatização do setor e prejudica aqueles que não podem pagar por um plano de saúde. Esses são apenas possíveis entendimentos sobre como as motivações e condução de discursos, mesmo que de diferentes maneiras e em setores distintos, operam dentro de uma lógica semelhante. Portanto, dinâmicas entre acolher e alienar me parecem ações que se combinam e caminham juntas, marcando espaços e relações neles existentes.

Vendo nessas notícias diferentes posicionamentos sobre o Centro Antigo enquanto narrativas em disputa, não seria estranho pensar que toda articulação política pode ser uma ficção, onde discursos são criados e conduzidos cada um à sua maneira, indicando intenções, mundos e caminhos possíveis. Os artífices da Ladeira da Conceição, por exemplo, contam sua realidade enquanto a prefeitura apresenta outra que justifique suas decisões. Ou ainda, as versões de quem seria o dono da Rua Chile, em uma das notícias, o título é atribuído ao empresário Mazzafera logo após sua compra de inúmeros imóveis na região, enquanto o livro a Mulher de Roxo, vê essa figura errante parte da história de Salvador como a dona da Rua Chile. Então, poderíamos questionar se as reportagens analisadas não seriam elas mesmas simulações de verdades ou ficções.

## **6. Percorrendo lugares de acolhida na cidade**

Tendo em mente que o ato de acolher não se faz em um ou outro lugar específico, ainda assim, são criados e delimitados espaços com essa finalidade a partir de investimentos públicos. Por isso, nesta etapa da pesquisa, subdividida em 3 partes, passarei por instituições que prestam acolhimento, entre outros espaços; pelo orçamento que mostra as prioridades de investimentos da Prefeitura de Salvador, mantendo a atenção nos valores destinados para saúde e turismo, campos que aproximo aqui e; por fim pelo que é possível criar a respeito de lugares do acolher.

### **6.1. Pelas instituições e outros espaços**

Entender onde estão localizados os serviços oferecidos será importante para ver possíveis redes de acolhimento. Uma vez que é feito e acontece para além de instituições, ultrapassando os limites dos serviços, cabe perguntar quais outros lugares se faz o acolher. Será possível traçar lugares acolhedores ou lugares definidos para essa finalidade? Quais seriam os parâmetros para isso?

Partirei de um acontecimento-encontro vivenciado em trabalho de campo para delinear uma possível rede. Usando da estratégia de estar disponível para a rua, me posicionei algumas vezes diante do CAPS Antônio Pellegrino, lugar onde se deu esse acontecimento-encontro: era um homem que saía do CAPS e caminhava em direção ao Campo da Pólvora. Percorri junto a ele os caminhos que iriam conduzir até a Paróquia do Santíssimo Sacramento e Sant'Ana. Ao longo da caminhada, ele estabelece encontros que só observo, passa por lavadores de carros e vendedores ambulantes com quem mantém conversas, toma lugar em uma praça por algum tempo – o Campo da Pólvora – e, por fim, entra na paróquia. Essa simples caminhada e os encontros feitos nela me levam a pensar como a cidade dá conta do acolhimento e como simplesmente caminhar já seria algo importante por si só, já que uma das formas de inclusão social e promoção da autonomia do usuário é possibilitando sua circulação pela cidade. Afinal, é necessário circular para manter suas atividades e atendimento junto à rede. Para que a RAPS funcione dentro dos seus objetivos, precisa garantir articulação entre os pontos de atenção das redes de saúde no território. Ou seja, o CAPS, que faz parte da RAPS, precisa estar integrado e permitindo ao usuário da rede essa circulação, já que mantê-lo inserido nas dinâmicas da cidade é algo possível com esse modelo territorial e deve ser sempre potencializado, visto anteriormente os possíveis ganhos da cidade quando aberta para a diferença.

Considerando a diversidade de caminhos possíveis entre o Fera Palace Hotel e o CAPS Antônio Pellegrino, quais seriam as instituições disponíveis para acolher nesse trajeto? Entendendo como limitante uma demarcação de lugares pontuais, apresentarei um mapeamento com a única intenção de ilustrar geograficamente alguns dos pontos de acolhimento encontrados. Levarei em conta a vivência do acontecimento-encontro descrito, para identificar além do CAPS e do hotel, também igrejas, outros hotéis, praças, associações e centros que possibilitam práticas de acolhimento, pautadas nos pressupostos de hospitalidade, potencialização das relações entre sujeitos, integração com equipamentos culturais e na possibilidade de encontros, de acordo com aqueles conceitos e entendimentos dos campos do turismo e da saúde.

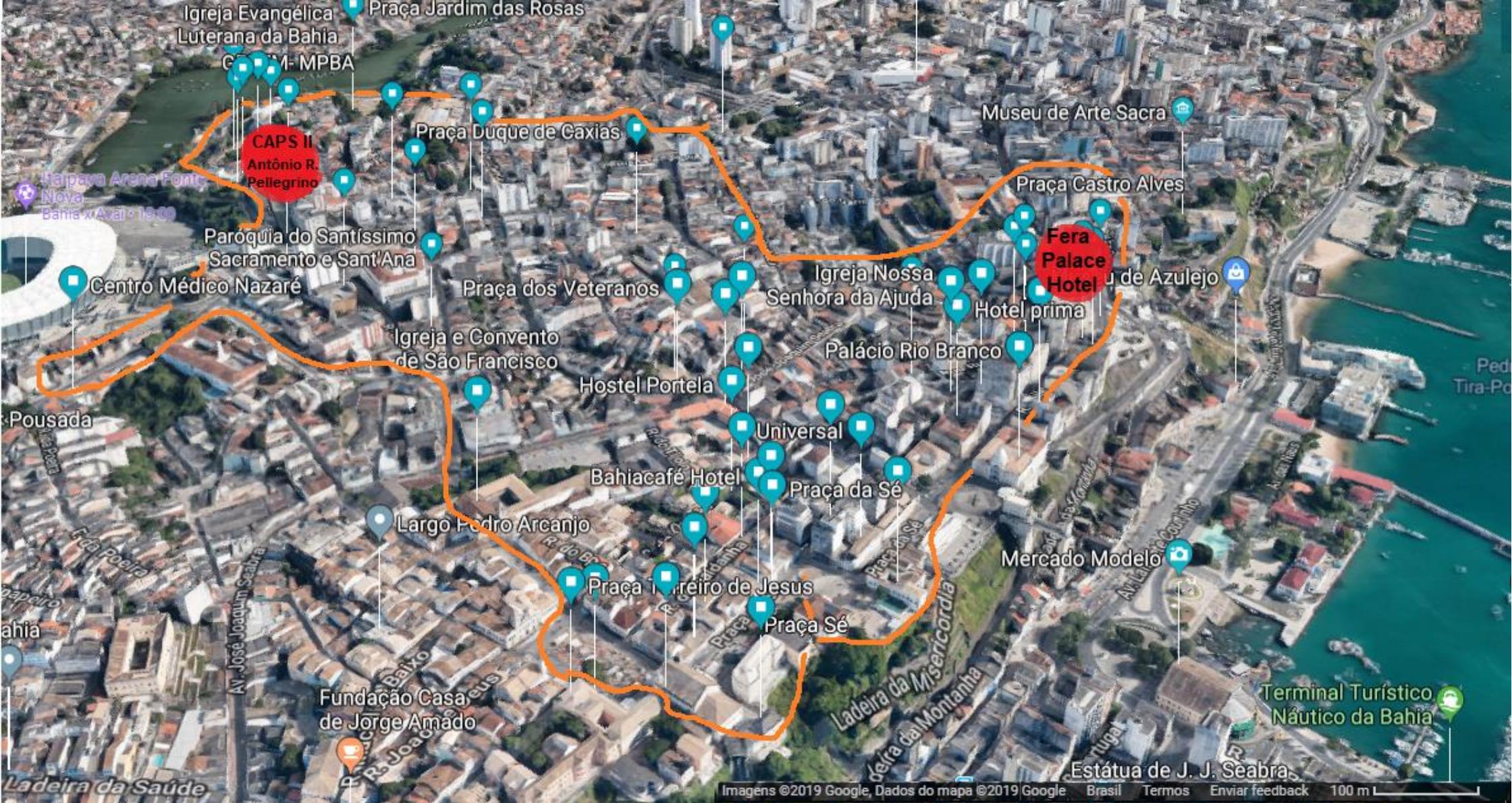


Figura 5: Lugares de acolhimento em instituições, entre outros, no percurso entre CAPS e o hotel pontuados usando o googlemaps.

Os pontos azuis<sup>37</sup>, marcados com o uso do mapa do Google, encontram-se dentro do percurso que considera as redondezas e os caminhos que levam do CAPS II Antônio Pellegrino ao Fera Palace Hotel, ou vice-versa, definido nessa imagem pela linha de cor laranja. Localizados 51 pontos, a maioria deles institucionalizados, não pretendo catalogar cada um, mas quero destacar um dos pontos em especial por desempenhar importante papel no atendimento à saúde mental, já que tive a oportunidade de conhecer o trabalho que fazem. Justo ao lado do CAPS fica a Comunidade Cidadania e Vida, a ONG gestora do programa Corra pro Abraço. Essa ONG tem convênio com a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Governo do Estado da Bahia e faz o acolhimento, tratamento e reinserção social de pessoas usuárias de substâncias psicoativas. O programa Corra pro Abraço funciona desde 2013, usa de uma abordagem de cunho psicossocial, e da Arte-Educação, a partir de múltiplas linguagens. “Espaços urbanos complexos, marcados pela violência e pela exclusão, estão sendo sistematicamente invadidos pela criatividade, pela dialogicidade, pelo afeto, pelo Encontro”. (Corra pro Abraço, 2016, p. 12). Assim, é pelo uso da arte-educação nas ruas que objetiva a criação de vínculos, escuta, demandas, encaminhamentos e acompanhamento dos usuários, disponibilizando o cuidado em saúde e saúde mental, nos princípios da redução de danos já que seu foco é atender a população em situação de rua e usuários de álcool

---

<sup>37</sup> Dos 16 hotéis: Hotel Fasano, Don Juan Hotel, Fera Palace Hotel, Chile Hotel, Hotel Prima, La Ventana Hostel & Bistrô, Hotel Dom Passos, Fonte Nova Hostel, Hostel Hospeda Salvador, Bahia Café Hotel, Hostel Pelourinho, Fusion Guesthouse, Hostel Portela, Hotel Ilhéus, Hotel França, Arthemis Hotel. Das 10 instituições religiosas: Círculo Espírita da Oração, Igreja Evangélica Luterana da Bahia, Associação Bahia da Igreja Adventista, Igreja Adventista Central de Salvador, Paróquia do Santíssimo Sacramento e Sant’Ana, Igreja Batista Missionária da Independência, Igreja Nossa Senhora da Ajuda, Universal, catedral basílica de salvador, Igreja e convento de são Francisco, Dos equipamentos culturais que fortalecem as redes de acolhimento tanto do turismo como da saúde mental: Fundação Gregório de Matos, Museu Cultural Afro Brasileiro, Muncab, Palácio Rio Branco, Espaço Cultural da Barroquinha, Museu da Misericórdia, Casa do Carnaval da Bahia, Museu Afro-Brasileiro da UFBA, Museu de Energia, FUNCEB, centro cultural casa de angola. Praças: Praça castro Alves, praça tereza Cristina lustosa, praça jardim das rosas, praça carneiro ribeiro, praça campo da pólvora, praça duque de caxias, praça dos veteranos, praça terreiro de jesus, praça da sé. Dos hospitais: Centro médico Nazaré e Santa Casa. Outras instituições: GEDEM – **Grupo de Atuação Especial em Defesa da Mulher e População LGBT**; Comunidade Cidadania e Vida, responsável pelo programa do governo do estado Corra Pro Abraço.

e outras drogas. É um serviço que se relaciona, talvez mais que outros, diretamente com a rua e o cotidiano da cidade (Corra pro Abraço, 2016), feito para contribuir e fortalecer os serviços em rede.

Da imagem anterior, pode-se entender que, entre hotéis que recepcionam e permitem dinamizar o turismo; equipamentos culturais onde acontecem encontros entre diferentes figuras – podendo o louco e o turista criarem relações, além de disponibilizar atividades e propagar diferentes tipos de conhecimento - entre as instituições e espaços de fé, que abrem as portas justamente como lugar acolhedor e; grupos que oferecem apoio a populações que precisam de atenção especial, enfim, entre todos esses equipamentos e instituições pode ser estabelecida uma grande rede acolhedora. O fato de as instituições existirem não implica que o acolhimento será de fato realizado, mas a existência delas já indica e mostra sinais de uma potência para o acolher.

Nessa discussão, o mapa é apenas um instrumento, um retrato estático e não deixa ver algo que o contém e está por transbordar a todo tempo. Fluxos e movimentos não aparecem nele, mas são o que o fazem e dão sentido ao acolhimento enquanto ação. Disso se trata a parte final desse trabalho.

## **6.2. Pelo dinheiro: o que podem mostrar orçamentos públicos?**

Tentar seguir os caminhos que percorrem o dinheiro público parece ser importante se quisermos entender as ações e decisões políticas que conduzem investimentos públicos, seja no setor de saúde, do turismo ou em qualquer outro. Nessa direção, um primeiro passo a ser dado é a busca por orçamentos públicos, já que se trata de um instrumento público de planejamento e execução das finanças do Estado. Em nível municipal, a Lei Orçamentária Anual estabelece as arrecadações e direcionamento do dinheiro público, indicando as prioridades que os governos estabelecem. Podemos ver os valores destinados aos diferentes âmbitos, tais como saúde, educação, turismo e cultura, obras, entre outros. Além disso, são apresentadas nesse documento informações de quais programas são contemplados pela prefeitura e quais os montantes destinados a cada um deles.

Partindo do pressuposto de que “o orçamento não deixa mentir”<sup>38</sup>, é fundamental essa tentativa de compreender as movimentações financeiras contidas nele, já que repercutem diretamente nas políticas de saúde mental e de turismo, portanto, nas formas de acolhimento existentes na cidade. Ainda mais importante é estarmos próximos das leis orçamentárias, visto que medidas inconstitucionais são tomadas e fazem parte de um cenário de desmonte dos serviços públicos, basta considerarmos os cortes indevidos no setor da educação<sup>39</sup> – além do setor da saúde.

Seguiremos os indícios e rastros que o dinheiro deixa para entender melhor como atingem os sujeitos. Faço então minhas buscas pelos últimos orçamentos apresentados pela Prefeitura Municipal de Salvador no portal da Transparência<sup>40</sup> e encontro as primeiras dificuldades: os arquivos que envolvem os orçamentos são dispersos, se encontram em diferentes portais virtuais e, ao desconhecer os termos contidos neles, é necessário consultar o glossário explicativo do site da Transparência. Um dos arquivos encontrados no site da Casa Civil<sup>41</sup>– LEI DE DIRETRIZES ORÇAMENTÁRIA, PRIORIDADES E METAS PARA 2019 - apresenta todos os programas contemplados pelo orçamento. Destacarei adiante quais programas indicam ações destinadas ao turismo e à

---

<sup>38</sup> Frase proferida calorosamente por Leonardo Pinho, presidente da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL Brasil) e secretário da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME) durante mesa do Fórum Social Mundial de 2018, intitulada “Alterações na Política Nacional de Saúde Mental e os impactos na Luta Antimanicomial”.

<sup>39</sup> A revista Exame escreve sobre o assunto, argumentando do descumprimento na legislação brasileira que esse corte representa. O link está disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/cortes-do-mec-nas-universidades-federais-podem-ferir-a-legislacao/> Acesso em: 04/05/2019.

<sup>40</sup> Transparência de Salvador, pelo link: <http://www.transparencia.salvador.ba.gov.br>. Acesso em 03/04/2019.

<sup>41</sup> O arquivo na íntegra pode ser encontrado no site da Casa Civil, disponível pelo link a seguir: <http://casacivil.salvador.ba.gov.br/orcamentos/LDO/include/files/2019/05Prioridades%20e%20Metas/Anexo%20I%20-%20Prioridades%20e%20Metas%20LDO-2019.pdf>. Acesso em 05/04/2019.

saúde. Por fim, o orçamento previsto e definido pela Prefeitura Municipal de Salvador referente ao ano de 2019, está disponível através do portal de Leis Municipais<sup>42</sup>.

O que cabe trazer do orçamento para discutir nesse trabalho são fundamentalmente alguns dados e valores, que tensionarei junto a notícias institucionais para ajudar a desvendar os caminhos do dinheiro ao final dessa parte. O valor estimado que o orçamento municipal de Salvador dispõe é de R\$ 7,8 bilhões para este ano. Direcionado à Secretaria Municipal de Saúde, no entanto, é o valor estimado em R\$ 1,6 bilhões dos quais R\$ 511.561.000,00 (mais de 511 milhões de reais) são destinados a dois programas diretamente relacionados aos serviços de acolhimento e atenção básica (Saúde ao Alcance de Todos e Salvador Cidadã - Acolhedora, Justa e Igualitária). Daqueles R\$ 7,8 bilhões, vão para o Turismo e Cultura R\$ 313.627.000,00 (ou seja, mais que metade do total que se destina aos programas que envolvem a RAPS e, conseqüentemente o CAPS), dividindo o valor entre três unidades desse setor, são a Fundação Gregório de Matos, SALTUR – Empresa Salvador Turismo e a SECULT - Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. A prefeitura também lança um programa específico para atender aos interesses turísticos dentro do valor destinado ao setor, é o Salvador – Capital do Turismo, Cultura, Lazer. Os programas têm os seguintes objetivos, de acordo com a prefeitura:

**Salvador Cidadã - Acolhedora, Justa e Igualitária** Tornar Salvador referência na garantia de direitos e na proteção de pessoas em situação de vulnerabilidade social, assim como enfrentar a pobreza e a desigualdade, provendo assistência social de qualidade. Para alcançar o objetivo, pretende-se transformar a capital em referência de políticas para a população negra, valorizando a cultura e promovendo a igualdade de oportunidades. Em relação à população LGBT, busca-se o combate à discriminação, a promoção de ações educativas e o acesso à cidadania. Pretende-se também fortalecer as políticas de atenção, redução da violência e empoderamento da mulher, contribuindo para a redução das

---

<sup>42</sup> Portal Leis Municipais de Salvador, o arquivo completo onde se encontra os detalhes orçamentários para 2019 está disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2018/943/9435/lei-ordinaria-n-9435-2018-estima-a-receita-e-fixa-a-despesa-do-municipio-de-salvador-para-o-exercicio-de-2019-e-da-outras-providencias>. Acesso em 16/04/2019.

desigualdades de gênero. O atendimento a crianças, jovens e idosos em situação de vulnerabilidade social constitui outra frente de atuação.

**Saúde ao alcance de todos** - Aumentar a oferta de serviços da atenção básica de qualidade, com cobertura plena nas regiões mais carentes, assim como expandir a oferta de serviços especializados de saúde na capital, assegurando serviços humanizados com equidade e no tempo adequado ao atendimento das necessidades de saúde. Para alcançar esse objetivo, pretende-se construir o primeiro hospital municipal, com capacidade para atendimentos em média e alta complexidade, expandir a rede de atenção básica, enfocando a Estratégia de Saúde da Família (ESF), disponibilizando profissionais qualificados nessas unidades. Medidas como construção, reforma e adequação de unidades de saúde, adequação e manutenção de multicentros e ampliação da rede de urgência e emergência também estão previstas para fortalecer a infraestrutura.

**Salvador – Capital do Turismo, Cultura, Lazer** - Reforçar a liderança de Salvador como principal destino turístico do Norte e Nordeste, valorizando o patrimônio histórico, cultural e natural da cidade, articulando ações com o trade turístico e firmando parcerias estratégicas. As iniciativas para alcançar este objetivo envolvem a ampliação do fluxo turístico para Salvador, sobretudo nos períodos de média e baixa estações, o fortalecimento de roteiros culturais e religiosos, a promoção de melhorias e a dinamização do Centro Histórico. Estimular o turismo de negócios e a captação de grandes eventos constitui uma estratégia fundamental para alcançar este objetivo. Pretende-se, também, assegurar a preservação de bens culturais, garantir o acesso a esses bens e fomentar a leitura e a escrita a partir de atividades de promoção do livro. (PMS - PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR LEI DE DIRETRIZES ORÇAMENTÁRIA ANEXO I PRIORIDADES E METAS PARA 2019).

Resumido de maneira simples, apresento a síntese dos valores dessa forma:

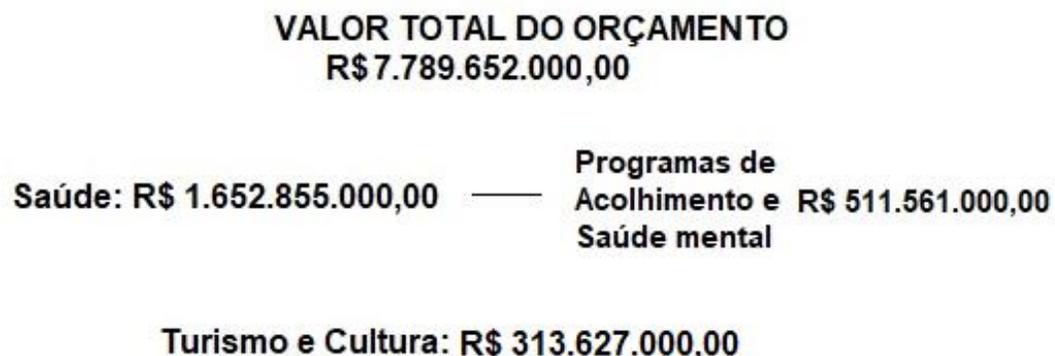


Figura 6: Elaboração própria baseado nos valores disponibilizados no anexo da lei 9435 de 2018, do orçamento municipal de Salvador exercício 2019.

Tais números indicam claramente que o setor da saúde, mesmo quando consideramos apenas os programas que dizem diretamente da saúde mental e dos serviços de acolhimento, recebem maior parcela do orçamento total que o setor do turismo e cultura (estes, organizados em uma única secretaria). Ainda assim, ao continuar pelos portais oficiais buscando notícias que complementem no entendimento das informações apresentadas no orçamento (de forma técnica, por sinal) vejo paradoxalmente que o que sobressai e tem maior visibilidade na comunicação feita pela prefeitura é sempre relacionado ao turismo, mostrando benefícios dos investimentos apostados neste setor através de projetos de melhoria como o da Orla e a implantação de museus e outras obras voltadas para infraestrutura turística, como aponta a notícia divulgada pelo Ministério do Turismo<sup>43</sup>. Outra informação

<sup>43</sup> Publicada em junho de 2017 pelo Ministério do Turismo, disponível em: [http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7856-salvador-recebe-r\\$-300-milh%C3%B5es-para-impulsionar-o-turismo.html](http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7856-salvador-recebe-r$-300-milh%C3%B5es-para-impulsionar-o-turismo.html). Acesso em 26/04/2019.

dessa notícia é a participação do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento nesse setor, em que o prefeito de Salvador, ACM Neto, firma contrato com o banco internacional para realização de tais investimentos.

Por outro lado, o que aparece sobre a saúde e especialmente sobre os CAPS, é da suspensão do repasse de recursos<sup>44</sup>. Trata-se de uma portaria publicada no Diário Oficial da União. Mesmo indo além das ações da prefeitura de Salvador, por ser de âmbito nacional, afeta os serviços que integram a RAPS no país inteiro. Suspender o repasse do recurso financeiro destinado a esses serviços impacta diretamente nos espaços de acolhimento. A justificativa dessa medida seria por ausência de registros de procedimentos nos sistemas de informação do SUS.

Se retomarmos os dados e a discussão da matéria apresentada anteriormente da *The Intercept* Brasil, relacionando às informações orçamentárias e notícias oficiais, podemos aprofundar um pouco mais nos impactos na cidade em relação aos investimentos voltados ao Turismo. Veremos que outros programas destinados ao desenvolvimento econômico e requalificação de imóveis afetam diretamente o Centro Antigo e Centro Histórico, que interessa para a discussão desse trabalho, entre outras partes da cidade. Ainda que não estejam vinculados à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, os programas Salvador 360 e o Revitalizar apontam relações diretas com o setor turístico. O primeiro deles, Salvador 360, lançado pela prefeitura em 2017, conta com

8 eixos e 360 medidas, para acelerar o crescimento econômico e social de Salvador. São 3 bilhões de reais investidos na modernização da infraestrutura da cidade e na requalificação do centro histórico. O programa conta também com uma série de ações para simplificar a vida do cidadão, atrair empresas, gerar empregos e fortalecer a economia informal. Além disso, Salvador vai ganhar um hub digital, novos investimentos em sustentabilidade e um polo de economia criativa. (Prefeitura de Salvador, <http://360.salvador.ba.gov.br/>).

---

<sup>44</sup> Pode ser consultada pelo seguinte link: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/50486628/do1-2018-11-16-portaria-n-3-659-de-14-de-n](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/50486628/do1-2018-11-16-portaria-n-3-659-de-14-de-n). Acesso em 26/04/2019.

**PISTA: Transparência opaca.** Fazendo uso aqui do CAPS, sentado nessa varanda... Me peguei pensando numa Dentre os eixos, o Centro Histórico é onde se propõe várias intervenções urbanísticas, com requalificações pelo centro da questão óbvia a quem faz uso de qualquer serviço. O dinheiro por trás dele, e na frente dele também. Quando cidade. A entrega de museus está prevista nesse eixo e mudar completamente o perfil urbanístico da região é também uma das usamos um serviço público, penso eu, consideramos todos aqueles impostos que eu ou qualquer pessoa que consta propostas. A matéria, escrita em tom de denúncia, aponta que os “hotéis de luxo Fera Palace e Fasano, cujas diárias variam de R\$ nos registros documentais pagamos (sinto é que somos rastreados por eles), queremos retorno. A saúde, assim 400 a R\$ 3,7 mil. Os dois foram contemplados com isenções fiscais no Salvador 360º, de acordo com a Secretaria Municipal de como educação, assim como o poste que ilumina a rua e a sinaleira que fazem contenção de carros e pessoas nas Desenvolvimento e Urbanismo.” Do Programa Revitalizar, de 2016, a prefeitura prevê “Incentivo à Restauração e Recuperação de ruas, é marcada por violências. Escutei histórias de arrear aqui. Ontem mesmo a colega que participa de um grupo Imóveis do Centro Antigo de Salvador (Revitalizar), tem como objetivo estimular a requalificação dos imóveis aí localizados, trazendo de teatro para pessoas que usam dos serviços de saúde mental, me contou de um estupro dentro do CAPS. Ela de volta a vida, o movimento e a circulação de pessoas.” O Fera Palace Hotel, que foi beneficiado pelo projeto da prefeitura, foi viveu essa violência dentro de um lugar feito para acolher pessoas como ela, como eu, como qualquer pessoa. É também pelo governo do estado, “só na Rua Chile, estão sendo investidos cerca de R\$ 5 milhões para eliminar postes, aterrar a fiação e trocar o piso da rua do hotel. No total, o governo estadual promete investir R\$ 124 milhões para recuperar mais de 270 vias de bairros centrais de Salvador”, como aparece na matéria do The Intercept. Na matéria, como apresentado anteriormente, vemos que a vida está presente nessa parte da cidade ainda que a prefeitura veja lugares completamente degradados, os moradores lutam por esse lugar onde vivem e trabalham. A grande questão é a dos despejos feitos pelo poder público para que tal mudança do perfil urbanístico aconteça, usando de recursos e investimentos públicos sob o pretexto de desenvolvimento econômico e melhorias na cidade para remover pessoas de suas casas.

tampa de esgoto que está por ruir, frequenta a associação de moradores e cobra tudo de todo mundo), ela disse Parecem-me maneiras de alienação e acolhimento o que percebo nessas relações. Alienação - tanto em relação aos que apesar de estar ligada nos problemas do bairro, nunca tinha pensado em procurar orçamento público pra conferir orçamentos de difícil acesso e leitura, por parte da população; alienação de pessoas naquele sentido da distância, ao serem o que quer que fosse. Bem, mas eu fiz e no dia que encontrei foi pra ficar olhando número atrás de número quando despejadas de seus territórios existenciais e; acolhimento feito em nome do que se diz desenvolvimento econômico, isenta-se eu ainda tentava entender o que era milhão e o que bilhão e por aí vai. A transparência ela é opaca. Não se vê muita impostos e taxas para empreendimentos como hotéis ao mesmo tempo em que se aumentam os custos de vida para os moradores coisa quando não se tem uma intimidade com aquele documento. Tudo bem, à saúde cabem quantos milhões? que estão inseridos nesses lugares de interesse da prefeitura e de empresários. A matéria do *The Intercept* permite fazer essas Bilhões? Ainda mais? E o que isso quer dizer, afinal, se escuto as queixas que ouço por aqui? Claro, a mim cabe colocações e, ao juntar com as notícias analisadas e apresentadas anteriormente, vemos que o orçamento apresentado estabelece ver o que tem de melhor esse lugar que me recebeu. Mas deve ser a todos nós que cabe o serviço de tentar enxergar paradoxos ao olharmos para ele junto a outras fontes. nas transparências. Ao menos, falar delas que seja.

### 6.3. Pelas possibilidades

**PISTA: O CAPS FAZ SENTIDO.** Vi os passos de um dos homens que frequentava o CAPS por um breve momento. Ele era um dono daquela rua, sem dúvidas, quem orientava os carros passando, quem fazia gestos e discutido nos pontos anteriores. Isso requer outra linguagem, por isso, recorto e colo notícias anteriormente apresentadas, criando montagens onde seja possível ver e pensar releituras delas, remontando e mesclando informações, onde as possibilidades são muitas (dependem não somente de quem as monta, mas talvez ainda mais de quem lê as montagens). Aproveitar do artifício da ficção para pensar possibilidades e romper com realidades, deslocando sentidos de acolhimento e deixando vir à tona os desejos e anseios sobre o acolher é uma das razões de se fazer essa outra maneira de entender o acolher, não mais enquanto ação, agora LGBT. Esperei dois segundos, quando ele já saía com um copinho de café e virou a esquina, onde eu enquanto aquilo que pode vir a ser. A intenção que mobiliza essa linguagem está em problematizar, brincar com contextos e reconfigurar informações. O que busco são possíveis maneiras de furar os espaços de um hotel de luxo em Salvador – colocando em cena corpos deslocados, realocados agora nesses cenários: A rua do hotel Fera Palace; A recepção do hotel; O quarto do hotel. Ao optar por essa releitura dos discursos, deixo vir à tona algumas vontades ou atos falhos a respeito do acolhimento. Retomo Costa, lugar com minhas pistas que a esse entendimento de que o CAPS faz sentido.

Com a ficção passamos da mera descrição do já visto para a problematização do visível, a qual nos permitirá a multiplicação das relações possíveis com o mundo, já que não estamos mais no campo do dado, mas sim da criação, do devir e do virtual: para além dos preconceitos para com as invenções. (COSTA, 2014, p. 559)

Tentarei então abrir o modo de construir conceitos e narrativas usando de colagens que ilustram desejos sobre acolhimento e alienação, tomando-as como provocação para outras narrativas.

**Coreio** Chegada do Fasano amplia leitos de saúde mental de luxo no Centro Histórico



**Cadê os leitos?**

O Ministério da Saúde e Secretaria Municipal de Cultura e afirmam que vão mudar o cenário de Salvador durante to a cidade está estimulando a presença de turistas e o cui saúde mental.



O novo Fasano Salvador, apartamento 106.



**Olá, artesãos: o plano para o centro histórico de Salvador**

Abril de 2019

Com a reforma de praças e ruas no Centro Antigo, há plano para reformar os imóveis dos habitantes da região. Os projetos para o Centro Antigo dos governos municipal e estadual foram desenhados a partir da lógica dos moradores, em sua maioria, negra e pobre. Ao ouvir que as comunidades empobrecidas ganharam isenção fiscal, a população que vive no local respirou fundo e não segurou as lágrimas.



Figura 7: Recortes de figuras e notícias retiradas do google imagens. Elaboração própria.

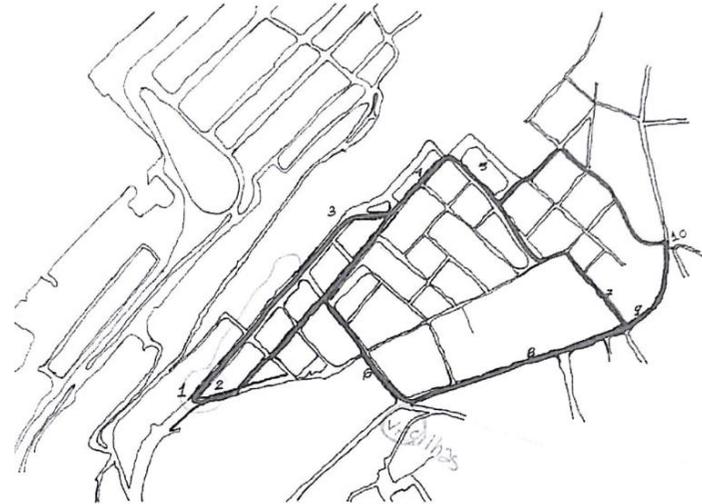
**Luxo no Centro Histórico de Salvador** - A loucura é convidada especial: Mais um hotel de luxo que a cidade ganha. Prefeito e governador, entre homens importantes, trazem convidados ilustres para dar ainda mais importância ao evento. O decorador do hotel pensou ser excelente ideia colocar quadros de Arthur Bispo do Rosário no apartamento 106, o primeiro dos quartos do Hotel Fasano a serem divulgados ainda antes de sua inauguração. Dessa forma, foi inevitável o convite à loucura. Chamaram Bispo do Rosário para posar diante de seus quadros, e mais, Lima Barreto, que ficou hospedado no Pedro II junto dele, no Rio de Janeiro. Sabendo que seu amigo na loucura estaria presente para esse evento baiano, Barreto aceitou também o convite para uma noite de autógrafos. Ambos posaram para uma fotografia desse evento que mobilizou soteropolitanos e turistas, além dos fãs mais loucos do artista e do escritor. No primeiro dia de atividade e funcionamento do hotel, a notícia que saiu anunciava: Chegada do Fasano amplia leitos de saúde mental de luxo no Centro Histórico. Só faltou a Mulher de Roxo dar as caras.

**Reformas no Fera Palace Hotel:** Morar em cidades grandes é ouvir britadeira, furadeira, batedeira e toda barulheira das obras que fazem e refazem a cidade todo dia. Mal se termina uma calçada, é preciso quebrar tudo outra vez para aterrar fios de energia. O Fera Palace aproveitou que obras estavam sendo feitas na Rua Chile e decidiu fazer manutenções pequenas na fachada, que havia sido reformada no ano anterior. Obra sobre obra, reforma sem fim. O prefeito Antônio Colombo Magalhães Neto precisa verificar o redescobrimto das vidas no Centro Antigo, já que tudo se monta e desmonta-se, precisa ser descoberto outra vez. Assim, ele aparece junto ao mestre de obras, com a vista da Baía de Todos os Santos, para verificar como está o andamento de tudo. É projeto que não para de chegar na prefeitura agora que os moradores, em sua maioria negros e pobres, desenharam junto aos governos a reforma de seus imóveis, assim apareceu numa reportagem de abril de 2019. “A população que vive no local, respirou fundo e não conteve as lágrimas”.

**A Mulher de Roxo dá as caras:** Bom, a mulher de roxo dá as caras quando quer. Outro dia disseram tê-la visto no Shopping Barra. Alguns turistas que se hospedam nos hotéis do Centro Antigo logo que chegam, já pedem na recepção aquele mapa com o roteiro de suas andanças e lugares preferidos: “Lugares de Circulação da Mulher de Roxo”.

Em sua homenagem, fizeram até um mural bem grande, um grafite de rapazes de Salvador, na Ladeira da Praça como ponto de interesse turístico. Ela se sentiu lisonjeada, mas ao mesmo tempo achou a imagem vulgar, afinal vive praticamente toda coberta pela roupa de freira e foi retratada com um vestido bem ousado para seus padrões. Segundo os patrocinadores da pintura seria interessante esse novo traje, “As roupas compridas e largas despertam curiosidades”. Fato é que as curiosidades sobre ela movimentam o turismo na cidade.

#### Rua Chile e Arredores, até Baixa dos Sapateiros



#### Lugares de Circulação da Mulher de Roxo

- 1 – Casa Sloper – Rua Chile, 21
- 2 – Palace Hotel – Rua Chile, 20
- 3 – Igreja da Misericórdia – Rua da Misericórdia, 06
- 4 – Praça da Sé
- 5 – Terreiro de Jesus
- 6 – Ladeira da Praça
- 7 – Ladeira do Pax ou Ladeira da Ordem Terceira de São Francisco
- 8 – Rua J. J. Seabra – Baixa dos Sapateiros
- 9 – Albergue Noturno da Baixa dos Sapateiros
- 10 – Restaurante Cris – Rua Fonte Nova do Desterro, 11

Figura 8: Circulação da Mulher de Roxo, do livro Mulher de Roxo – A Dona da Rua Chile (MOURA, 2009, p. 13).



**A rua do hotel Fera Palace:** A Rua Chile, em Salvador, está localizada entre dois cartões postais importantes para esta cidade dos sonhos que aposta no Turismo enquanto atividade econômica, são eles: o Elevador Lacerda e a Praça Castro Alves, justo ao lado do Pelourinho, lugar icônico de toda a Bahia. Suspeitando que poucas ruas falam por si, busco em um livro escrito por uma jornalista algo sobre esta rua (não sei até onde os guias e mapas turísticos vão com seus delírios de consumo). Compro em um sebo que fica na Rua da Ajuda, logo atrás do Fera Palace Hotel, um livro escrito por Patrícia Moura, para saber mais quem é a tal Mulher de Roxo que apenas ouvi o nome. Personagem da Rua Chile, a rua que ela transitava ficou

Conhecida como passarela da cidade, lugar onde as pessoas se encontram, veem e são vistas. Políticos, advogados, juízes, jornalistas, empresários, comerciantes, artistas, intelectuais, escritores, senhoras acompanhadas de seus esposos, senhoritas em busca de futuros maridos, mulheres desacompanhadas, de vida mais alegre e menos convenções sociais, e os rapazes em busca de diversão. Todos passam pela Rua Chile. De bonde, de ônibus ou a pé, o importante é estar por ali. Caminhar pelos quase quatrocentos metros da Rua Chile é desfilar por entre as lojas mais importantes da cidade. (...) para quem sobe a Rua Chile pelo lado direito, o primeiro encanto é com o prédio suntuoso do Palace Hotel, que já teve até um cassino no primeiro andar, animando as noites dos casais endinheirados e turistas importantes que chegavam a Salvador e ali se hospedavam. Hoje o Palace é somente hotel mesmo, mas dos mais bem frequentados, na categoria quatro estrelas. (MOURA, 2009, p. 43 e p. 46)

Olhando para a os recortes na colagem, vejo a rua. Uma das figuras em comum na montagem e na descrição de Moura é o Palace Hotel, imponente, formando uma encruzilhada na Chile. Agora o hotel tem outro dono e, por isso, leva outro nome: *Fera Palace Hotel*. Na colagem, os grandes comerciantes da Rua Chile não estão dentro de lojas luxuosas, são os feirantes da antiga Rua do Couro, que já trabalhavam bem próximos e, dando licença para obras da prefeitura, foram vender sandálias e outras peças de couro trazidas do interior baiano. Os turistas e hóspedes do Fera adoraram essa migração, ótimos compradores para os feirantes. Durante algumas revitalizações no Centro Antigo, na Rua Chile rua foram colocadas réplicas do piso daquele antigo manicômio em Barbacena, substituindo o asfalto. Acredito ter sido uma forma artística de protesto, apoiada pela prefeitura, ao encarceramento dos

que por alguma razão (ou falta de) eram considerados loucos e iam para o interior de Minas Gerais, nesse manicômio que funcionou entre 1903 a 1980 de acordo com o livro *Holocausto Brasileiro* (2013). Essa rua também tem um pedaço de chão de terra, por onde passeia descalça a Mulher de Roxo. O que livro de Moura nos mostra sobre aquela mulher, também retratado na colagem, é que ela é a verdadeira dona da Rua Chile. Em toda sua excentricidade e humildade, ela transita por ali descalça, falando sozinha e é conhecida de todos os que passam por ela. Logo no encontro da Rua do Tesouro com a Rua Chile, vê-se a queda de um orelhão. Ele ainda está ali, porém em queda, talvez para indicar que a escuta está em baixa.

**A recepção do hotel:** Olhando para a montagem-colagem, à esquerda da Rua Chile e do prédio do Fera Palace Hotel, vemos a primeira parte do seu interior, a recepção. Têm acesso à recepção todos aqueles que quiserem algum tipo de acolhimento (daí se justifica a presença de uma orelha gigante que está à altura de algumas janelas do prédio para quem quiser subir e precisar ser ouvido). Será a escuta uma forma de acolhimento? Supondo que sim, o Fera Palace Hotel acolhe essas figuras que outrora viveram no manicômio de Barbacena, e agora têm atendimento psicanalítico logo na recepção, por isso um deles está confortavelmente apoiado no balcão do bar, sentado no chão, aguardando para ser atendido. O outro está apoiado em uma janela (ninguém suspeita que a janela foi trazida de um outro prédio, o manicômio de Barbacena). O sofá já não é mais um sofá, se não um divã. Ao fundo um analista faz escuta gratuitamente a uma mulher. No primeiro plano da recepção, temos uma mulher indígena com seu corpo marcado por mapas, limites geográficos, para indicar de onde ela vem e o que traz em seu corpo, uma forma de legitimar sua posse de terras. Ela quis se hospedar no Fera Palace Hotel e por isso está ali, na recepção, certa de que receberá atendimento de luxo. Todas essas figuras estão confortáveis nessa recepção, com seu acesso garantido pelo fato de serem pessoas que buscam acolhimento.

**O quarto do hotel:** Na montagem-colagem, o quarto fica logo acima da índia da recepção. Os que têm acesso garantido aos quartos do hotel são agora diferenciados dos que estão na recepção, estão uniformizados (para garantir uma diferença de atendimento, será mais humanizado). Esse entendimento dialoga com a notícia do jornal O GLOBO, com um recorte localizado ao lado direito, bem próximo ao homem branco de A Redenção de Cam – que por sua vez olha para essa notícia como quem olha orgulhoso para um futuro, mas na verdade nunca deixou de ser passado. Nessa notícia de 2011, o médico Ricardo Albuquerque, diretor de um hospital psiquiátrico do DF “pondera que, com tantos pacientes, fica difícil para o médico diferenciar funcionários de internos”. Por isso, deve ser importante o uniforme para os que recebem um tipo diferenciado de acolhimento nesse quarto do hotel. São pessoas que precisam ser lembradas do seu caráter humano (já que a humanização de pessoas humanas surpreendentemente ainda faz é discussão após a Reforma Psiquiátrica brasileira). Uma das pessoas está confortável na melhor cama que o Fera Palace Hotel oferece, garantindo um atendimento humanizado. O outro ainda está lidando e se familiarizando com esse espaço que possui uma grade, mas ao mesmo tempo oferece um espaço aberto de saída pela mesma grade. Parece ser uma transição, as grades que prendiam tantas formas de vidas desviantes, vistas como perigosas ao convívio, agora são apenas ornamentais e, os sujeitos que uma vez acreditaram nessa história de que eles eram sim perigosos, estão apenas aprendendo a reler as grades. Ainda não estou certa da função diferenciada do quarto do hotel, seria necessário consultar Mazzafera, o proprietário, e entender suas próprias palavras sobre o assunto de acolhimento diferenciado.

## AONDE CHEGAR

Não sei se há um lugar de chegada após todos os questionamentos, conexões e invenções feitas até aqui. Mas alguns pontos de vista e inquietações que me passaram e que pude perceber nesse processo, devo compartilhar na parte do trabalho que convém chamar conclusão. A metodologia usada se aproxima de um caminhar desviante marcado por um tempo outro, tendo a *flanerie* como uma das referências para experimentar modos de apreensão da cidade. Ao tensionar duas figuras nesse trabalho, representadas pelo louco e pelo turista, vejo em comum entre eles o caráter desviante na forma como vivenciam a cidade e em relação àquilo que está posto enquanto comportamento normatizado e desejado na lógica da aceleração, com modos de uso dos espaços que ultrapassam as normas do planejamento urbano.

Tanto o turista como o louco fazem seus caminhos em um tempo próprio, o que muitas vezes causa incômodos àqueles que precisam conviver com essas figuras sociais. Ambos representam o outro, o estrangeiro e provocam estranhamentos, por isso, muitas vezes há um distanciamento entre os que não querem se contaminar por essas figuras desviantes e acabam privados da alteridade. Também as políticas públicas promovem espaços menos democráticos que seguem a mesma lógica perversa de afastar o outro, o que resulta em grande perda da dimensão subjetiva. No lugar do encontro, o muro, o alienar. Parece estar invertido pensar que o turista representa alienação e, quem precisa de acolhimento e hospitalidade luxuosa é o louco. De todas as formas, o alienar está muito próximo ao acolher, já que para que alguns caibam na cidade – outros precisam ser distanciados.

A pesquisa foi escrita diversas vezes operando a partir de paradoxos, exemplo disso é a surpresa ao perceber que, ainda que o orçamento público apresente investimentos e gastos com Turismo menores que com a Saúde Mental – ainda assim, Salvador é uma cidade turística e o posicionamento das autoridades administrativas diante dessa atividade mostra algo sobre as prioridades a quem acolher. As escolhas do poder público se desdobram em ações – e por que não ações de alienar e acolher? – ditando formas

de fazer espaço e como nos relacionamos nele/com ele. Ainda assim, brechas são rasgadas no tecido urbano, como uma das pistas presente em páginas anteriores dizendo de uma fenda que se abre no espaço dando abertura para perguntas, pensamentos, devaneios ou delírios.

Quando iniciei as conexões e elaborava as primeiras perguntas que se desdobraram no que é agora essa dissertação, os estranhamentos eram maiores do que ao final. Questionada sobre qual era a relação entre cidade, turismo e saúde mental e qual o propósito disso, não soube responder. Levei a pergunta durante todo o processo e, quanto mais pareciam divergentes os assuntos, paradoxalmente, buscar por pontes que ligasse um CAPS com um hotel e, estes com o espaço urbano, fazia ver algo bastante conectado. Ao buscar informações sobre despejos e remoções de pessoas, frequentemente em ocupações de moradia, me deparei com relatos de como os dois campos operariam tão relacionados: ao influenciar e mobilizar especulações imobiliárias, empreendimentos turísticos acabam por atuar juntamente a políticas que resultam em despejo de moradores socioeconomicamente mais desfavorecidos. Ameaçados por atuação policial e conduções violentas, ou pelo medo de um teto desabar enquanto dormem, são claramente fatores que afetam suas condições psíquicas e estão intimamente ligados a políticas públicas. São processos que podem não ser óbvios e, por mais que pareçam dissociadas, as decisões tomadas pelos mais variados atores em relação às ações que afetam diretamente nos diferentes modos de vida urbanos, acontecem de forma bastante alinhada e conectada, umas influenciando e refletindo nas outras.

Ao buscar pontos de diferentes tipos de acolhimento em um mapa, me pergunto se todo lugar é passível de fazer e deixar fazer acolhimento. Com lugares designados para acolher, institucionalizados - seja na perspectiva de um hotel ou de um CAPS – as dinâmicas que envolvem essa ação vão além de lugares pontuais. Outra pista em meio ao texto evidencia esse outro acolher, não institucionalizado e, por acaso, a pista indica o acontecimento e leva o nome *Rua da Ajuda*. O que resgato dessa pista é que os próprios sujeitos fazem o que podem quando há vida que demanda acolhimento, onde o imprevisto faça transformar prontamente

um gelo baiano (aquele bloco de concreto que faz contenção nas ruas) em banco sempre que preciso. A pista descreve esse acontecimento: ao passar por uma das esquinas em obras pelo centro de Salvador, uma senhora não vê o buraco deixado na calçada, provavelmente por uma britadeira, e tropeça. Ao verem a queda, um pipoqueiro não hesita em ajudá-la, oferece o concreto-banco, enquanto um vendedor ambulante oferece gelo para amenizar qualquer ferimento, uma mulher e um homem ficam para apoiá-la e assegurar que está tudo bem. Essa pista retrata como somos passíveis de acolher o outro no imprevisto, reinventando funções para alguns objetos e mobiliários urbanos. Ainda que as pessoas consigam se ajudar umas às outras de maneiras não institucionalizadas, essa é também uma responsabilidade da qual o poder público não pode estar isento, antes, é fundamental que seja o protagonista. Uma pequena questão de manutenção urbana, como a melhoria de ruas e calçadas ou instituir a fiscalização das obras em andamento, pode se desdobrar em muitas consequências, e essa é uma questão que deve caber nos orçamentos públicos assim como grandes obras de requalificação que têm amplo destaque e impacto.

Outra medida ainda sobre essa responsabilização, poderia ser a seguinte: ao invés de destinar verbas aos hospitais e impulsionar abertura de equipamentos como esse visando ampliação de leitos e internações, outras dimensões do cuidado e do acolhimento podem ter relevância talvez até maior, por exemplo, apostar nos serviços de saúde no território para que não seja necessário chegar até o hospital, uma vez que a Rede de Atenção Psicossocial poderia dar conta do atendimento daqueles que precisam de cuidado e tratamento específicos (o que a Reforma Psiquiátrica almeja). Assim, cuidar em liberdade fortalecendo as relações com a cidade e ampliando territórios existenciais – onde estão equipamentos culturais, espaços públicos e onde se dão os encontros – é fundamental para a melhoria da saúde mental para todos. Investir e apostar por essas outras dimensões e na própria discussão do acolher, já é ação que indica caminhos para repensar a própria cidade e as maneiras de fazê-la. A responsabilização do cuidado, portanto, não cabe apenas a um departamento ou setor de saúde, mas é de grande responsabilidade do poder público em diferentes esferas. Também ter a consciência de um papel cidadão passa pela dimensão do acolhimento. Nessa direção, Paulon

destaca que a cidadania tem algo a aprender com a loucura, “criar espaços nas malhas da cidade à circulação da diferença constitui, por isso, uma possibilidade concreta de repolitização global da prática social e pode ecoar em novas formas de cidadania e produção de um mundo mais plural e acolhedor a todas singularidades”. (p. 775)

Dessa pesquisa fica a compreensão de que as ações acolher e alienar não são uma resposta ou consequência uma da relação à outra. Quero deixar claro o entendimento de que acolhimento não acontece diante de alienações existentes nas formas de produção de cidade, mas são simultâneas e coexistentes em um mesmo espaço. Assim, quando é concedido pelo governo municipal facilidades e isenções fiscais para que um hotel seja inaugurado e funcione como propulsor econômico e equipamento acolhedor ao turismo, ao mesmo tempo maneiras de alienações são reforçadas, fazendo com que para abrir espaço ao lazer de um público seletivo e ao investimento empresarial, são inúmeras as vezes que famílias vivem processos de alienação em relação aos seus territórios, distanciando-as de suas maneiras de existir e de conviver. Além disso, outras formas de alienação acontecem nesse processo ainda, como na reinvenção de sentido da própria história da cidade – como visto em relação ao Pelourinho. Ao resignificar o entendimento ou mudar nome de espaços urbanos (o Mercado do Peixe que vem a ser Vila Caramuru) se somem sentidos para que outras memórias sejam criadas, produzindo alienações entre sujeitos, sua história e o próprio espaço.

No Centro Antigo de Salvador, são feitos aqueles acolhimentos aos turistas, quando nas mesmas ruas acontece também alienação dos sujeitos em relação à sua própria história, seus modos de vida, apartados de direitos fundamentais como o de habitação, do ir e vir e também o direito de lazer. Vendo enquanto ações simultâneas e coexistentes, se faz acolher aos que precisam de atendimento em saúde mental, ao passo que estes estão ainda sujeitos a formas de alienação. O que percebo é que, tanto turistas como moradores e usuários do SUS, estão dentro de dinâmicas do acolher e alienar enquanto parte de um mesmo processo onde há desdobramentos nas formas de fazer cidade, nas experiências e no planejamento urbanos.

Ao urbanista, cabe sair de um padrão enrijecido onde prevalece a forma, a técnica, deixando de conceber a aglomeração urbana exclusivamente em termos de modelos e de funcionalismo (CHOAY) para reinventar seu papel enquanto possibilidade de ativar um corpo vibrátil, flexível, sensível e aberto capaz de contribuir para transformar a vida urbana com propostas feitas em conjunto aos que vivem e de muitas formas fazem as cidades. Sendo assim, sair da rigidez pode ser fundamental para a produção de espaços mais acolhedores e menos alienantes, marcados por bolhas e distanciamentos para dar passagem e abrir fendas onde alteridade seja possível.

Outra compreensão para esse momento da pesquisa é sobre as possibilidades de abertura ao outro, do convite ao rompimento das bolhas (turísticas ou do urbanismo-bolha, como apontado por Fernandes) para pensarmos em *com-junto* as muitas formas de fazer cidade, e isso exige escuta atenta. Retomo o que foi dito antes para concluir: perceber o outro dando espaço a alteridade com a loucura, reconhecer o seu direito à cidade, são fatores indispensáveis ao repensar os modos de fazer cidade. Jacques-Alain Miller (1999), psicanalista francês, aponta a saúde mental enquanto a capacidade de andar bem pela rua e atravessá-la sem ser atropelado e, ainda, atribui uma ideia de boa saúde mental às pessoas em que se confia uma criança para cruzar a rua. Acho importante a relação entre sanidade e a rua, a cidade. Enquanto seguirmos atravessando a rua para desviar do outro, em função de medos (impostos e perpetuados) ou para evitar mal-estar, acredito ser importante discutir a relação entre cidade e saúde mental.

Por último, quero reforçar algumas questões criadas ao longo desse processo chamado Amaciar Dureza enquanto uma forma de fazer academia. Como apresentado no início da pesquisa, a intenção principal com esse manual do cartógrafo era dar lugar aos atravessamentos, encontros e acontecimentos experimentados ao caminhar e escrever cidade num determinado percurso e período temporal. Na busca por produzir uma coerência que possibilite uma narrativa-objeto (COSTA, 2014), amaciar dureza tem mais de uma conotação, tanto o de amaciar a rigidez imposta pela escrita acadêmica, quanto o de suavizar as difíceis relações entre sujeitos-corpos-cidades. Os caminhos dessa dissertação passam por lugares onde a observação é voltada, sobretudo, aos processos de acolhimento e

alienação. Porém, as formas de leitura dependem da perspectiva de cada um e Amaciar Dureza foi pensado para ser não apenas lido, mas tocado e manuseado, remontando em outras formas de interpretação e sobreposição de ideias. Ao comunicar diferentes textos de maneira sobreposta – com alguns escritos em transparência de maneira a transpassar as ideias contidas no texto dissertativo – um dossiê foi entregue junto ao texto acadêmico enquanto material efêmero até então, para apresentar essa narrativa-objeto. Ou seja, a pesquisa estava em andamento ao passo que uma pesquisadora se formava simultaneamente. Desse processo, o último entendimento é o de reconhecer a importância em buscar formas para abrir debates de fato transdisciplinares e então construir espaços menos rígidos ao fazer caber aquilo que já existe na cidade (ou é a cidade): a diferença.

Selecionando algumas fotografias registradas por mim (sem a intenção de ser pesquisa, mas que podem servir para retratar imagens do cotidiano vivido durante os anos em que é escrito esse texto), o dossiê tomou corpo. Na tentativa de fazer ver essa forma do Amaciar Dureza, compartilho a seguir algumas partes que o contém, feito de pistas e ficções sobre Urbanismo, Cidade, Turismo e Saúde Mental.



A

N

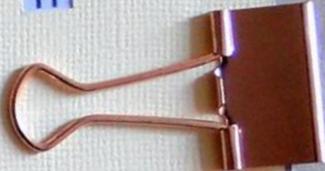
CO



L

H

I



E

AR

**O QUE PODEM MOSTRAR ORÇAMENTOS PÚBLICOS?**

Está ficando no passado o tempo em que e turistas se deparavam Antigo da cidade decadente A Prefeitura está promovendo transformação nessa região, obras e projetos já em andamento

"só na Rua Chile, estão sendo investidos cerca de R\$ 5 milhões para eliminar postes, aterrar a fiação e trocar o piso da rua do hotel. No total, o governo estadual promete investir R\$ 124 milhões para recuperar mais de 270 vias de bairros centrais de Salvador";

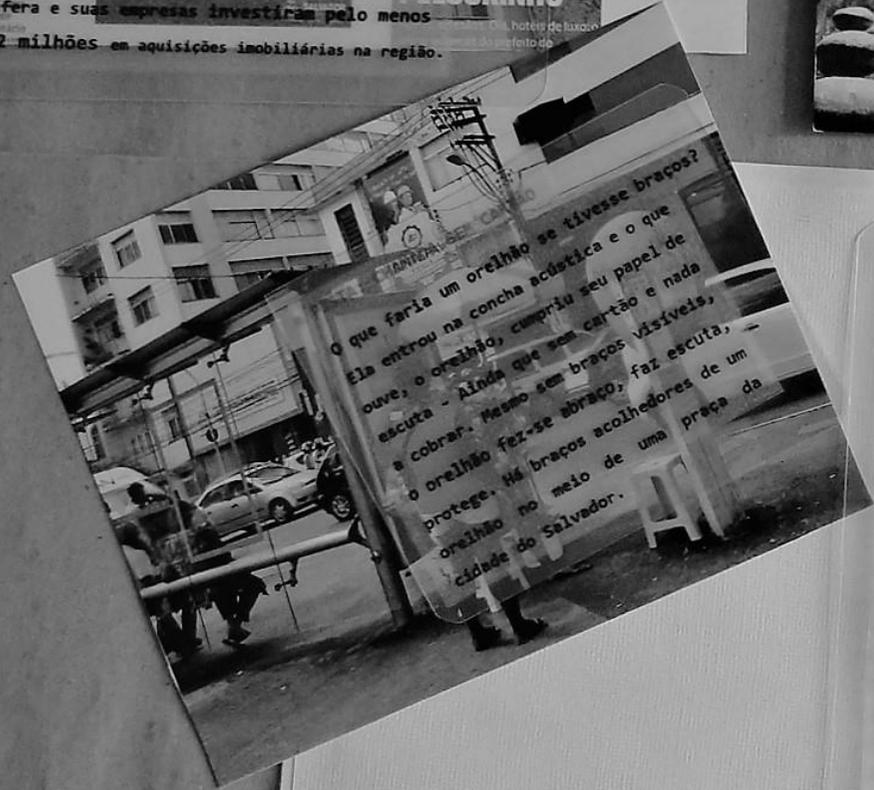
O fim dos trabalhadores do centro Antonio Mazzafera, é também conhecido como "o novo dono da Rua Chile" - nos últimos anos, ele afirma ter assumido o controle de 123 imóveis em 16 prédios nas imediações da rua onde fica o seu hotel. Ele é sócio da Fera Investimentos, que administra o Fera Palace e é sócia da Nova Bahia,

empresa que comprou 75 dos imóveis adquiridos pelo grupo. Uma de suas investidoras é uma offshore sediada no paraíso fiscal das Ilhas Virgens Britânicas chamada Calatrave Invest & Trade Inc. A atuação da Nova Bahia no centro histórico de Salvador se intensificou nos últimos anos. Segundo um levantamento de compras e vendas de imóveis feito pelo Intercept, só entre 2012 e 2017, Mazzafera e suas empresas investiram pelo menos R\$ 12 milhões em aquisições imobiliárias na região.



FAZER CABER  
MEMÓRIA  
COMUNIDADE  
DOAR ESQUECIMENTO  
AFASTAR  
TEMPO POTÊNCIA  
SUBJETIVIDADES  
LAÇOS  
COLO  
DISTANCIAMENTO

ACOLHER ALIENAR  
INTENSIDADES  
CONFORTO CRIAÇÃO  
ENTREGA  
IMAGINÁRIO  
ABRACO PARTICIPAR  
PRÁTICA POLITICA  
CORPO  
VIBRAÇÃO PERMITIR  
VERTIGEM  
DESEJO  
PROTEÇÃO  
PRUDÊNCIA



O que faria um ouvido se tivesse braços? Ela entrou na concha acústica e o que ouviu, o ouvido, cumpriu seu papel de escuta - Ainda que sem braços visíveis, o ouvido fez-se abraço, faz escuta, protege. Há braços acolhedores de um ouvido no meio de uma praça da cidade do Salvador.

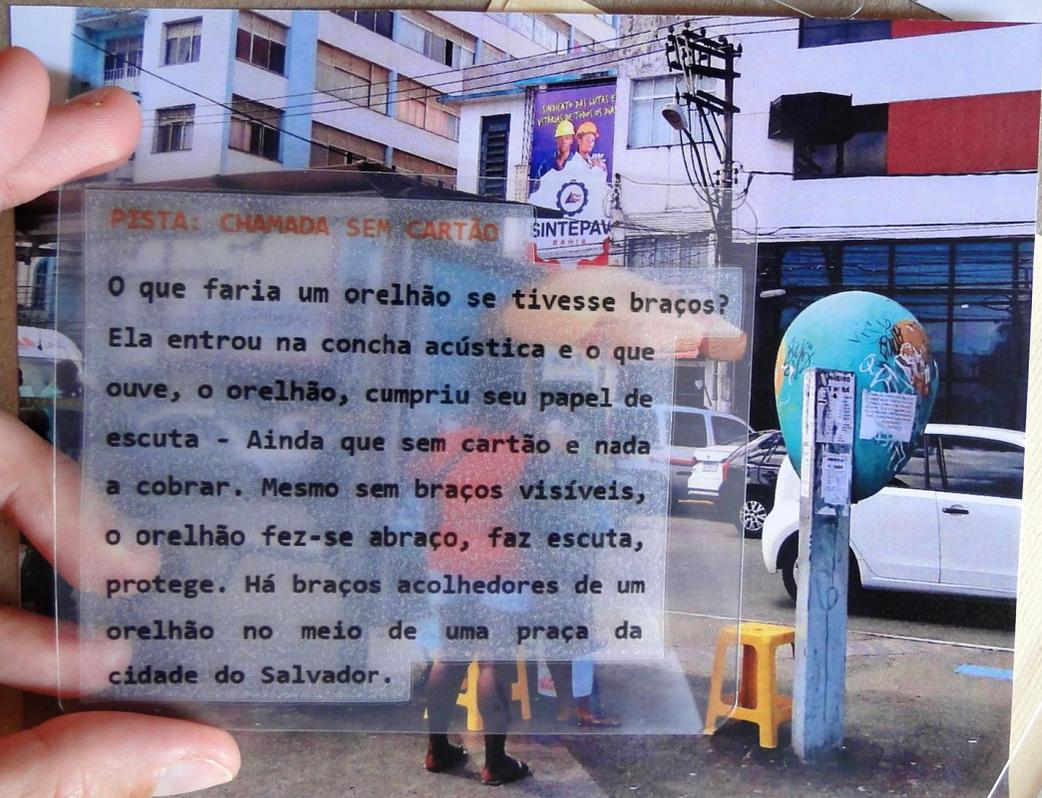
A Mulher de Roxo dá as caras  
Bom, a mulher de roxo dá as caras quando quer. Outro dia disseram tê-la visto no Shopping Barra. Alguns turistas que se hospedam nos hotéis do Centro Antigo logo que chegam, já pedem na recepção aquele mapa com o roteiro de suas andanças e lugares preferidos:

"Lugares de Circulação da Mulher de Roxo".  
Em sua homenagem, fizeram até um mural bem grande, um grafite de rapazes de Salvador, na Ladeira da Praça como ponto de interesse turístico. Ela se sentiu lisonjeada, mas ao mesmo tempo achou a imagem vulgar, afinal vive praticamente toda coberta pela roupa de freira e foi retratada com um vestido bem ousado para seus padrões. Segundo os patrocinadores da pintura, seria interessante esse novo traje, "As roupas compridas e largas despertam curiosidades".

PRODUÇÃO DO ESPAÇO  
ALTERIDADE  
COTIDIANO TERRITÓRIO PRÁTICAS  
CIDADE DESVIO CONDUTAS  
(DES)ACELERAÇÃO INCÔMODO ESTRANHAMENTO  
OUTRO COMPORTAMENTO  
CONTEMPLAÇÃO  
FORA DIFERENÇA TEMPO



... pelo ... 2017, RISCO NO ...  
 menos ...  
 imobiliárias na região. ...  
 ... Olá, hotéis de luxo o ...  
 ... do prefeito de ...



**PISTA: CHAMADA SEM CARTÃO**

O que faria um orelhão se tivesse braços?  
 Ela entrou na concha acústica e o que  
 ouve, o orelhão, cumpriu seu papel de  
 escuta - Ainda que sem cartão e nada  
 a cobrar. Mesmo sem braços visíveis,  
 o orelhão fez-se abraço, faz escuta,  
 protege. Há braços acolhedores de um  
 orelhão no meio de uma praça da  
 cidade do Salvador.



FAZER CABER  
 DOAR  
 AFASTAR  
 GENTRIFICAÇÃO  
 AFETO  
 LAÇOS  
 COLO  
 DISTANCIAMENTO  
 TERRITÓRIO

COMUNIDADE  
 ABRACO  
 DESAPROPRIAR  
 RECONHECER  
 ESTRANHAMENTO  
 BOLHA  
 PROTEÇÃO  
 EXISTENCIAL

ACOLHERALIENAR  
 CONFORTO  
 ENTREC  
 PERMITIR  
 PARTICIPAR  
 A POLÍTICA  
 VITÓRIA

ABERTURA  
 DISPONIBILIDADE  
 PRUDENCIA  
 PRODUÇÃO DO ESPAÇO  
 ALTERIDADE  
 TERRITÓRIO  
 COTIDIANO  
 CIDADÃ  
 PRÁTICA

Elas  
 grandes quando quer.  
 na Barra. Alguns turistas  
 no Centro Antigo logo que  
 turístiquele mapa com o roteiro  
 mesmo preferidos:  
 ... de Circulação da Mulher de Roxo".



## REFERÊNCIAS

---

- ALMEIDA, Thiago Lima de. **Turismo Lafargueano; Uma reflexão sobre a paisagem e o cotidiano das cidades.** (Monografia) Universidade Federal de Minas Gerais. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2013.
- BAPTISTA, L. A. Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas da saúde mental. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Orgs.). **Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 71-84.
- BECHLER, J. Deriva Parada. In Revista Redobra, v. 10, p. 56-63, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. (1985 [1955]), "Paris, capital do século XIX", in Flávio R. Kothe (org.), *Walter Benjamin*, São Paulo, Ática.
- BIAGIO, M. Avena. Acolhimento de qualidade: fator diferenciador para o incremento do turismo. **Turismo em Análise**, v. 12, n. 1, p. 20-29, maio 2001.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Disponível em: <https://intelectuaisculturaepolitica.files.wordpress.com/2016/02/dicionc3a1rio-pensamento-marxista1.pdf> Acesso em: 12/03/2019.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. A Cidade em Crise. In: **UFMG Diversa, Revista da Universidade Federal de Minas Gerais.** Ano 8 – nº 17 – Agosto de 2009.

BRASIL, **Lei 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais de política urbana e dá outras providências. Brasília, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm) Acesso em: 11/05/2018.

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, seção 1.

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial** – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental. – Brasília: 2015. 548 p. : il. (**Caderno HumanizaSUS ; v. 5**). Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_mental\\_volume\\_5.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_mental_volume_5.pdf) Acesso em: 10/05/2018.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **Dados e Fatos. Estudos, pesquisas e dados sobre o setor de Turismo**. Brasília. Disponível em: <http://www.dadosedatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html> Acesso em 10/05/2018.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi.

CHOAY, Françoise. O urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992

Corra pro abraço: o encontro para o cuidado na rua / Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social; Centro de Referência Integral de Adolescentes. Salvador: SJDHDS, 2016. 164 p.

COSTA, Luciana Assis; BRASIL, Flávia Duque. Cidade, territorialidade e redes na política de saúde mental. *In Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, v. 22, n. 2, p. 435-442, 2014. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.065>>. Acesso em 10/02/2018.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal**, Rev. Psicol. [Online]. 2014, vol.26, n.spe, pp.551-576.

DE BIASE A. Insistência Urbana ou como ir ao encontro dos “imponderáveis da vida autêntica”. In **Revista Redobra**, v.12, ano 5, p. 80-86, 2013.

DELGADO, Pedro Gabriel. Reforma psiquiátrica: estratégias para resistir ao desmonte. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e0020241, 2019. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462019000200200&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462019000200200&lng=pt&tlng=pt). Acesso em 31 mai. 2019. Epub 06-Maio-2019.

FERNANDES, Ana. Decifra-me o te devoro: Urbanismo Corporativo, Cidade-Fragmento e dilemas da prática do urbanismo no Brasil. In: GONZALES, Suely; FRASCISCONI, Jorge G.; PAVIANI, Aldo. **Planejamento e urbanismo na atualidade brasileira: objeto, teoria e prática**. São Paulo/Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013, p.83-107.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 3ra ed. Trad. De Luiz Felipe Baeta Neves. RJ: Forense Universitária, 1987. \_\_\_\_\_ . **A Ordem do Discurso** - Aula inaugural no *College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, [1961] 2017.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). – São Paulo: Martins Fontes, 2008. – (Coleção tópicos).

FURTADO, Juarez Pereira; ODA, Wagner Yoshizaki; BORYSOW, Igor da Costa e KAPP, Silke. **A concepção de território na Saúde Mental. Cad. Saúde Pública [online]**. 2016, vol.32, n.9. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00059116>> Acesso em 17/10/2017.

GALEANO, Eduardo. **Bocas del tiempo**. — 1ra. ed.— Buenos Aires: Catálogos, 2004, 360p.; (Literatura) ISBN 950–895–160–5.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. Trad.: Federico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos**. Tradução de Ana Paula Spolon e Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JACQUES, Paola. **Apologia da deriva: Escritos Situacionistas Sobre a Cidade**. Paola Berenstein Jacques (Org.) Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MACHADO, Leila Domingues e LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Loucura e Subjetividade In: MACHADO, Leila Domingues e LAVRADOR, Maria Cristina Campello e BARROS, Maria Elisabeth (Orgs). **Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 45-58.

MILLER, Jacques-Alain. Saúde mental e ordem pública. **InRevista Curinga**, n.13. p. 14-24. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas. Setembro de 1999. Disponível em [http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao\\_13-pdf.pdf](http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13-pdf.pdf). Acesso em 25/08/2017.

MORAES, F. B.; GOULART, M. G. As dinâmicas da reabilitação urbana: impactos do Projeto Lagoinha. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo Puc Minas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 10, p. 51-71, 2002.

MOURA, Patrícia de Sá. **Mulher de Roxo: a dona da Rua Chile**. 2. Ed. Salvador: Assembléia Legislativa, 2009. 178 p.: Il. – Coleção Gente da Bahia n. 5.

NARCISO, C. A. F. (2008). Espaço público: desenho, organização e poder: o caso de Barcelona. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1736>. Acesso em: 11/05/2018.

NOGUEIRA, M. L. M. **Espaço e subjetividade na cidade privatizada**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Ed. UFMG. Belo Horizonte, Fevereiro de 2013.

NUNES, M.O. O silenciamento da cultura nos (con)textos de cuidado em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, v. 1, n. 2, p. 38-47, 2009. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1125/1360>> Acesso em 03/11/2017.

OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. Estado e turismo: trajetórias do caso baiano. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 12, n. 3, p. 384-398, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

PAULON, Simone Mainieri. Quando a cidade “escuta vozes”: o que a democracia tem a aprender com a loucura. **Interface (Botucatu) [online]**. 2017, vol.21, n.63, p.775-786. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0845>> Acesso em 31/01/2018.

PELBART, Peter Pal. **A Nau do Tempo-Rei**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PINHO, Osmundo de Araújo. Espaço, poder e relações raciais: o caso do Centro Histórico de Salvador. **Revista Afro-ásia**, Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBA. Salvador, Bahia, Brasil. Nº 21 – 22, 1998, p. 257-174. ISSN: 1981-1411.

PITTA, Ana Maria F. Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Instituições, Atores e Políticas Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, núm. 12, 2011, pp. 4579-4589 Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva Rio de Janeiro, Brasil. Consultado em: Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63020981002>> ISSN 1413-8123.

POZZANA, Laura. [A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade](#). **Fractal, Revista de psicol. [online]**. 2013, p. 323-338.

ROCHA, E. A cidade caminhada... o espaço narrado. Revista **Redobra**, v. 11, p. 202-211, 2013.

ROLNIK, S. Fale com ele, ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: GALLI FONSECA, Tânia; ENGELMAN, Selda. (Org.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, v., p. -.

SANTOS, M.M.C.; OLIVEIRA, A.C.R.M.; No Panorama atual da hospitalidade, a presença de novos aportes teóricos. In **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo no Mercosul, Saberes e fazeres no turismo: Interfaces**. 2010. ISSN 1806-0447.

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **CAS - Centro Antigo de Salvador [livro eletrônico]: território de referência**. Salvador: SEI, 2013. 77 p. ISBN 978-85-8121-010-0. Link: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/cas/cas.pdf>.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973 [1903].

